



kusiwa: pintura corporal e arte gráfica *wajãpi*

Os Wajãpi possuem um repertório definido de padrões gráficos chamado *kusiwa*. Cada padrão é identificado por um nome próprio, que abrange também as suas variantes. Folhas de papel, canetas e tintas coloridas ampliaram as possibilidades de combinação dos padrões *kusiwa*. O novo suporte valorizou a criatividade e a expressão individual, em composições que nunca se repetem.

Os desenhos selecionados para este livro integram um acervo composto de duas coleções, reunidas em épocas diferentes e produzidas por membros de diferentes aldeias wajãpi. A primeira data de 1983/84, quando os adultos experimentaram pela primeira vez a aplicação de seus padrões gráficos tradicionais em folhas de papel. A segunda é o produto das “Oficinas de desenho” promovidas pelo Programa Educação do Centro de Trabalho Indigenista / CTI, em 2000.

Esta publicação é parte da Exposição “*Tempo e Espaço na Amazônia: os Wajãpi*”, Museu do Índio - FUNAI, Rio de Janeiro, 2002.

kusiwa: pintura corporal e arte gráfica ***wajãpi***

Ministério da Justiça

Aloysio Nunes Ferreira

Fundação Nacional do Índio / FUNAI

Glenio da Costa Alvarez

Museu do Índio - FUNAI

José Carlos Levinho

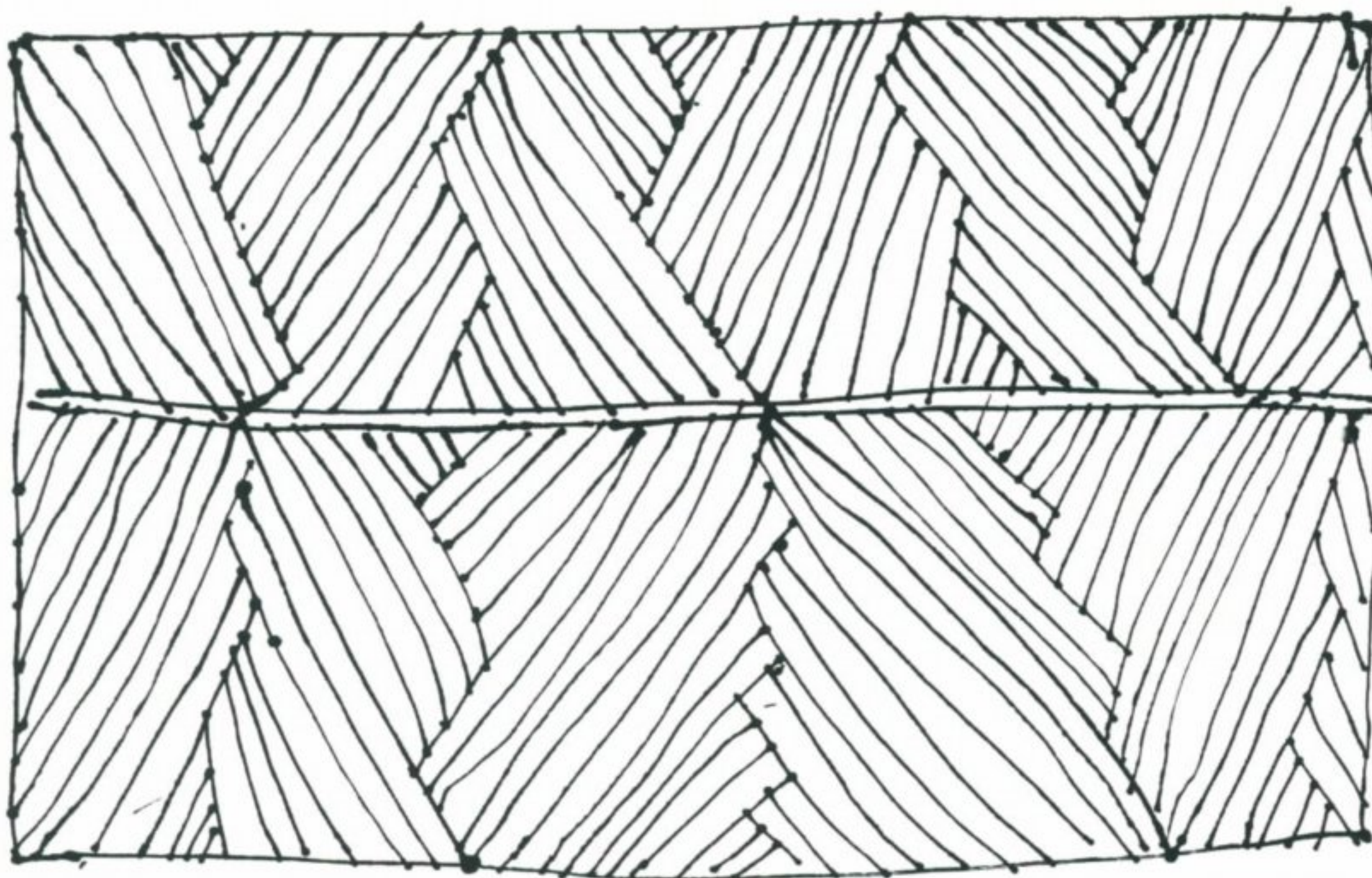
Conselho das Aldeias Wajãpi / APINA

Centro de Trabalho Indigenista / CTI

**Núcleo de História Indígena
e do Indigenismo / NHII-USP**

Apoio

VITAE



Conselho das Aldeias Wajãpi / APINA

***kusiwa*: pintura corporal e arte gráfica wajãpi**

Pesquisa e textos: Dominique Gallois

Ilustrações: índios Wajãpi

Museu do Índio - FUNAI
Centro de Trabalho Indigenista / CTI
Núcleo de História Indígena e do Indigenismo / NHII-USP

Rio de Janeiro
2002

Pesquisa e textos

Dominique Tilkin Gallois

Oficinas de desenho /2000, seleção dos originais, projeto gráfico e capa

Catherine Gallois

Revisão

Denise Fajardo Grupioni

Apoio institucional

Centro de Trabalho Indigenista / CTI,
Núcleo de História Indígena
e do Indigenismo / NHII-USP

Copyright © 2002, Conselho das Aldeias Wajãpi / APINA

Todos os direitos autorais sobre os padrões gráficos, composições e desenhos constantes da presente obra são de natureza coletiva e pertencem exclusivamente ao povo Wajãpi, representado por sua associação.

Fica proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma, dos padrões gráficos, composições e desenhos contidos nesta obra, sem a prévia e expressa autorização, por escrito, do Conselho das Aldeias Wajãpi / APINA.

A renda proveniente da venda desta publicação reverterá integralmente para as atividades sociais do povo Wajãpi, representados pelo Conselho das Aldeias Wajãpi / APINA.

A escrita da língua wajãpi adotada neste livro segue a grafia utilizada pelos professores indígenas, responsáveis pela alfabetização das crianças nas escolas da área. A consoante "j" soa aproximadamente como no inglês "yes". A vogal "y" soa como um "u" pronunciado sem arredondamento dos lábios.

Gallois, Dominique Tilkin

G173k. Kusiwa: pintura corporal e arte gráfica wajãpi/Dominique Tilkin Gallois; ilustrações: índios Wajãpi.- Rio de Janeiro: Museu do Índio-FUNAI/APINA/CTI/NHII-USP, 2002.

72p. : il.; 21 cm.

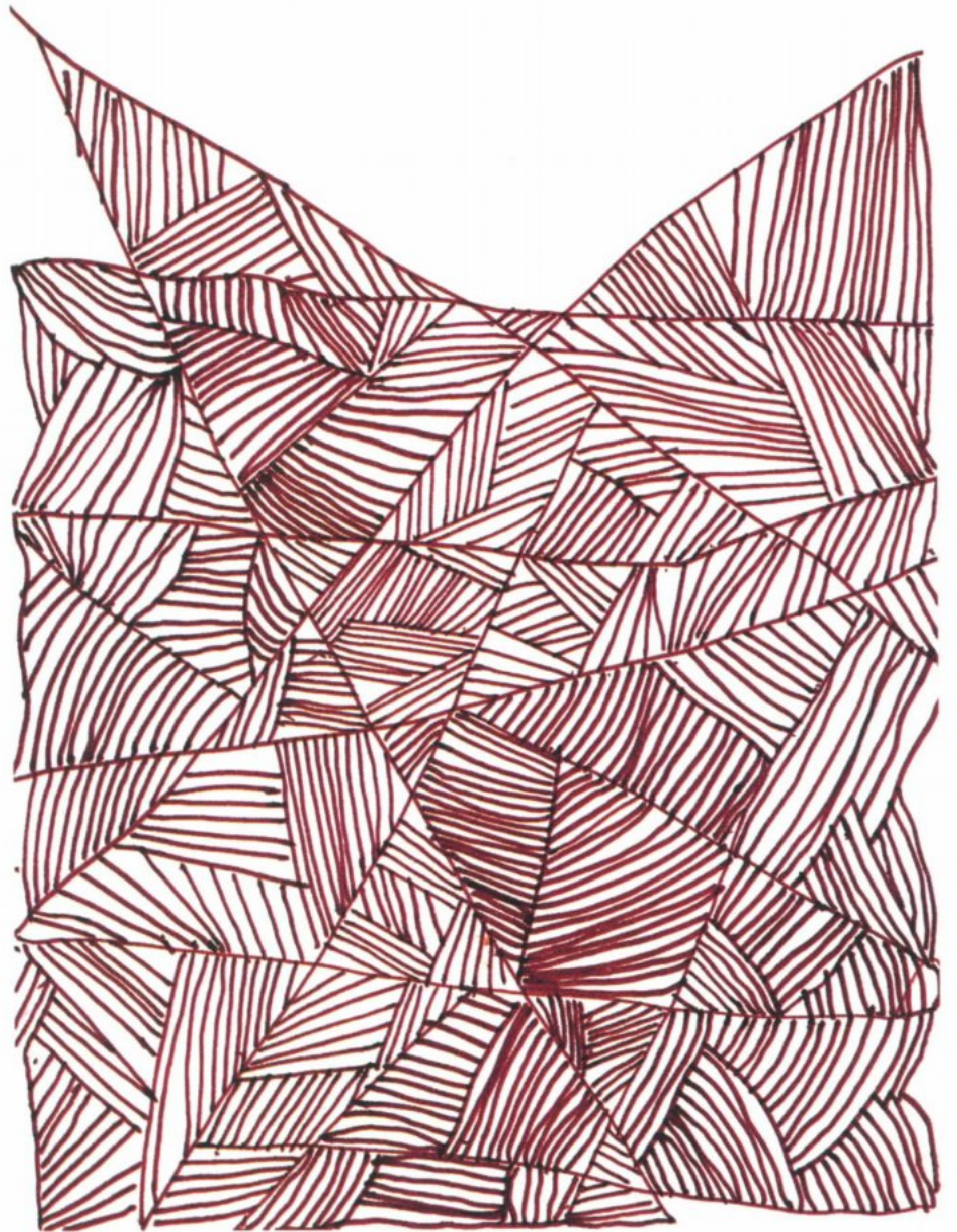
ISBN 85-85986-03-4

I.Arte indígena.2.Pintura corporal.3.Wajãpi.4.Brasil.I.Título.

CDD-704.03981
CDU-7.031.3(81):391.91

SUMÁRIO

7	APRESENTAÇÃO
8	PINTURA CORPORAL WAJĀPI
14	PADRÕES GRÁFICOS
40	COMPOSIÇÕES
60	MITOS
66	DE <i>KUSIWA</i> À ESCRITA
67	OFICINAS DE DESENHO
70	PROPRIEDADE INTELECTUAL
71	CRÉDITOS



APRESENTAÇÃO

A publicação da arte gráfica *kusiwa*, dos Wajãpi (AP), é um produto da maior importância para o Museu do Índio e apresenta-se como resultado de múltiplos esforços. Surge a partir de um consistente trabalho desenvolvido pelo Centro de Trabalho Indigenista / CTI, sob a coordenação da antropóloga Dominique Tilkin Gallois. Oficinas foram organizadas em 2000 para complementar o registro da arte wajãpi de desenhar, iniciado em 1983. Destacam-se, também, a inteligência e a generosidade dos Wajãpi que nos permitem contemplar uma sofisticada e bela manifestação artística. Além disso, tem sido fundamental a vontade política dos dirigentes da Fundação Nacional do Índio / FUNAI que, através do Museu do Índio, apoia, sistematicamente, ações voltadas para a preservação e proteção do patrimônio cultural indígena.

A intensa divulgação dos desenhos *kusiwa* se insere em uma estratégia que visa reconhecer como direito exclusivo dos Wajãpi o uso de suas tradições. Os desenhos fazem parte da exposição “*Tempo e Espaço na Amazônia: os Wajãpi*”, apoiada por VITAE, que permanecerá no Museu do Índio nos anos de 2002 e 2003.

Acreditamos que, com essas iniciativas, estamos dando o primeiro passo na adoção de uma política que se pretende de amplo alcance na identificação, promoção, preservação e proteção dos bens culturais de propriedade das sociedades indígenas.

José Carlos Levinho
Diretor do Museu do Índio

PINTURA CORPORAL WAJĀPI

Para se pintar, os Wajāpi utilizam sementes de urucum, gordura de macaco, suco de jenipapo verde, resinas perfumadas. Representam peixes, cobras, pássaros, borboletas, objetos como a lima de ferro. As pinturas aplicadas no corpo não são tatuagens nem decalques, nem são marcas étnicas ou símbolos rituais. É sua tradição decorar corpos e objetos, por prazer estético e desafio criativo.

Três tipos de tintas são utilizadas para decorar o corpo. O vermelho claro é obtido com sementes de urucum amassadas e misturadas com gordura de macaco ou óleo de andiroba. O preto azulado é obtido com a oxidação do suco de jenipapo verde misturado com carvão. O vermelho escuro é uma laca preparada com diversas resinas de cheiro e urucum.

Muitas vezes, essas tintas são aplicadas em justaposição, ou ainda sobrepostas. Como, por exemplo, quando os padrões gráficos são pintados com jenipapo sobre uma camada uniforme de urucum aplicada em todo o corpo e rosto. No rosto,

desenhos mais delicados são aplicados com as resinas de cheiro. Como pincel, utiliza-se finas lascas de bambu - ou de talos de folhas de palmeira - sobre as quais são enrolados fios de algodão. Partes do corpo podem ser decorados diretamente com o dedo, ou com chumaços de algodão embebidos de tinta.

A pintura corporal é uma atividade do cotidiano, realizada no âmbito familiar. Os homens são pintados pelas esposas, e vice-versa. Moças e rapazes apreciam pintar a si próprios, olhando-se em espelhos para compor desenhos atraentes na face. As mães têm um cuidado especial com os filhos pequenos, revestindo-os com camadas de urucum após cada banho, de manhã e de tarde e sempre renovando as composições de motivos aplicadas com jenipapo. Por ocasião das festas, todos exibem uma decoração mais farta, quando a pintura é realçada pelos colares e bandoleiras de miçanga e os adornos de plumária.

A aplicação de padrões gráficos no corpo não está relacionada à posição social, nem existem desenhos reservados para determinadas categorias de indivíduos ou

para ocasiões específicas. No entanto, o uso da pintura corporal com urucum, jenipapo ou resina, varia em acordo com o estado da pessoa: em momentos de resguardo, de luto ou doença, evita-se decorar o corpo com jenipapo ou laca.

Cada um desses revestimentos tem sua própria eficácia. Tinta de urucum, resina de cheiro ou padrões gráficos aplicados com jenipapo constituem revestimentos corporais que interferem na relação entre a pessoa e o mundo à sua volta.

Com o corpo coberto de urucum e exalando o cheiro forte dessa tinta, está-se protegido de uma aproximação perigosa com os espíritos da floresta. É por isso que os pajés evitam se revestir de urucum, o que afastaria os espíritos com os quais eles sabem manter comunicação.

Ao contrário do urucum, que dissimula a pessoa, a laca preparada com resinas perfumadas tem a capacidade de seduzir e amansar. Assim, é sobretudo utilizada pelos jovens para atrair suas namoradas, ou pelos anfitriões que desejam receber com alegria hóspedes em uma festa, ou desconhecidos que chegam à aldeia.

Os padrões gráficos aplicados com jenipapo também aproximam entidades espirituais diversas. São referências diretas à beleza e à potência dos seres do tempo das origens. Considera-se que esses motivos tornam as pessoas particularmente visíveis aos mortos, que vivem na aldeia celeste do criador *Janejar*. Razão pela qual pessoas em luto evitam essa decoração, que também pode ser perigosa para as crianças muito pequenas.

O campo de aplicação desta arte gráfica, antes reservada ao corpo, tem se ampliado muito nos últimos anos. Os Wajãpi desenvolvem hoje seu estilo decorativo em um conjunto variado de suportes. Fazem desenhos nas peças de cerâmica destinadas à venda, decoram suas cuias com motivos incisos, utilizados também na tecelagem de bolsas e tipóias e no trançado de seus cestos. O uso do papel e de canetas coloridas constitui-se num campo novo e muito apreciado para a expressão artística.



Urucum / foto Marina Weis



Jenipapo / foto Marina Weis



foto Dominique T. Gallois



foto Marina Weis



foto Dominique T. Gallois



foto Dominique T. Gallois



foto Dominique T. Gallois



foto Dominique T. Gallois



foto Marina Weis



foto Marina Weis



foto Marina Weis



foto Dominique T. Gallois



foto Marina Weis



foto Dominique T. Gallois



foto Dominique T. Gallois



foto Dominique T. Gallois

PADRÕES GRÁFICOS

Os Wajãpi possuem um repertório definido de padrões gráficos que representam, de forma sintética e abstrata, partes do corpo ou da ornamentação de animais e de objetos. Em seu conjunto, esse sistema de representação gráfica é chamado *kusiwa*.

Cada padrão tem uma denominação específica e é reconhecido por qualquer adulto, independentemente de sua aldeia de origem. Trata-se de um acervo cultural que se transforma de forma dinâmica, com a inclusão de novos elementos, enquanto outros podem entrar em desuso ou se modificar através de suas variantes.

Neste livro, apresentamos exemplares dos vinte e um padrões utilizados hoje pelos Wajãpi do Amapá, com as suas variantes mais recorrentes. É notável essa variação, que poderia induzir a identificações diferentes; no entanto, como se trata de um sistema finito, todas as versões de um padrão costumam ser inequivocamente reconhecidas por um mesmo nome.

Se existem termos específicos para cada um dos padrões, também há denominações para os elementos básicos do desenho. Os dois traços mínimos - ponto e linha - são compostos de diversas maneiras, identificadas como:

Pontilhado: **wiriwiri** (que indica um conjunto de peixinhos); Linhas paralelas: **kã'gwer** (espinha ou osso); Linhas cruzadas: **rykyry** (traduzido hoje como “lima de ferro”); Linha quebrada: **moj** (cobra comum) ou **moju** (jibóia ou anaconda).

Esses elementos nunca estão soltos numa composição, mas enquadrados entre linhas paralelas que contornam as representações de cobras, peixes, rãs, borboletas, etc... Cada um é apresentado a partir de um foco específico, ou seja, através da seleção de uma de suas partes, internas ou externas. A parte representada varia muito, de um animal para outro. Assim, se os padrões de cobras e de peixes constituem-se de uma estilização “em transparência” dos seus ossos ou espinhas, o jabuti é sinalizado pelo relevo de seu casco, a borboleta pelo formato de suas asas, a onça pelas manchas de sua pelagem. Algumas rãs

são representadas pelas marcas que a espécie apresenta na face e são, segundo os Wajãpi, sua pintura corporal. Quando se trata de reproduzir grafismos *kusiwa*, ninguém pensaria em representar uma onça pela sua estrutura óssea, nem um peixe pelas suas escamas, ou uma borboleta pelos desenhos de suas asas. O foco que deu origem à seleção de uma parte ou elemento específico não é - nem precisa - ser explicado. Como os mitos, os grafismos *kusiwa* vêm do fundo dos tempos e sua reprodução expressa, de forma exemplar, uma tradição.

Alguns desenhos utilizados pelos Wajãpi são difundidos entre os diversos povos indígenas que vivem na região das Guianas. No entanto, cada grupo identifica esses padrões com significações próprias. A ênfase em representar o domínio aquático, com anacondas e peixes, ressoa num tema mítico significativo em toda a região e que os Wajãpi interpretam a sua maneira (ver adiante - Mitos).

De um total de cerca de vinte *janypa kusiwa* (padrões da pintura corporal com jenipapo), alguns são mais frequentemente utilizados para a decoração do corpo e de artefatos. Pode-se até dizer que certos padrões deixam de ser usados temporariamente porque estão “fora de moda”, e voltarão a ser utilizados em outro momento. O valor atribuído pelos Wajãpi à preservação do conjunto deste repertório pôde ser comprovado na comparação das duas coleções de desenhos, reunidas em 1983 e 2000. Padrões *kusiwa* realizados por autores diferentes e com um intervalo de dezessete anos evidenciam a integridade deste sistema gráfico.

Mesmo que os Wajãpi não identifiquem classes ou sub-conjuntos de padrões *kusiwa*, optamos por uma seqüência que esclarece a riqueza interna do repertório e a especificidade das denominações.

Aramari - jibóia aramari; **Moju kā'gwer**

- espinha de anaconda, ou sucuriçu;

Moj kupea - dorso de cobra;

Tukã moj - cobra-tucano.

Existem vários padrões para cobras da família *boa constrictor*, distinguindo-se entre espécies terrestres (jibóias) ou aquáticas (anacondas). Para diferenciá-las das cobras comuns, **moj**, os Wajãpi designam essas cobras monstruosas pelo termo genérico **moju**, literalmente “cobra grande”. Com suas variações, **moju** é uma entidade poderosa e respeitada. Diz-se que anaconda é dona do mundo aquático e de todos os peixes, e que também controla as serras e formações rochosas. Outro ser monstruoso, chamado **tukã moj**, tem aparência de cobra mas atrai suas vítimas perto da árvore onde se esconde, cantando como um tucano.

Pira kā'gwer - espinha de peixe;

Suruvi kā'gwer - espinha de peixe surubim;

Paku kā'gwer - espinha de peixe pacu;

Paku ruvaj - rabo de peixe pacu.

São essas as quatro as alternativas para a representação de peixes, uma delas focando apenas a parte interna, ou espinhas. Dois padrões de peixe selecionam, além da estrutura, elementos decorativos da pele de espécies específicas, como o surubim e o pacu, que também gerou um padrão que reproduz sua cauda.

Anõ kusiwa - pintura facial de rã *anõ*;

Murua soka - pernas da rã *murua*;

Juve - (pintura facial) desta rã.

Sapos e rãs são considerados pelos Wajãpi como os “donos da chuva”, pois eles anunciam, com seus cantos, a chegada desta estação. Como se verá adiante, todos os seres da floresta, apesar de sua aparência animal, são na verdade humanos, que apreciam decorar seus corpos como fazem os Wajãpi. E é a beleza dos motivos decorativos que esses seres ostentam no rosto que são reproduzidos nos padrões *kusiwa*.

Jawi - jaboti; **Jakare** - jacaré; **Tapi'i ra'yr** - filhote de anta; **Jawara** - onça.

O jaboti e o jacaré também são representados pelos padrões decorativos que eles ostentam em suas costas. O mesmo ocorre com as marcas das peles da onça e da anta.

Y'o kusiwa - lagarta; **Panã** - borboleta.

No caso da lagarta, o padrão representa um conjunto delas, evidenciando a forma de uma colônia quando se desloca.

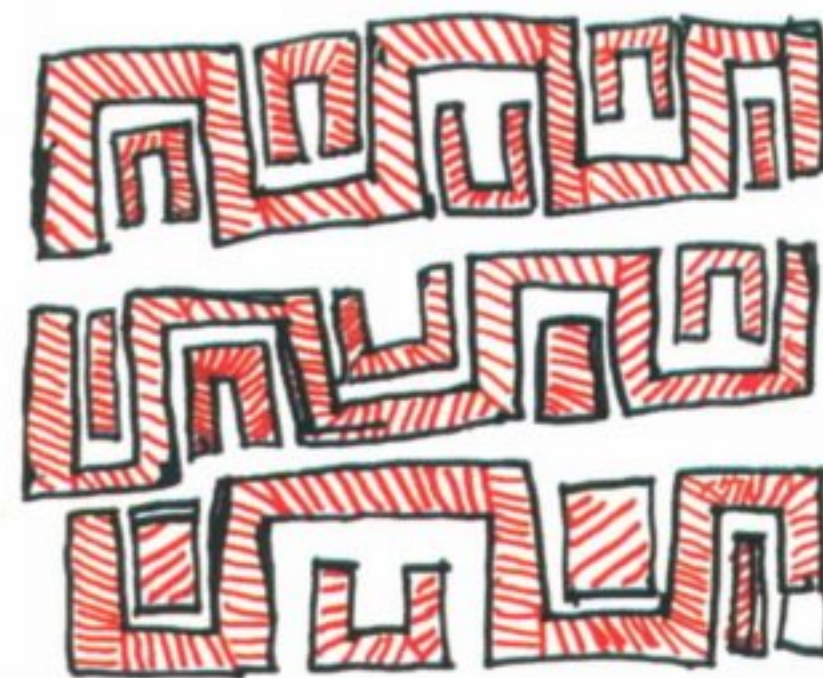
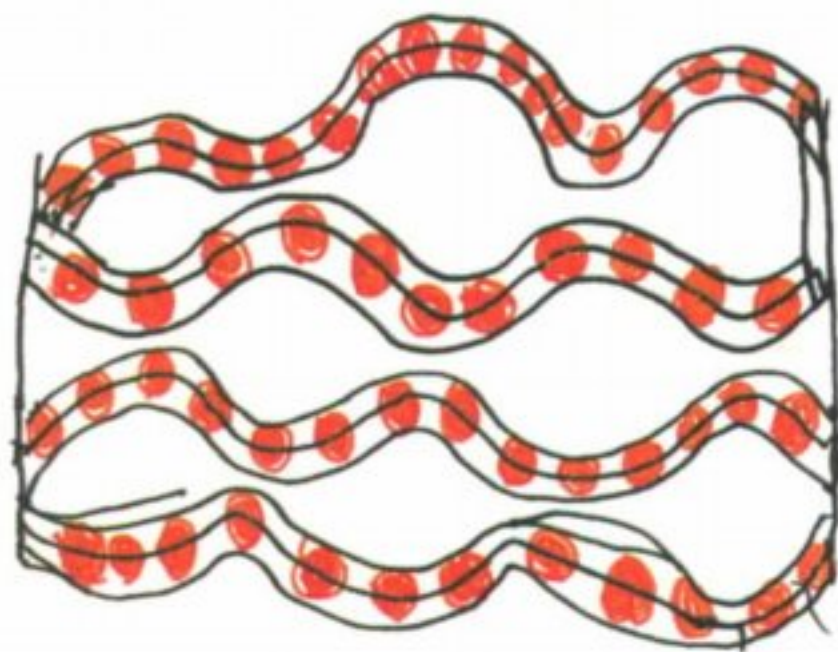
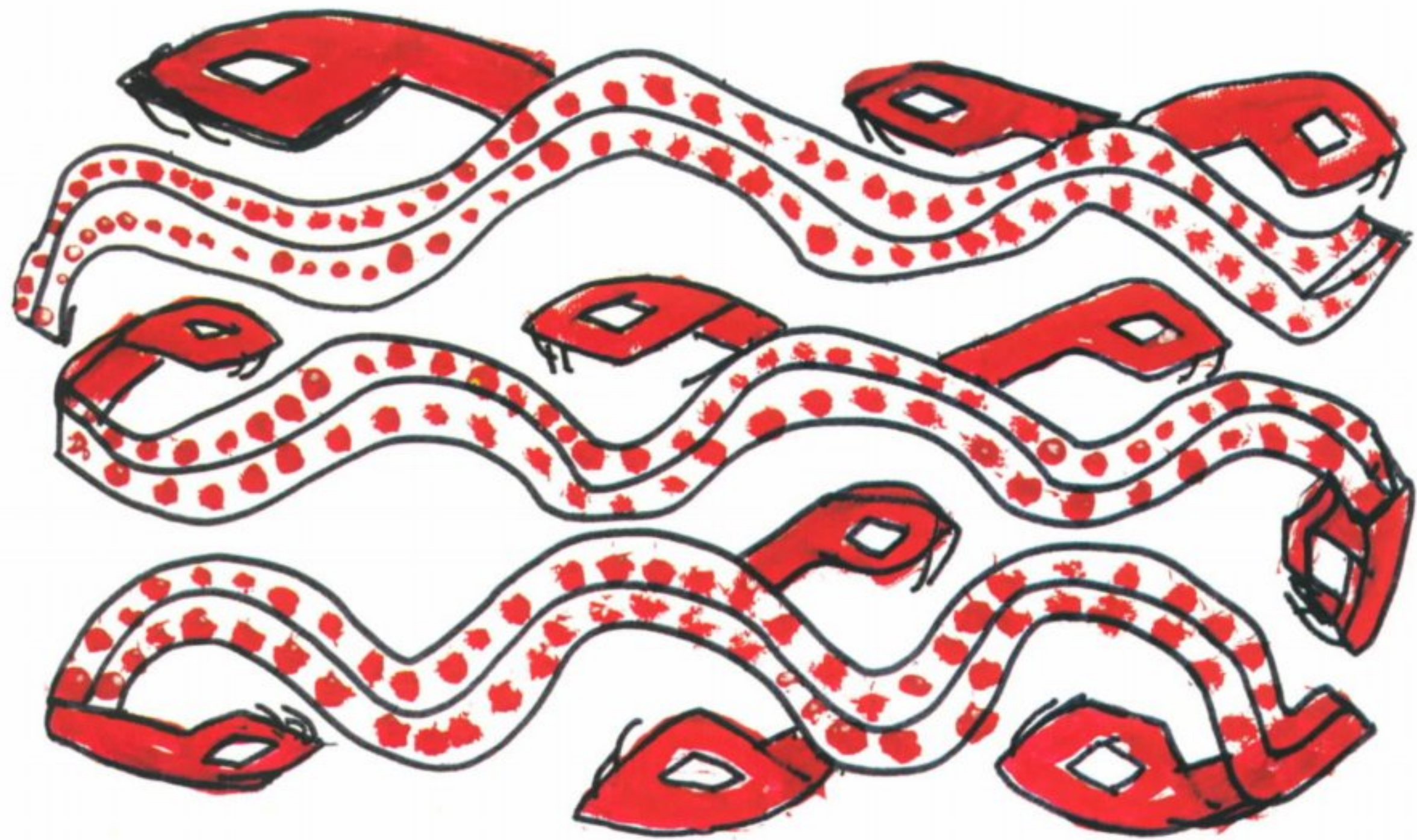
As borboletas, com suas asas em movimento, abertas ou fechadas, são também representadas em grupo, quando pousam em arbustos ou no chão.

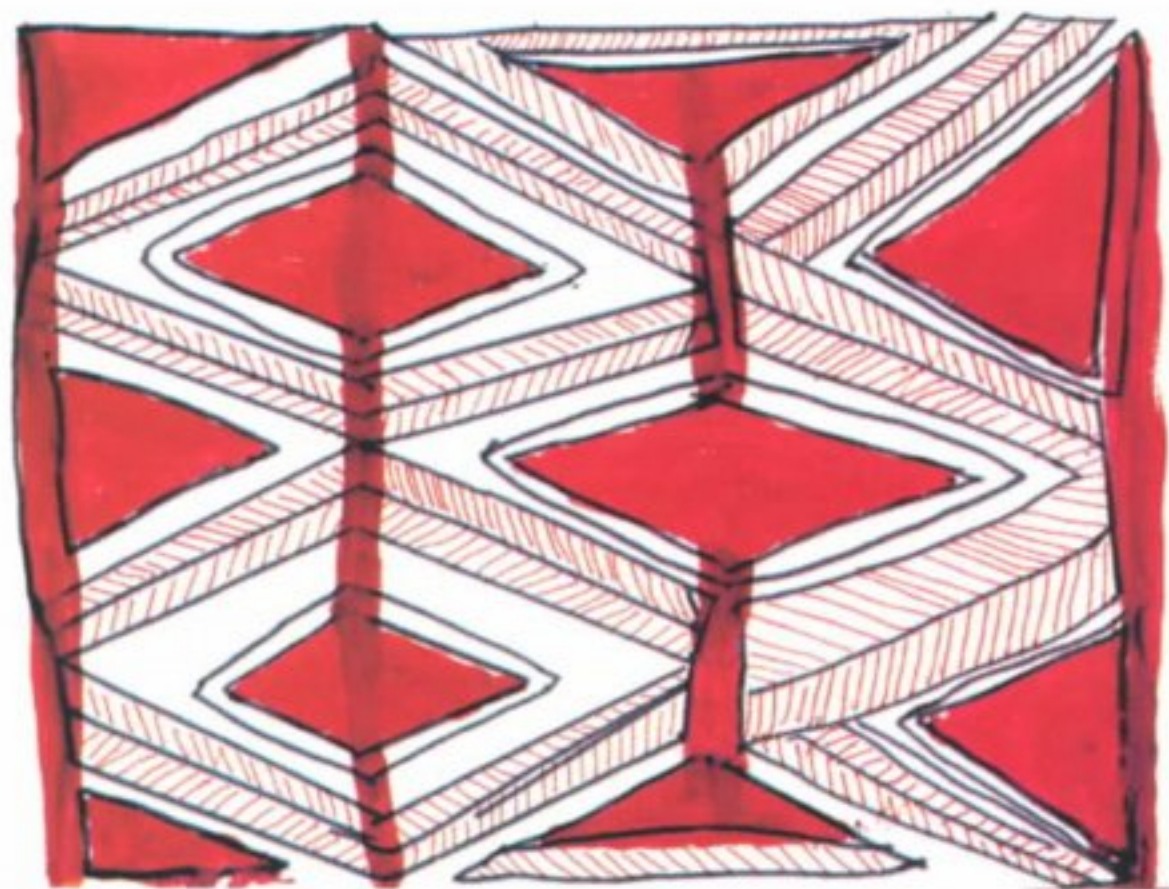
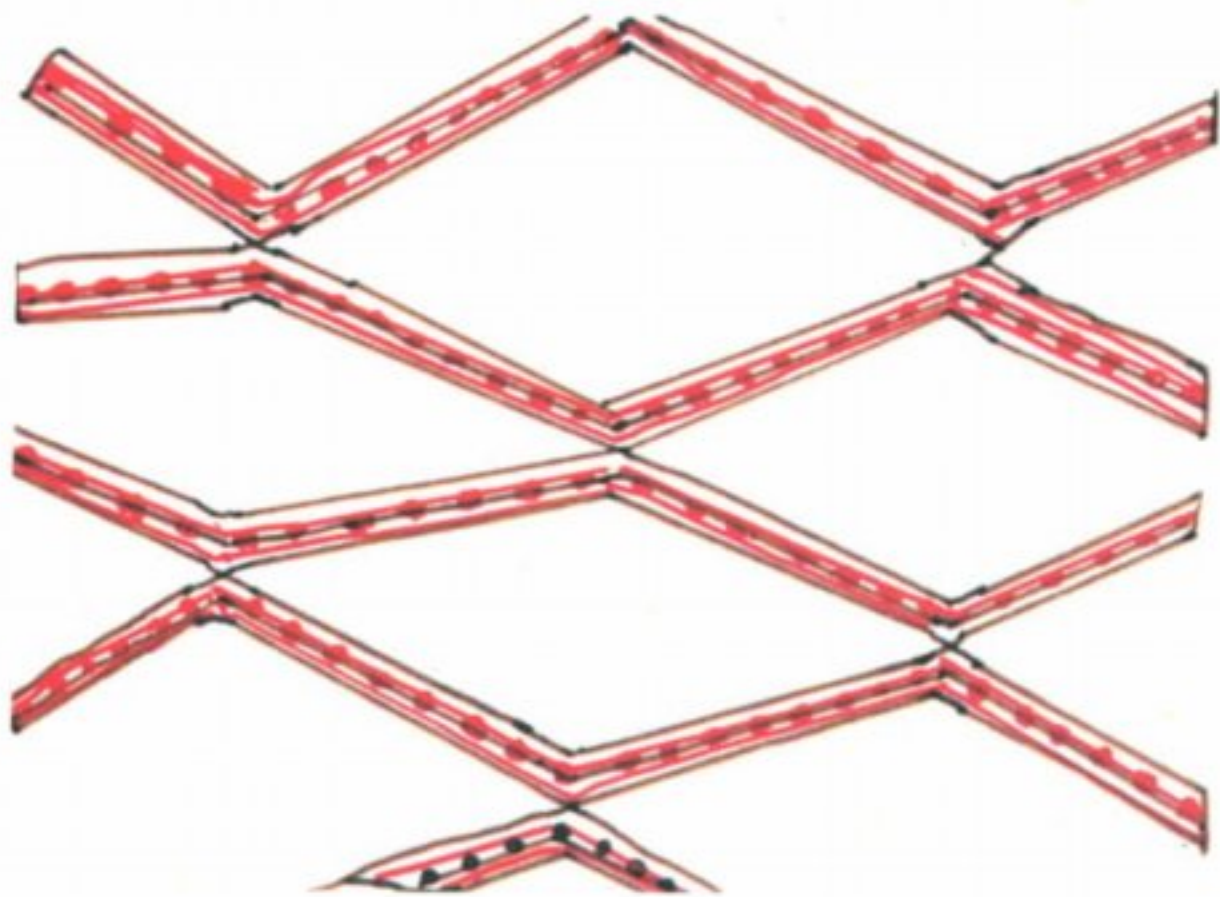
O repertório de padrões *kusiwa* inclui, finalmente, quatro artefatos, sinalizados pelos seus aspectos decorativos.

São eles: **Meju** - beiju; **Rykyry** - lima de ferro; **Urupe aravekwa** - ânus da peneira; **Kaparu kusiwa** - desenhos para borduna. Para o beiju, além do formato redondo, reproduz-se o grafismo que as mulheres desenhavam na massa de mandioca enquanto ela assa. A lima de ferro

é um utensílio de uso cotidiano que apresenta também um padrão gráfico de linhas cruzadas que o identifica. No caso da peneira, o elemento representado é uma parte específica: quando iniciam um trançado com talos de arumã, os Wajãpi cruzam as lascas num formato que chamam de ânus - ou começo - do trançado. Já os grafismos identificados como “desenhos para borduna” são motivos decorativos propriamente ditos, que não aludem à forma ou parte desta arma, mas estão integrados ao sistema gráfico por representar a agressividade dos inimigos (grupos de língua Caribe vizinhos dos Wajãpi).

aramari [jibóia aramari]

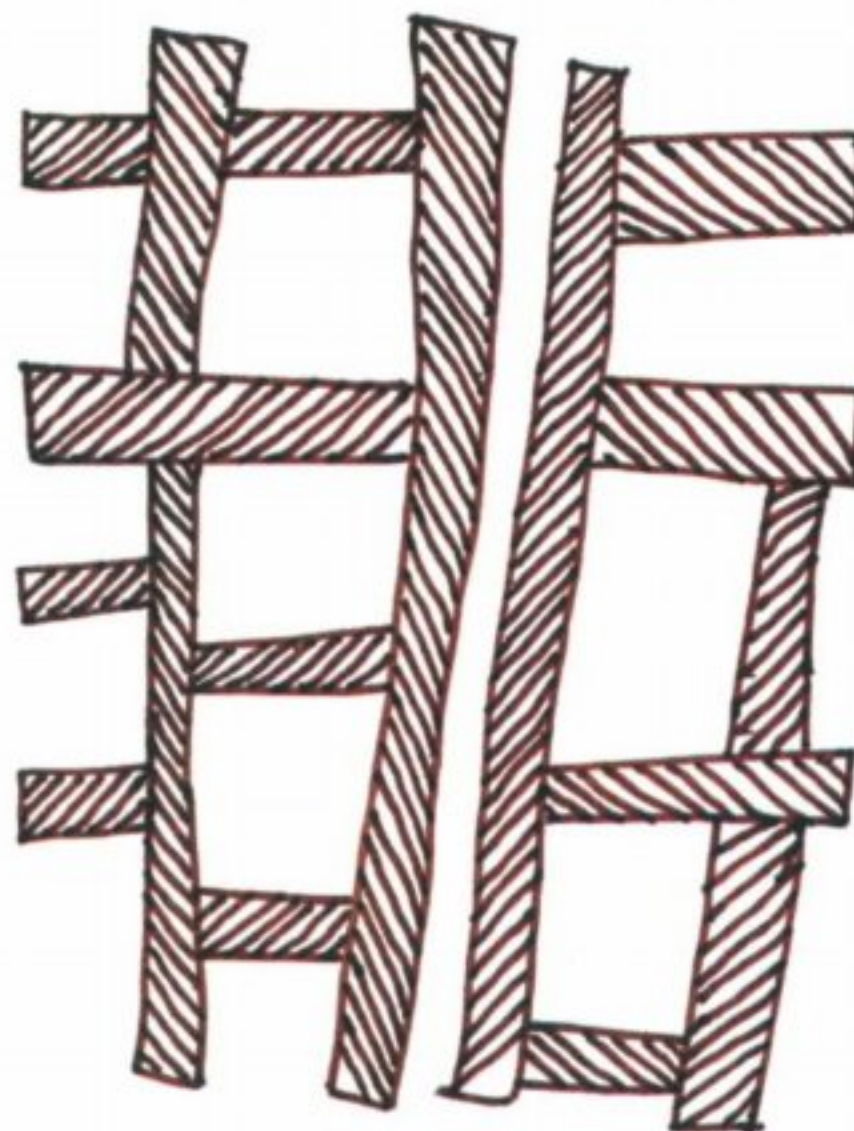




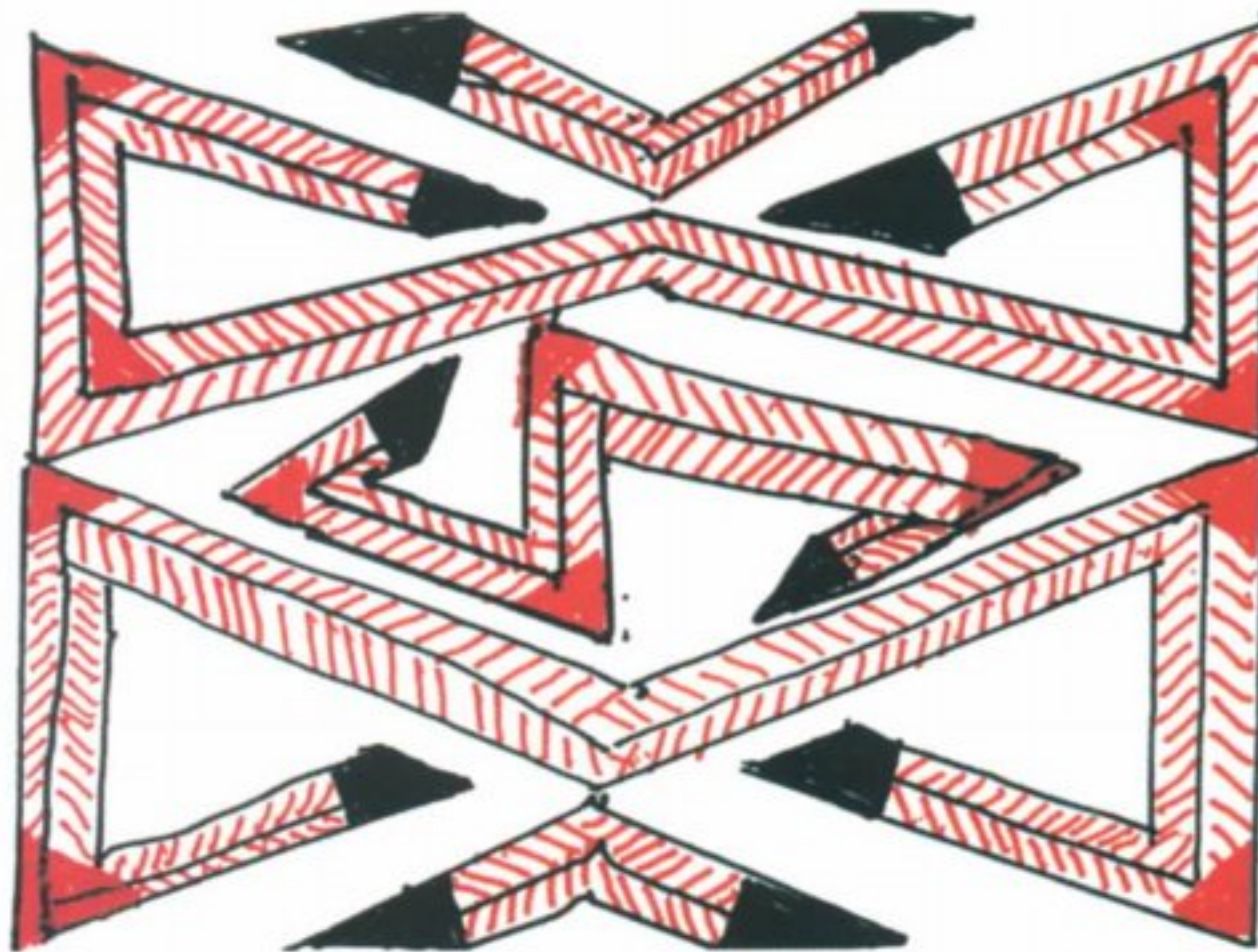
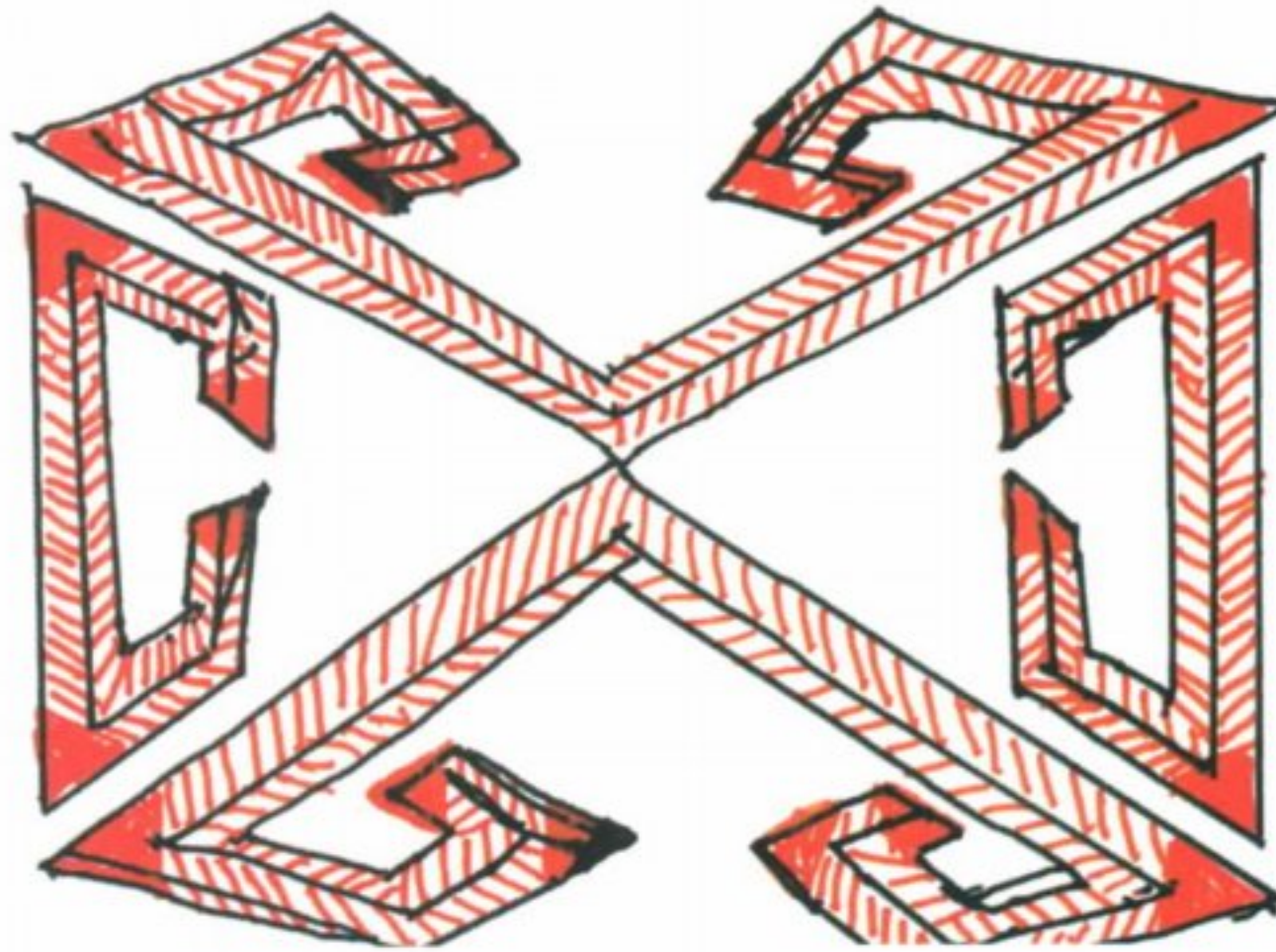
Mikiuku Wajāpi /2000, Nekuia Wajāpi /1983,
Siro Wajāpi /2000-2001

moju kā'gwer [espinha de anaconda ou sucuriju]



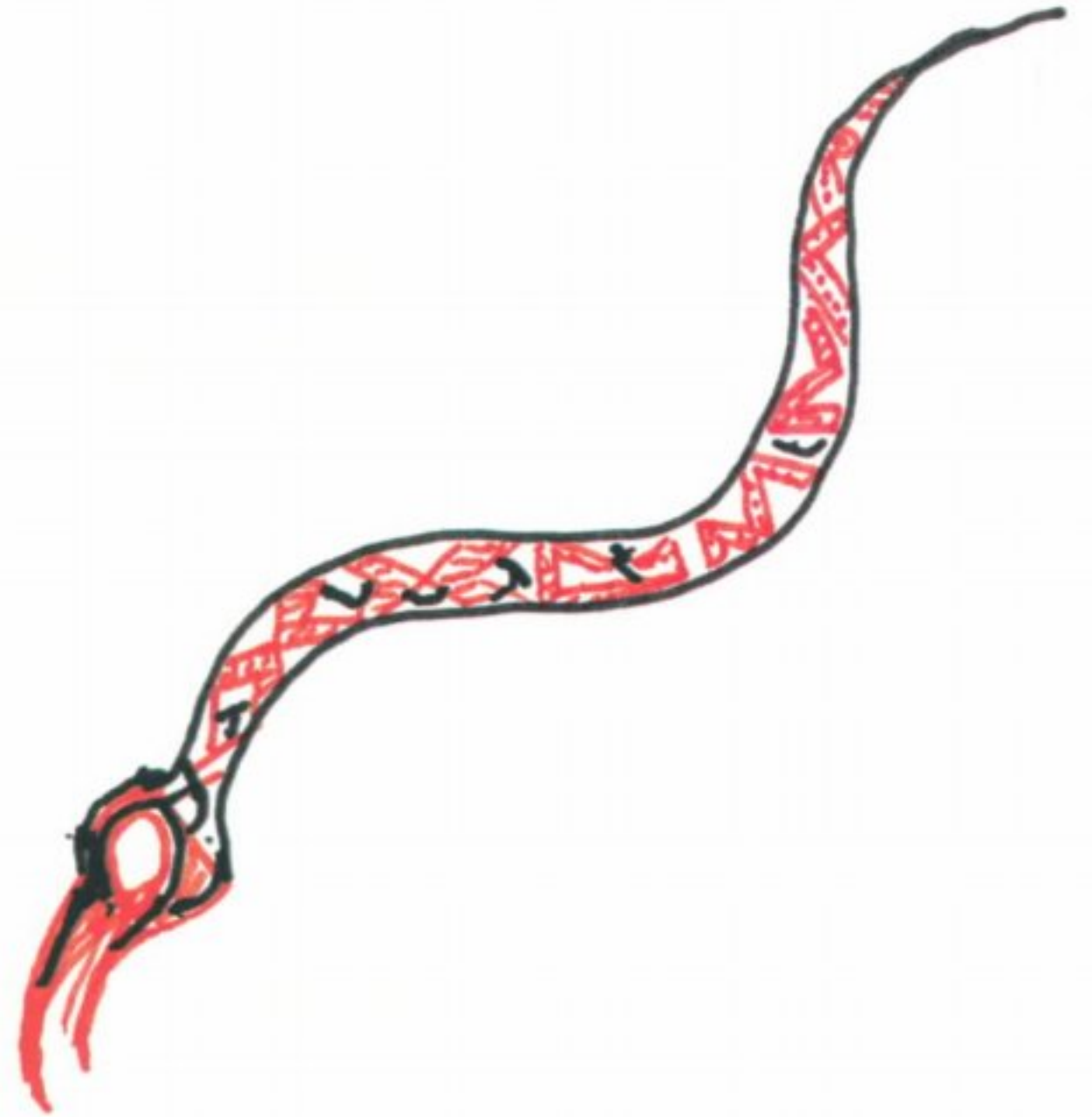
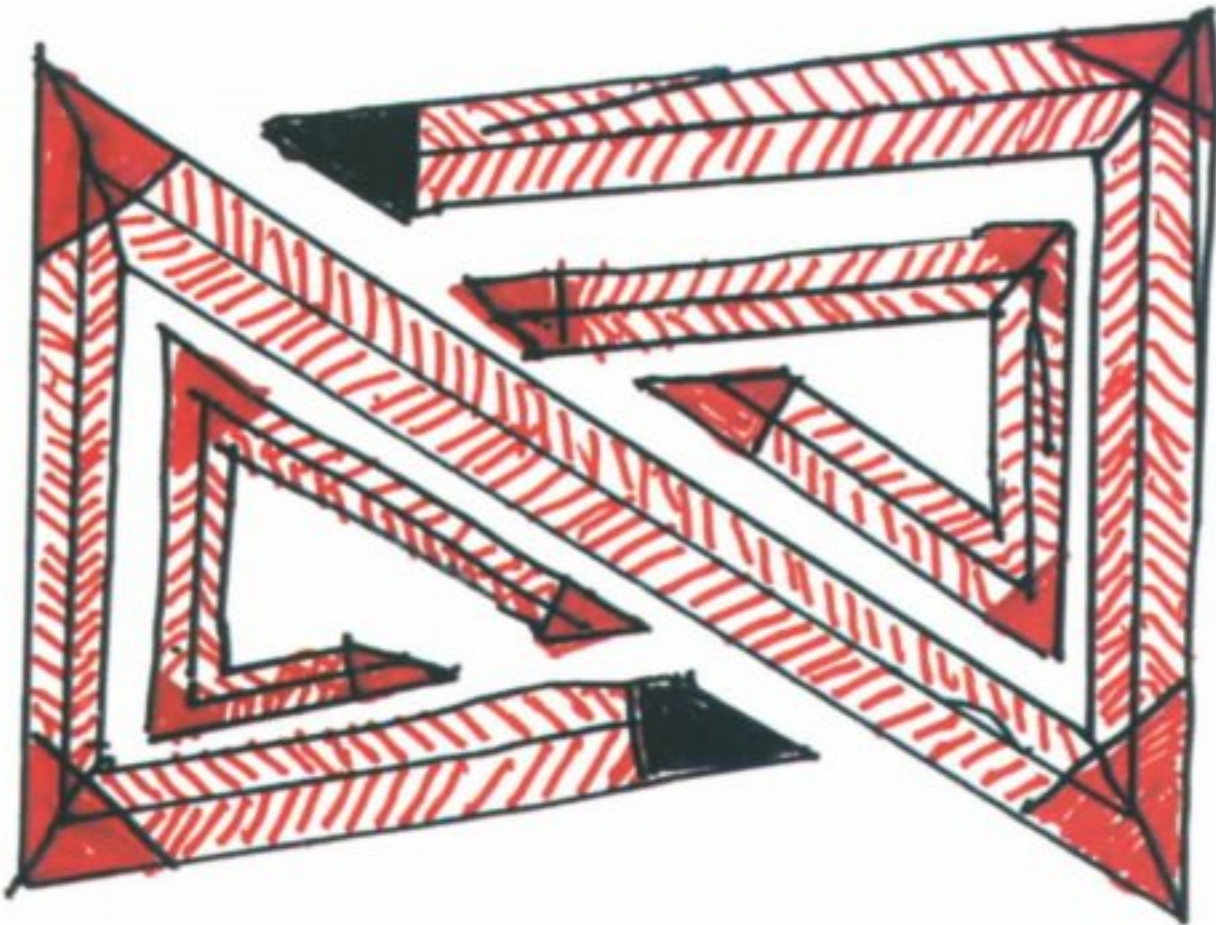
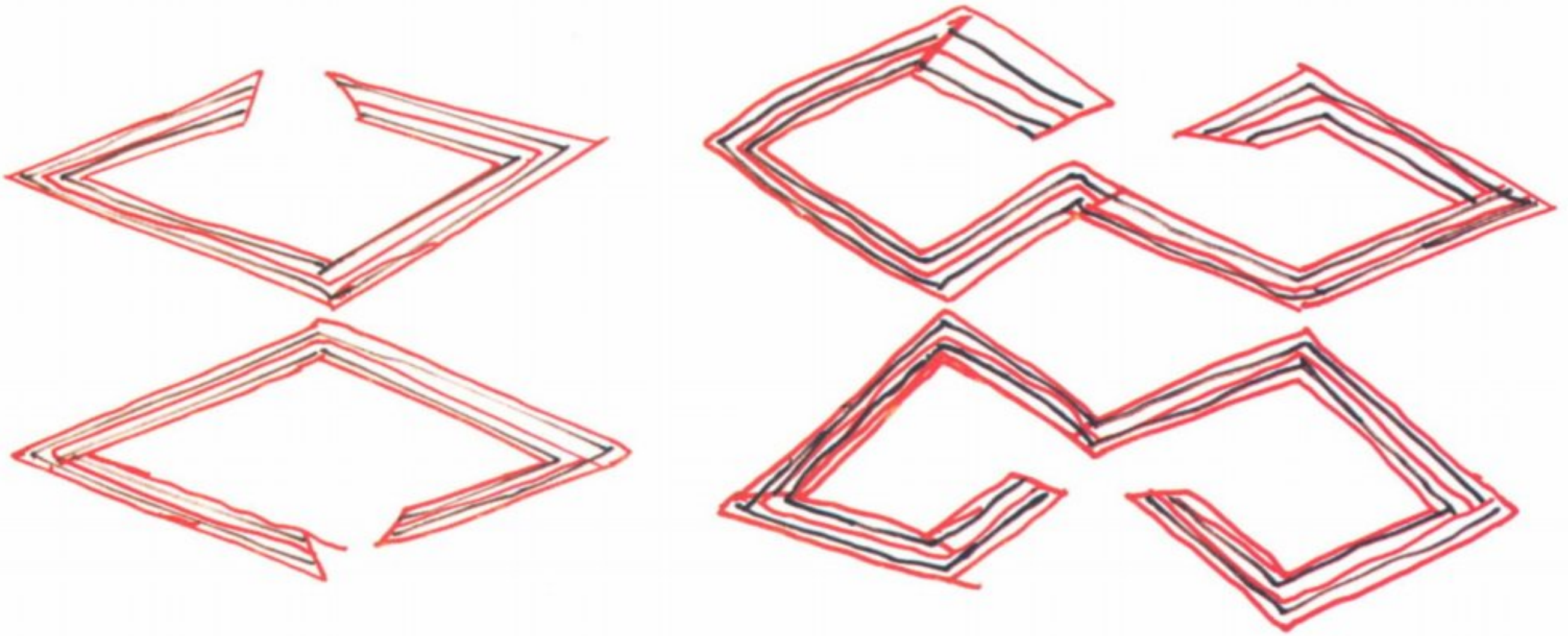


moj kupea [dorso de cobra]

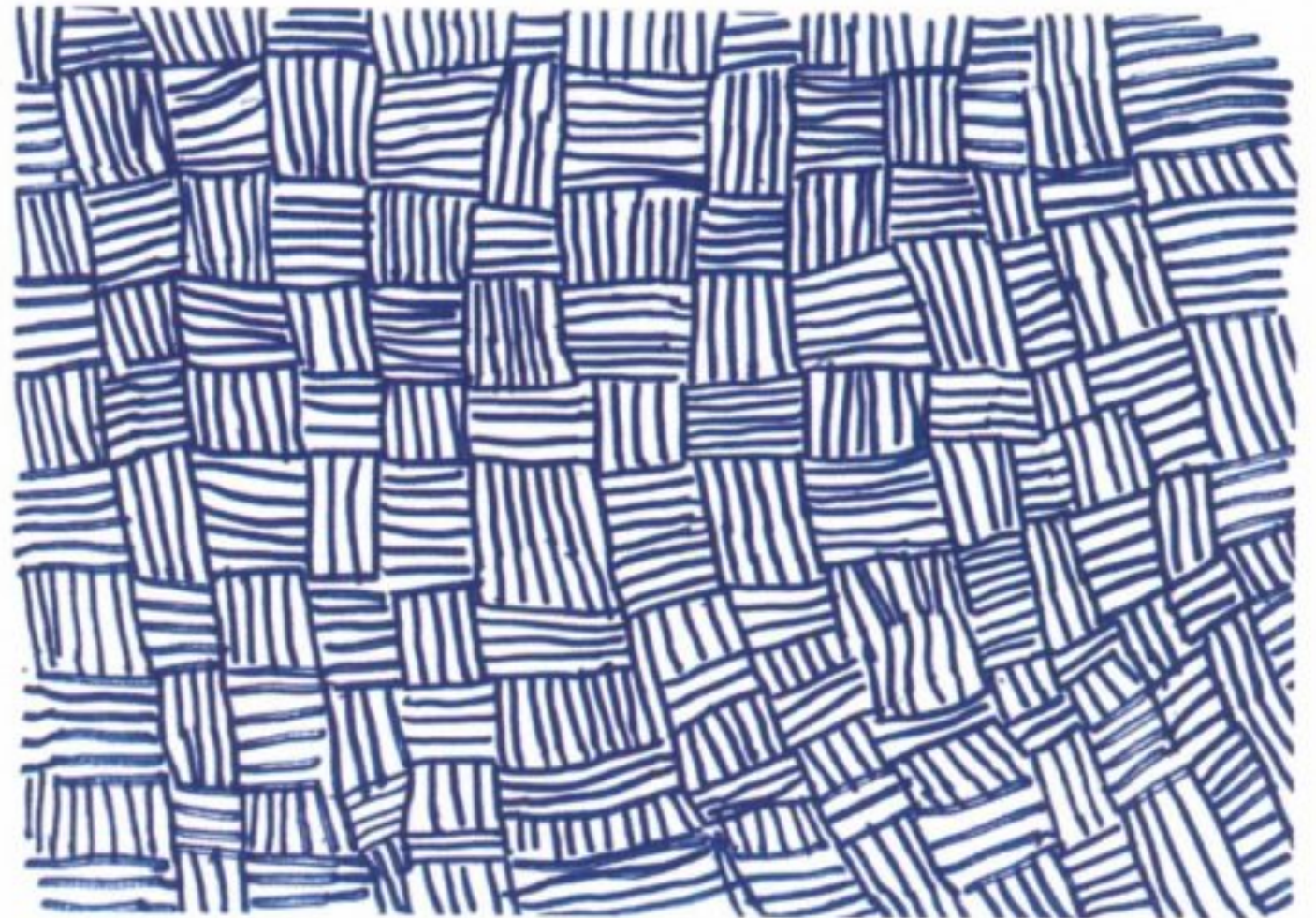
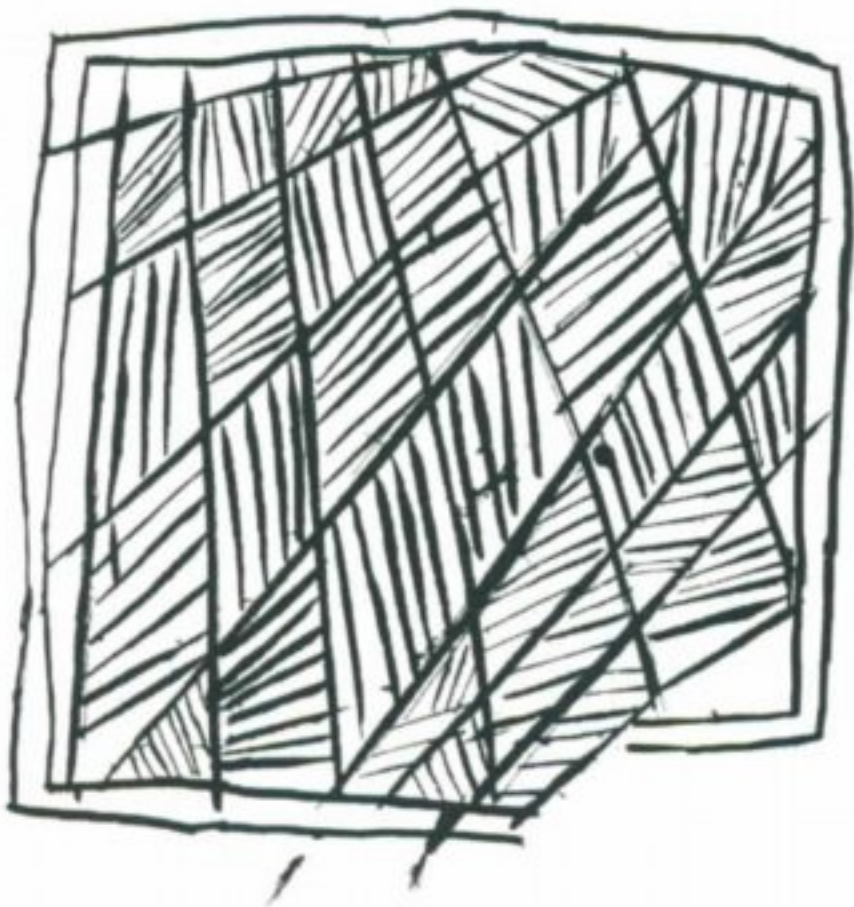
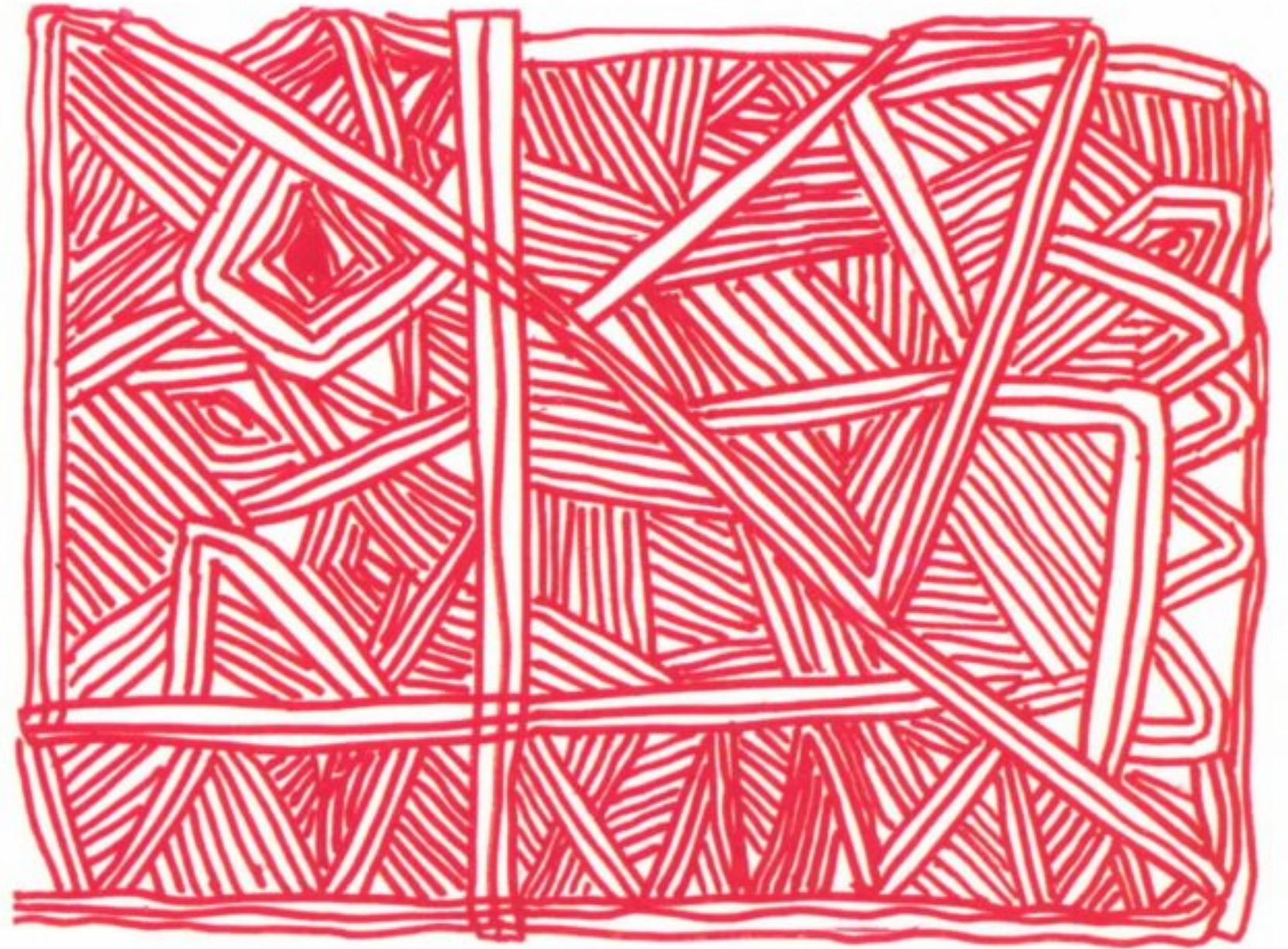


tukã moj [cobra-tucano]

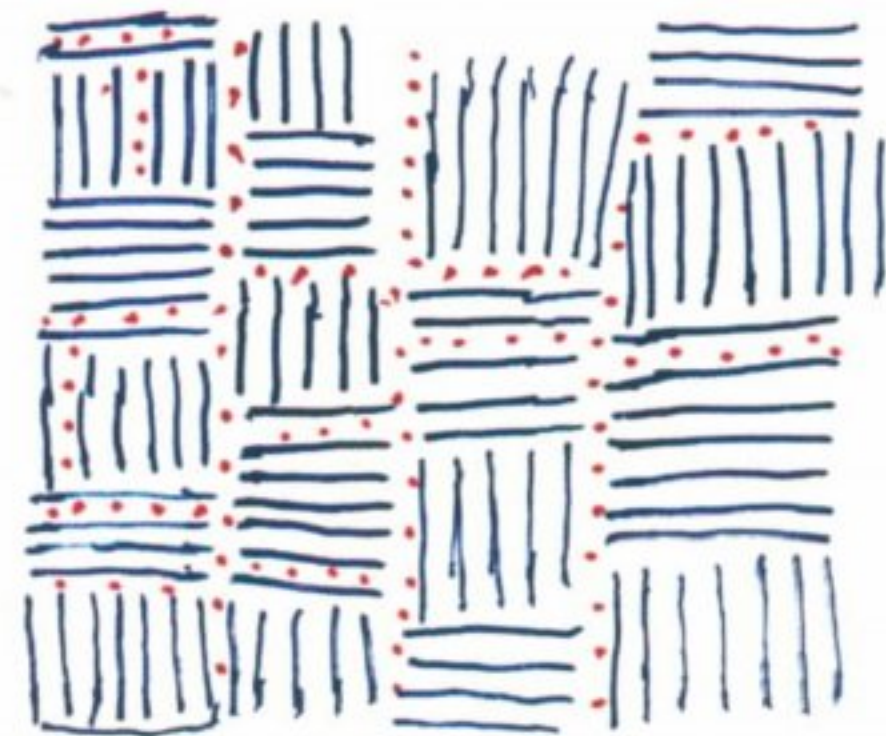
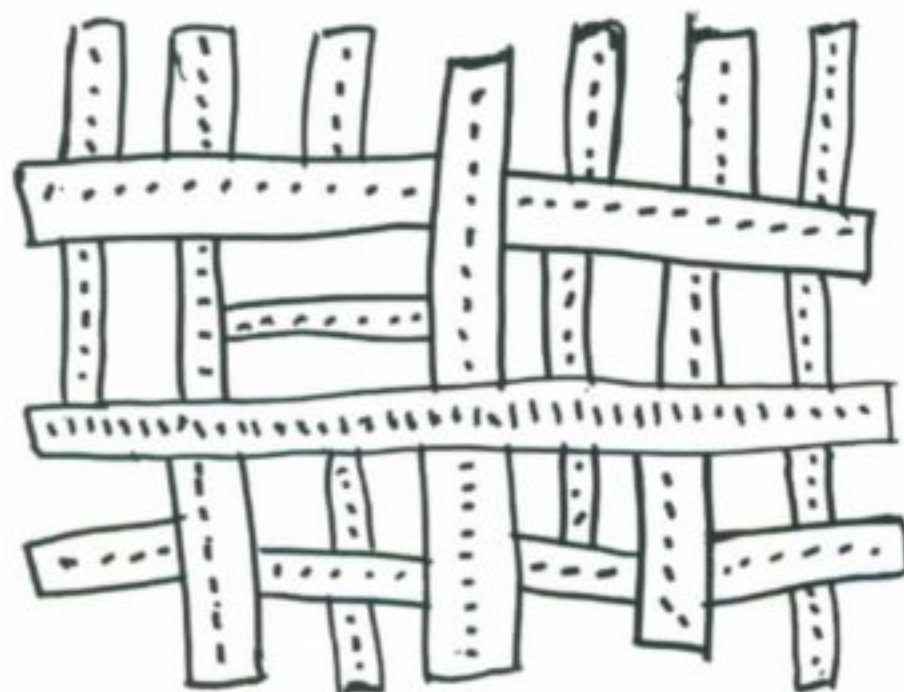
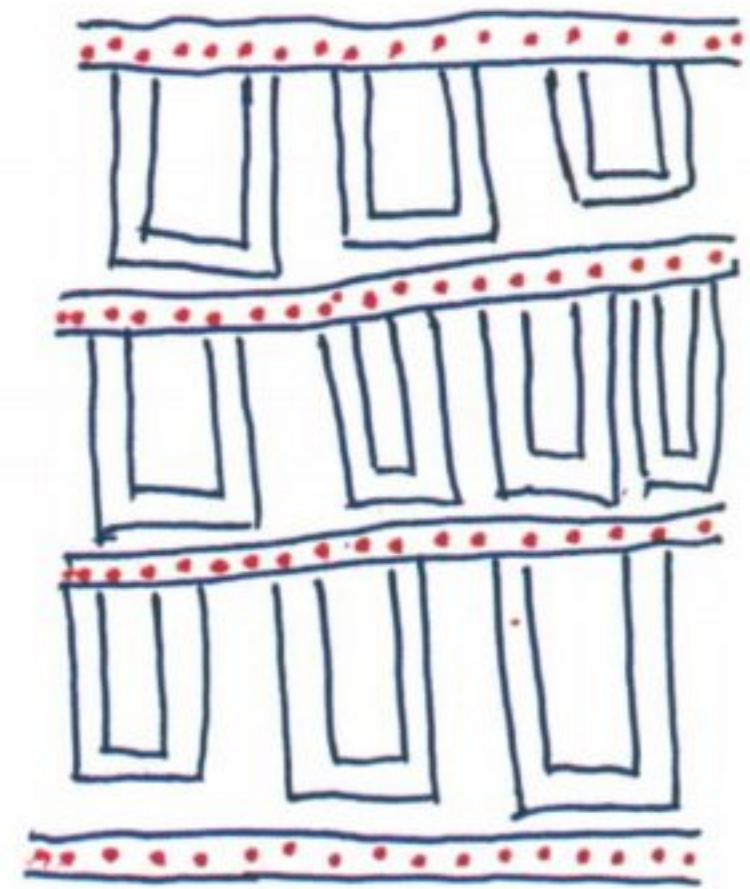
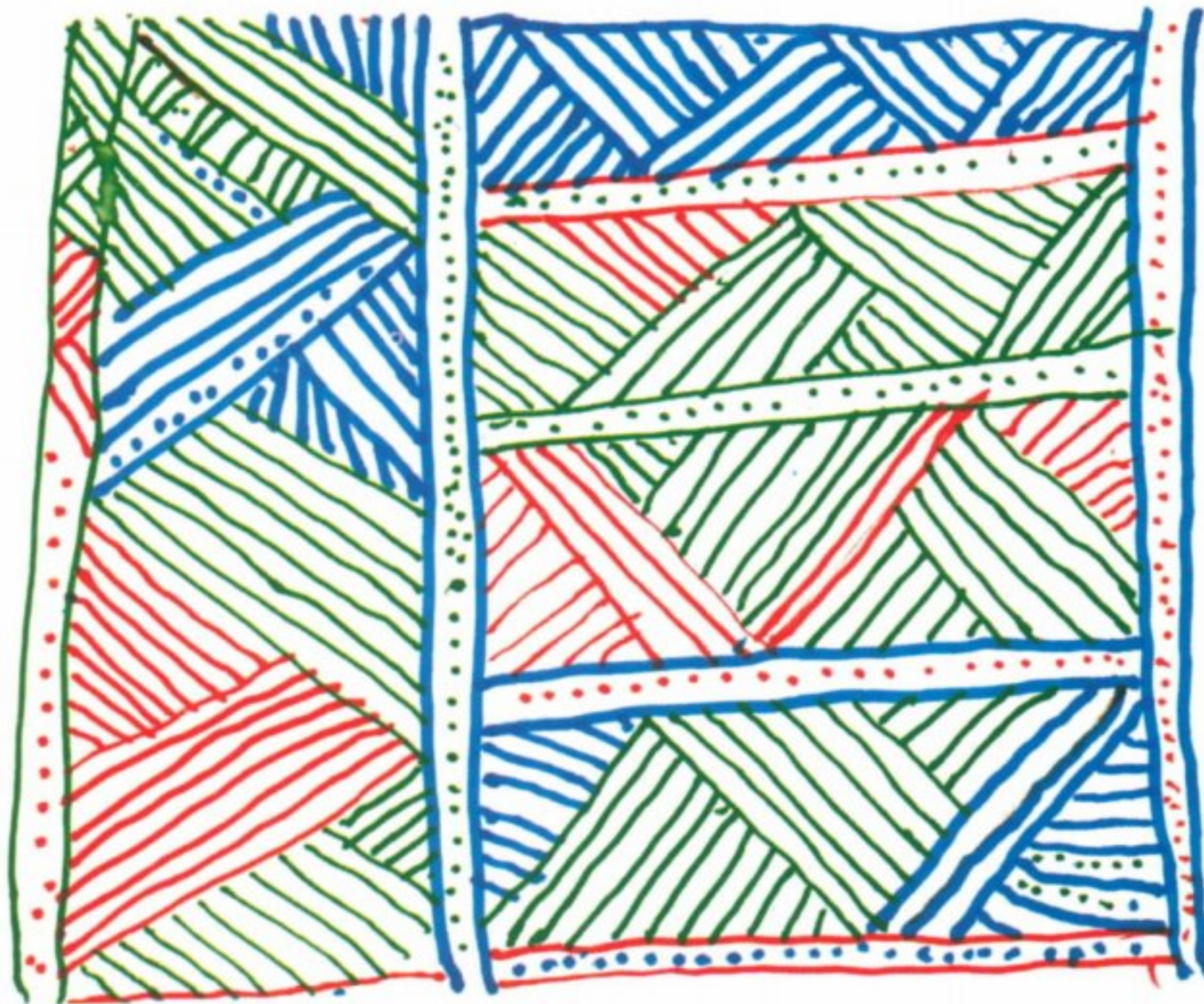
x



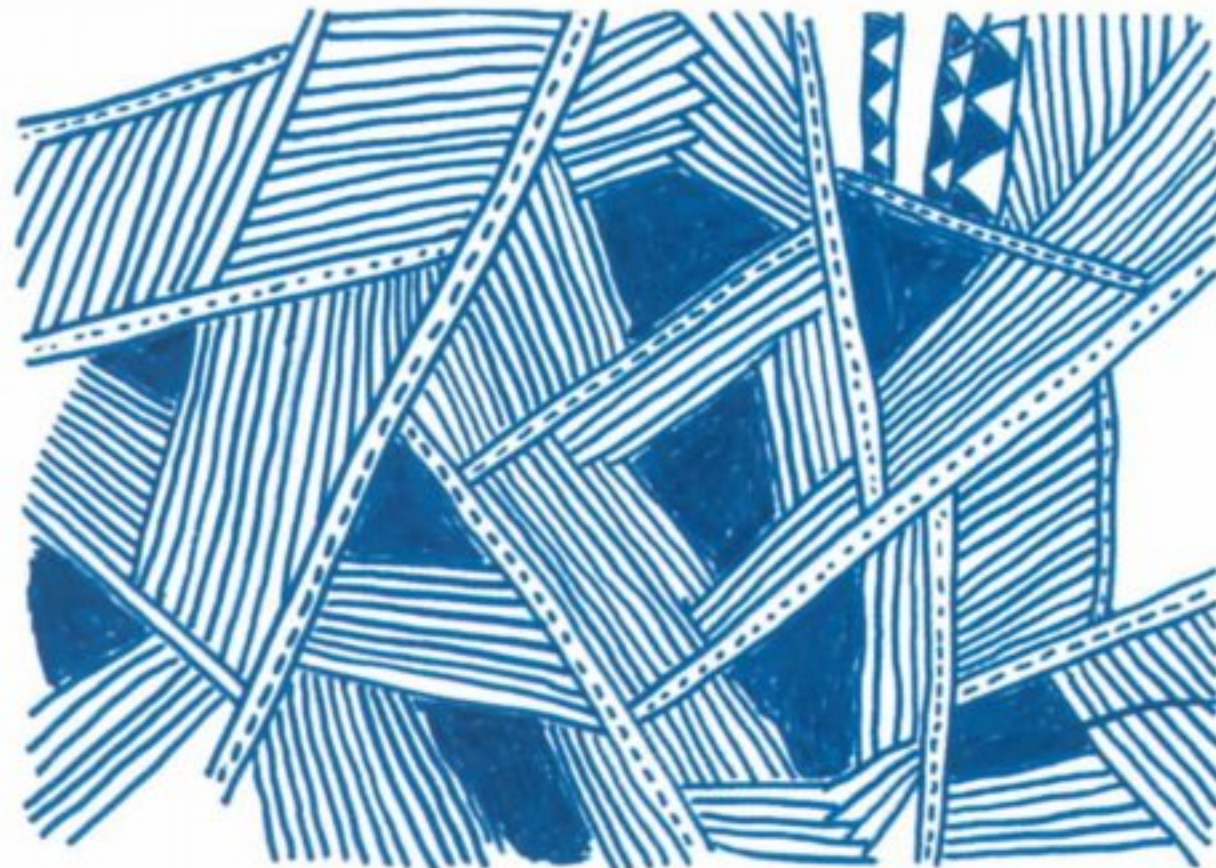
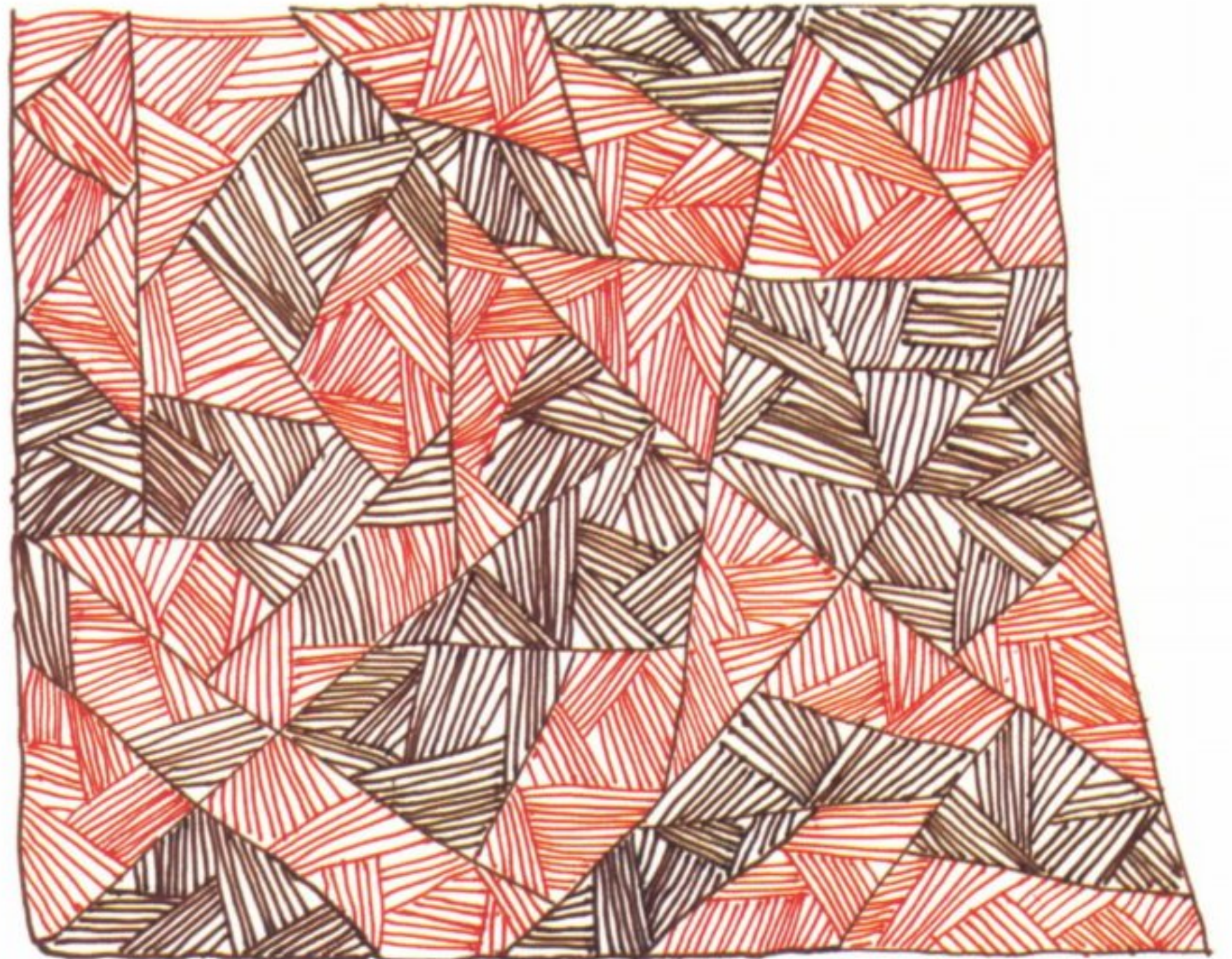
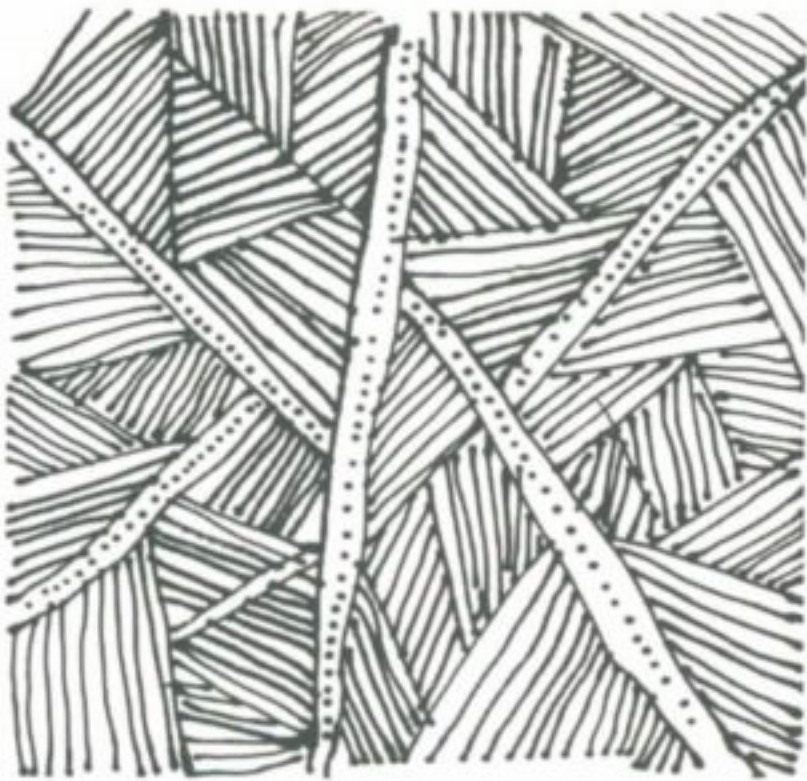
pira kā'gwer [espinha de peixe]



suruvi kā'gwer [espinha de surubim]

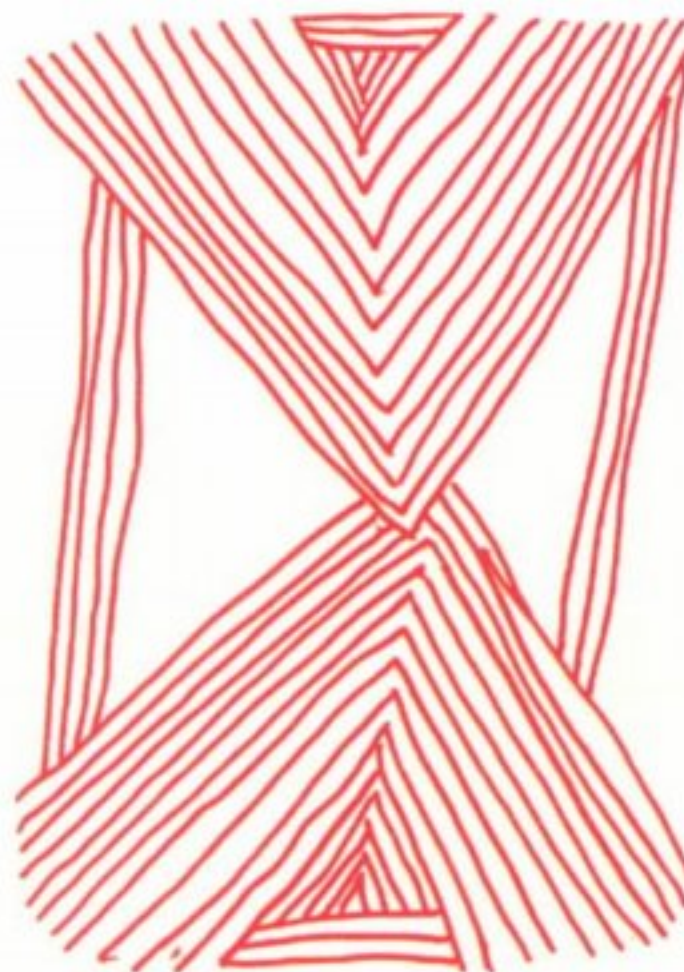
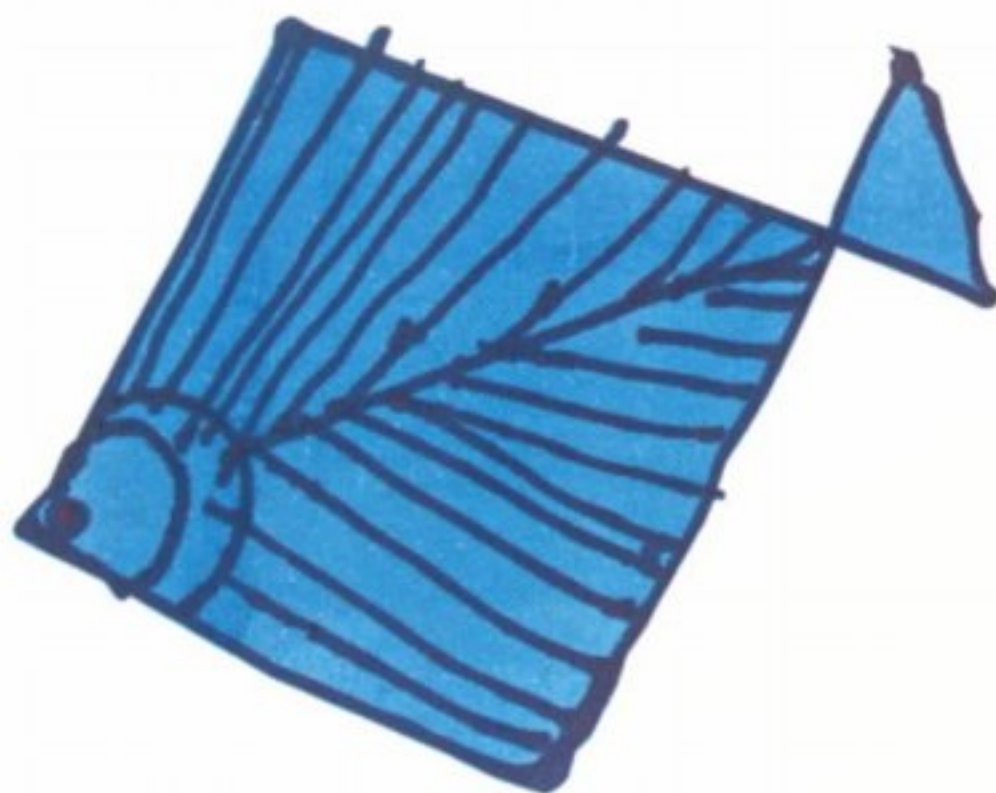
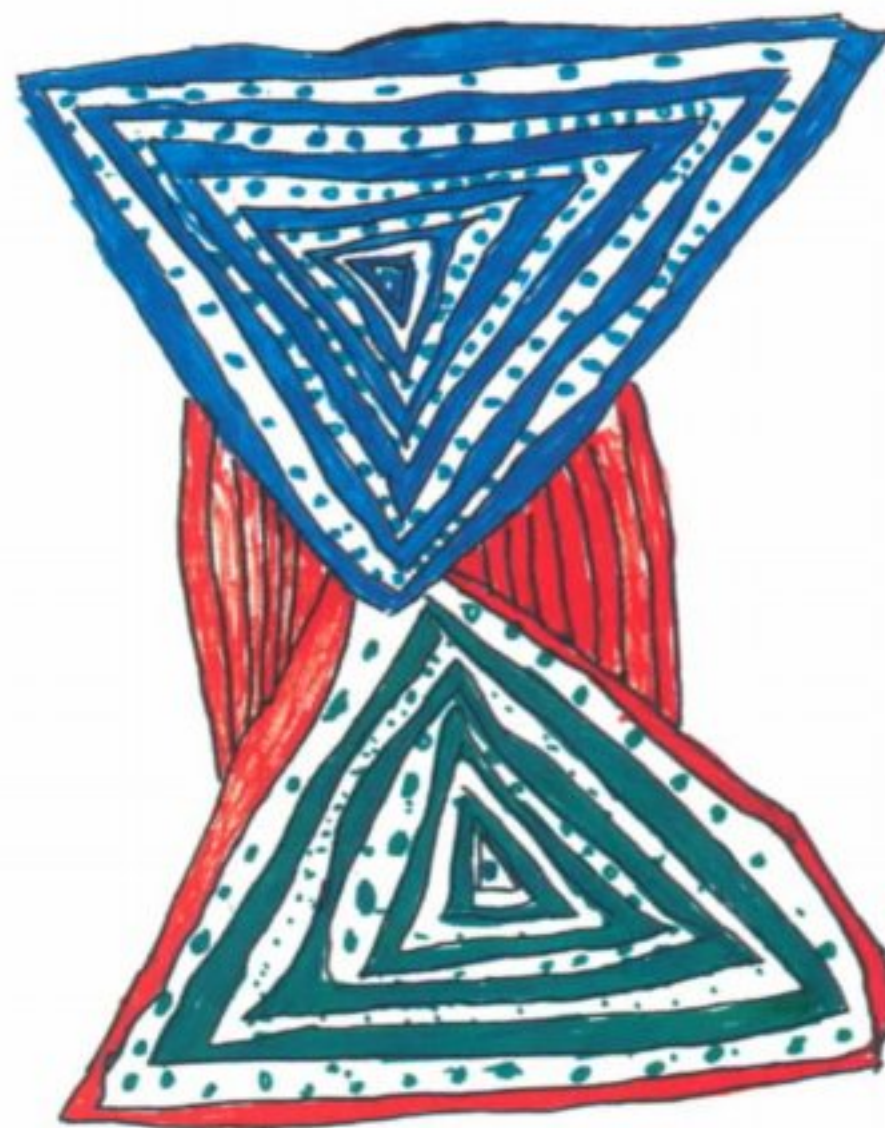
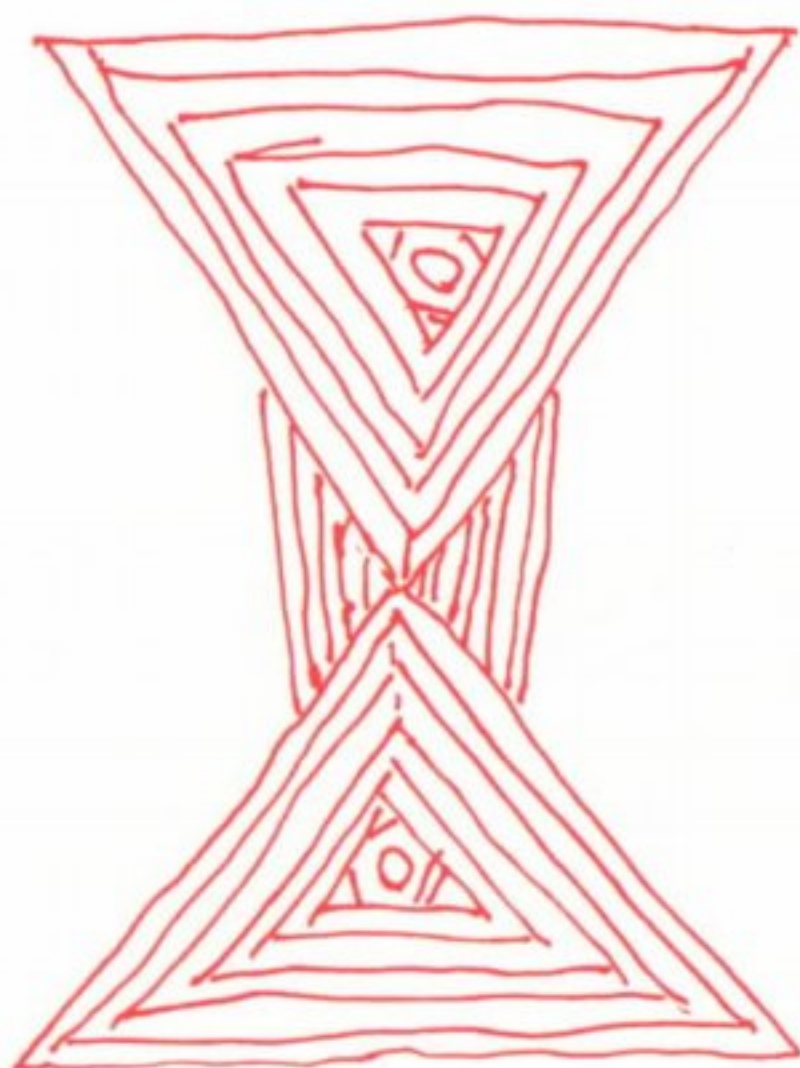


paku kā'gwer [espinha de pacu]



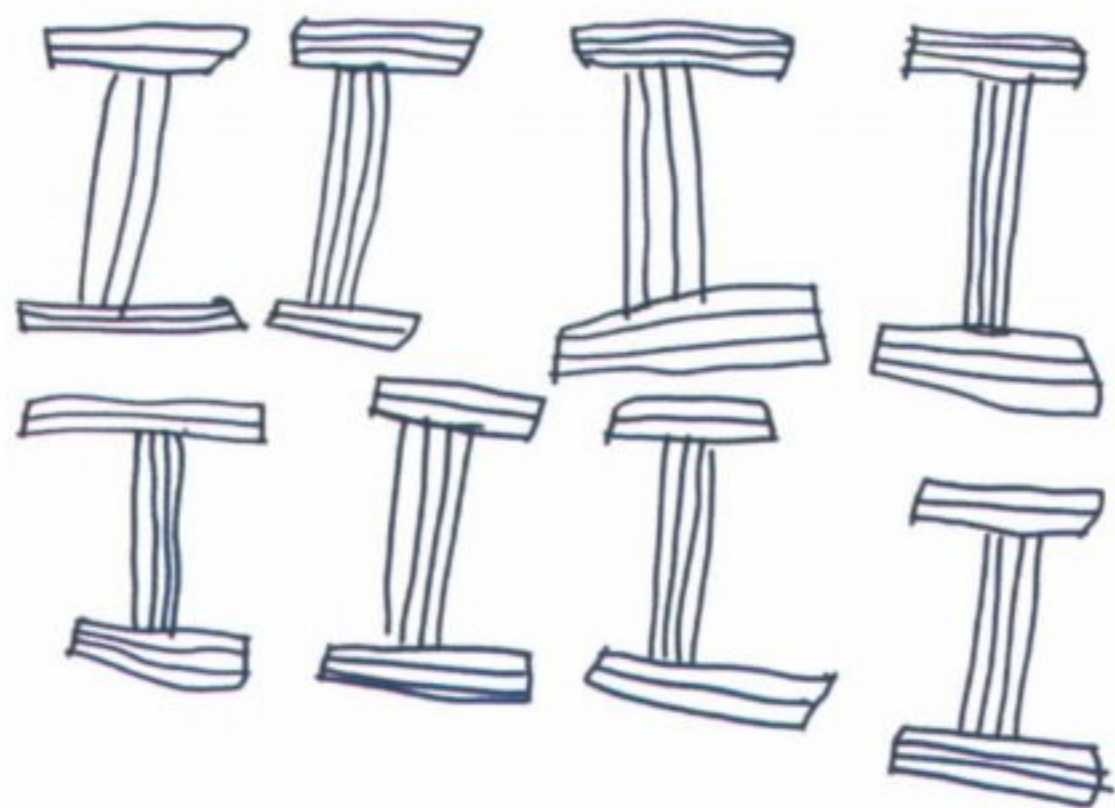
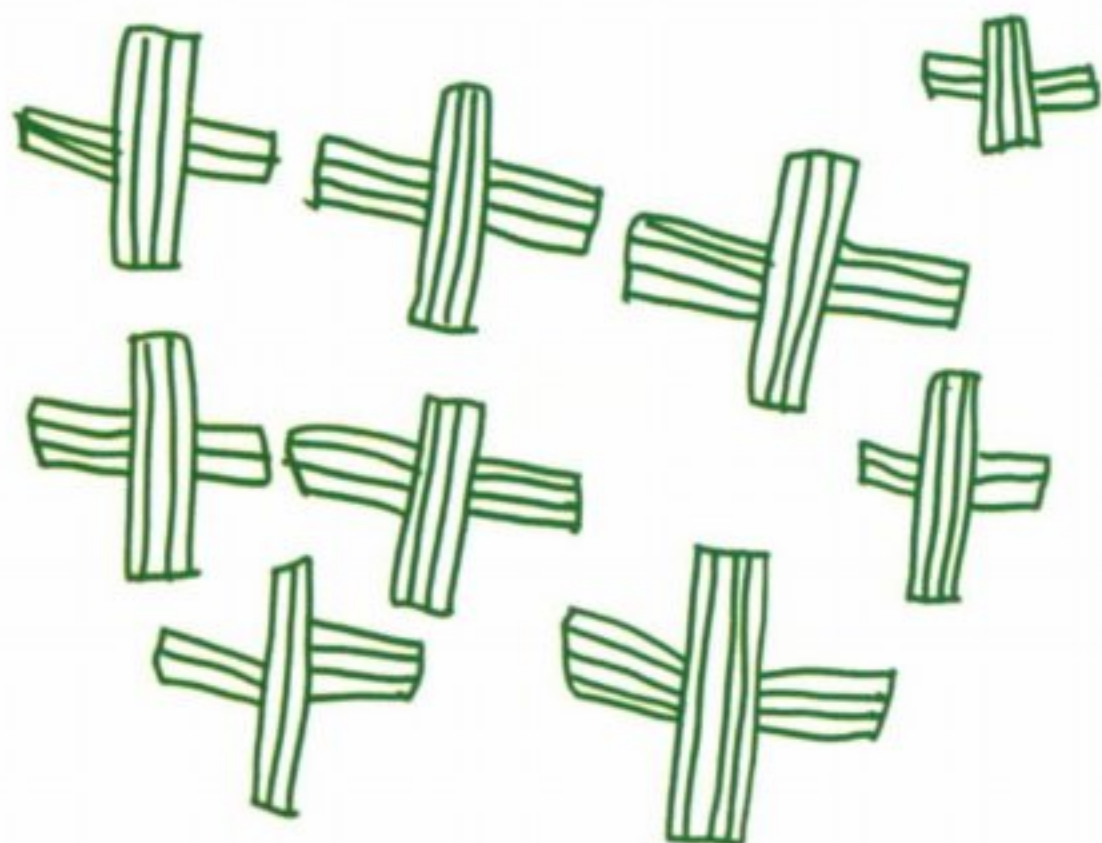
paku ruvaj [rabo de pacu]

X



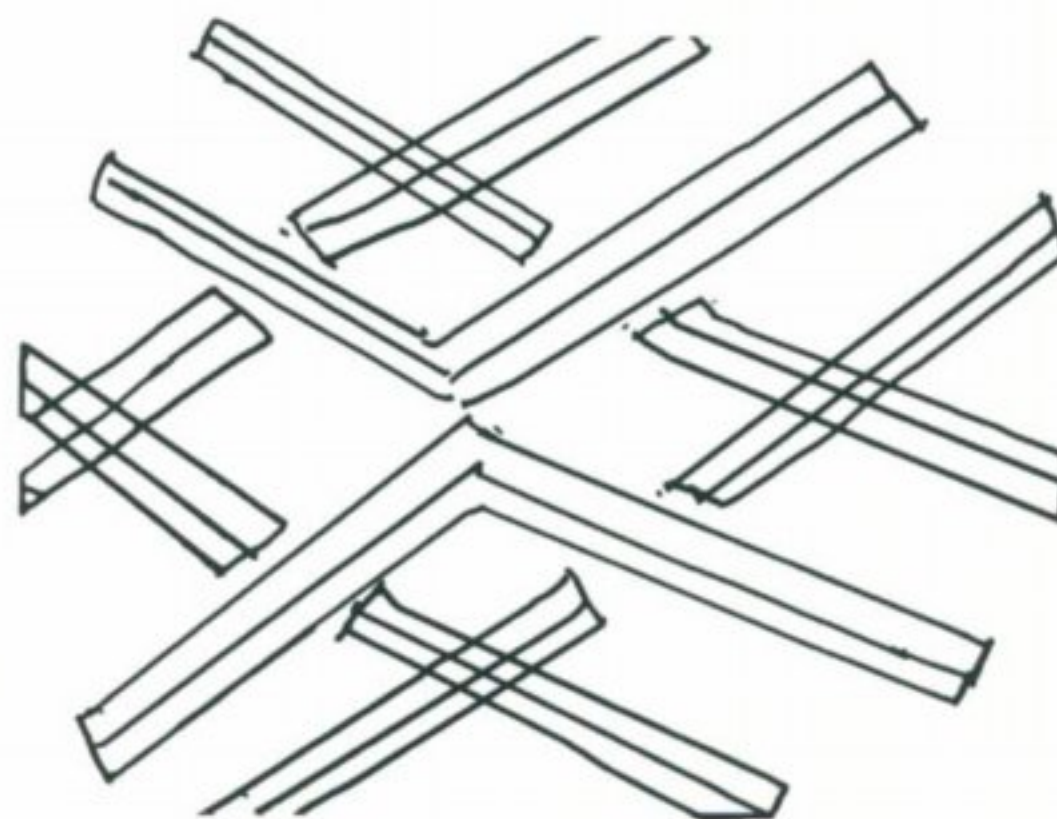
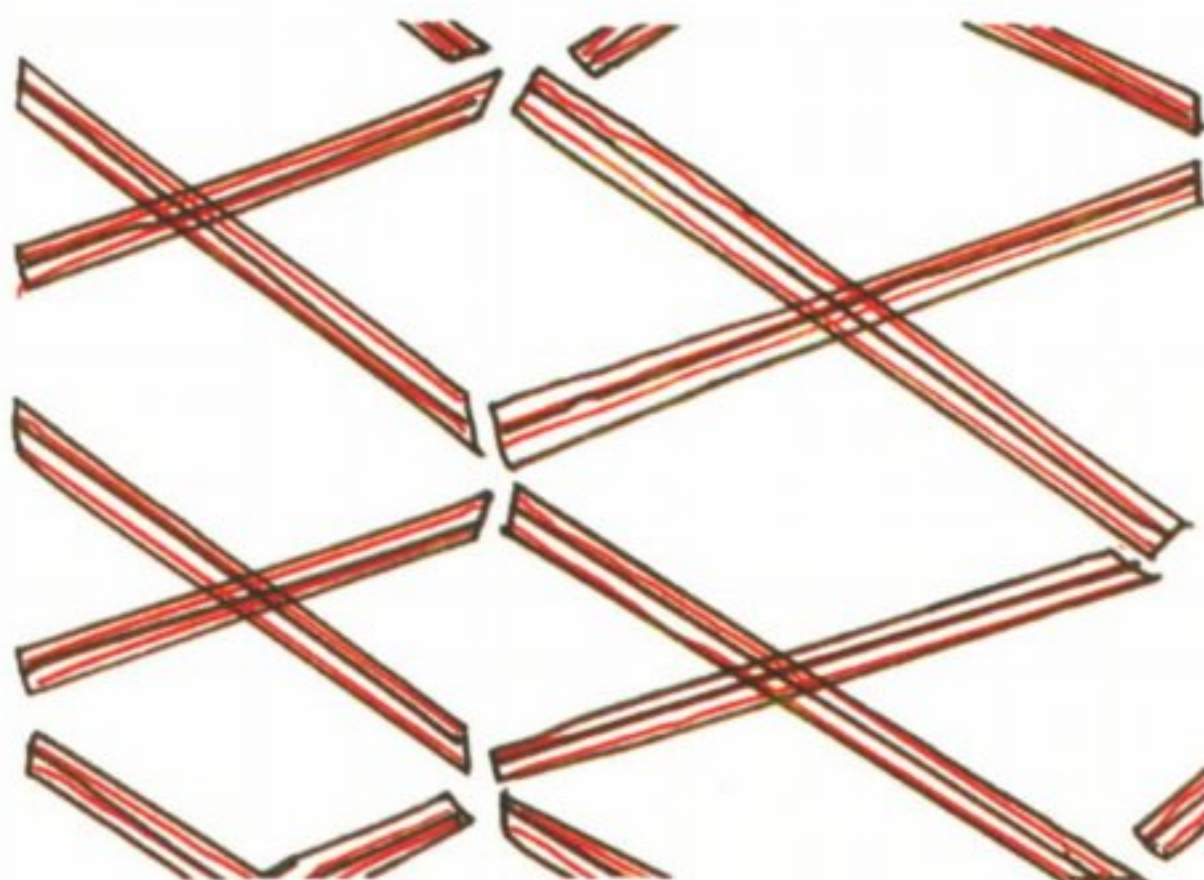
anõ kusiwa

[pintura facial
da rã *anõ*]



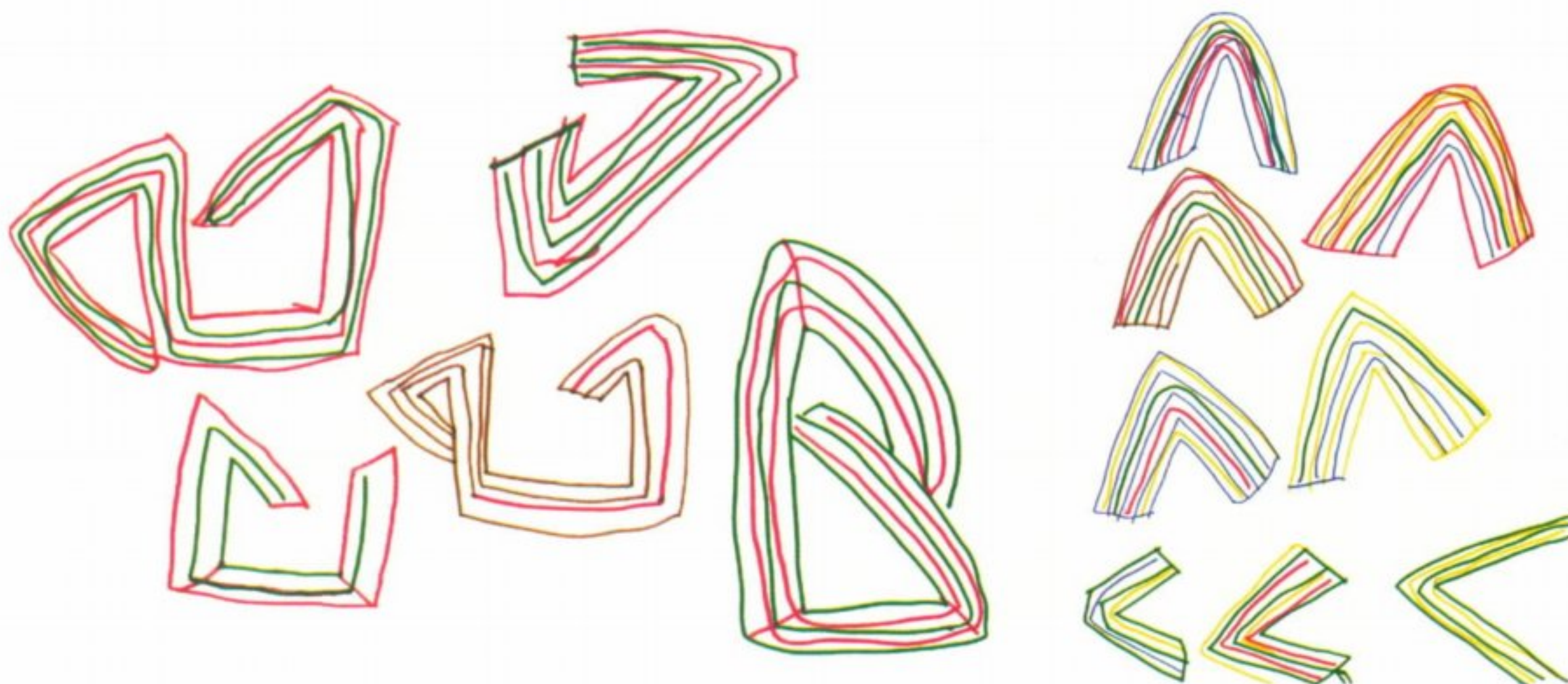
murua soka

[pernas da rã *murua*]

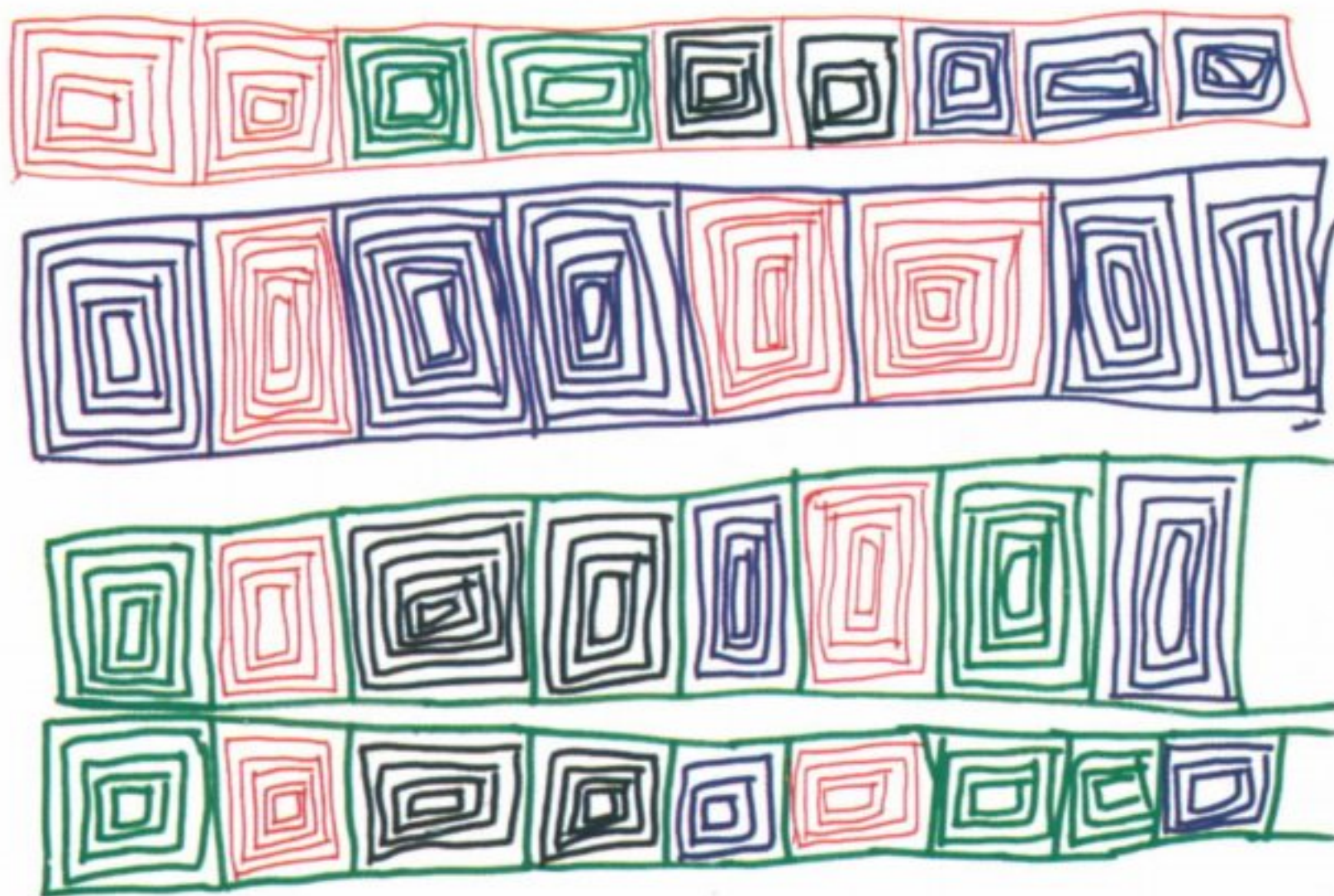
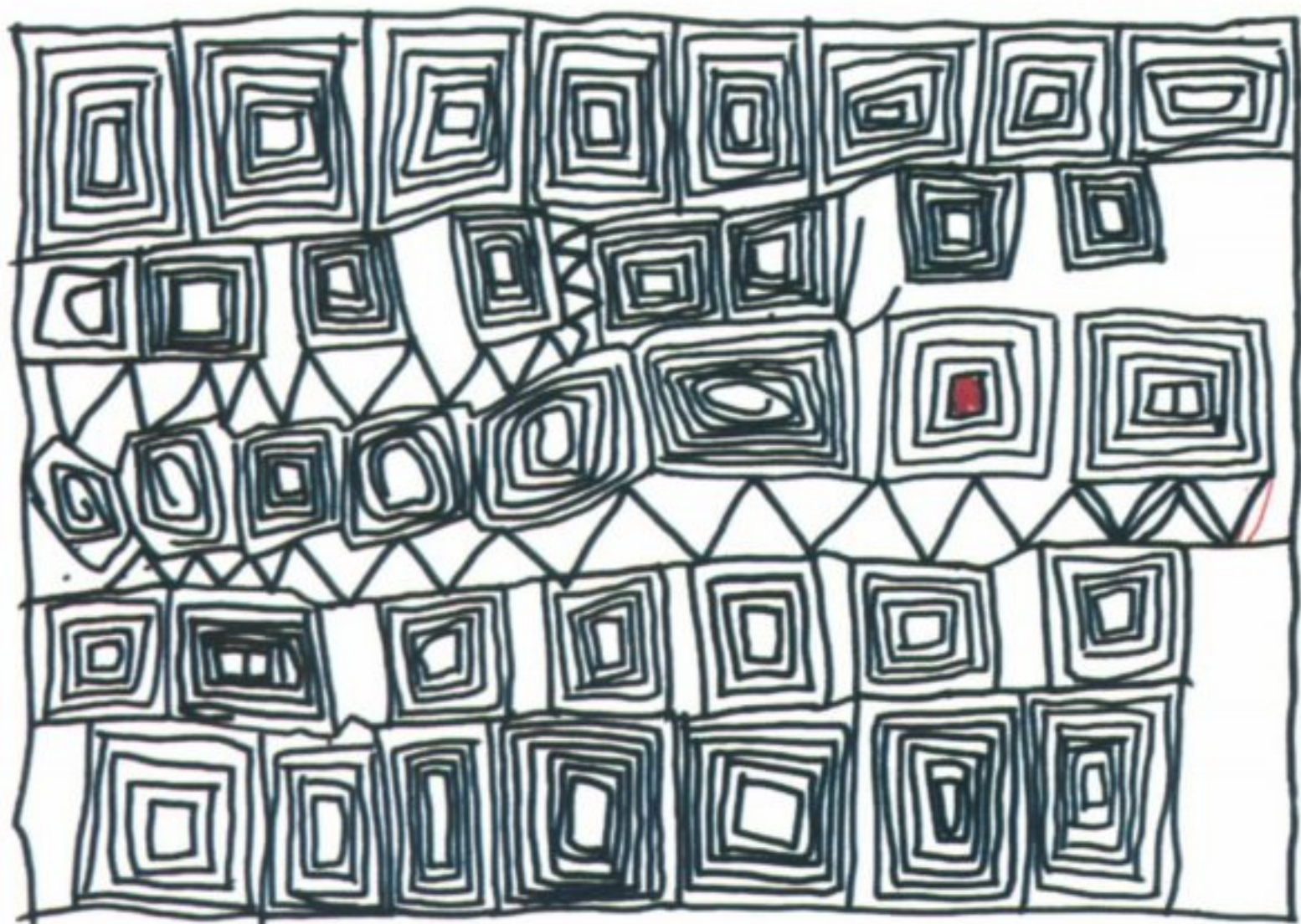


juve [pintura facial da rã juve]

X

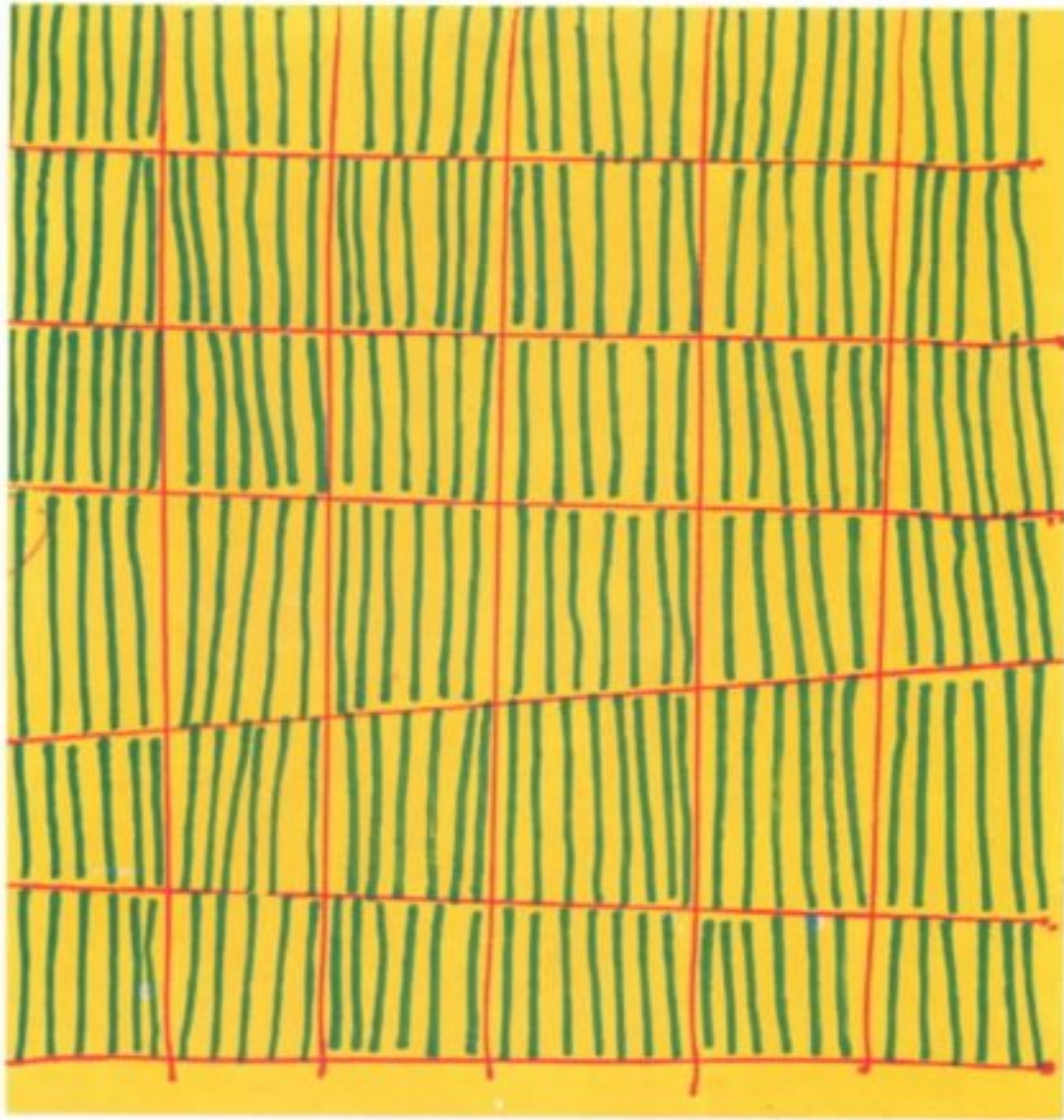


jawi [jaboti]

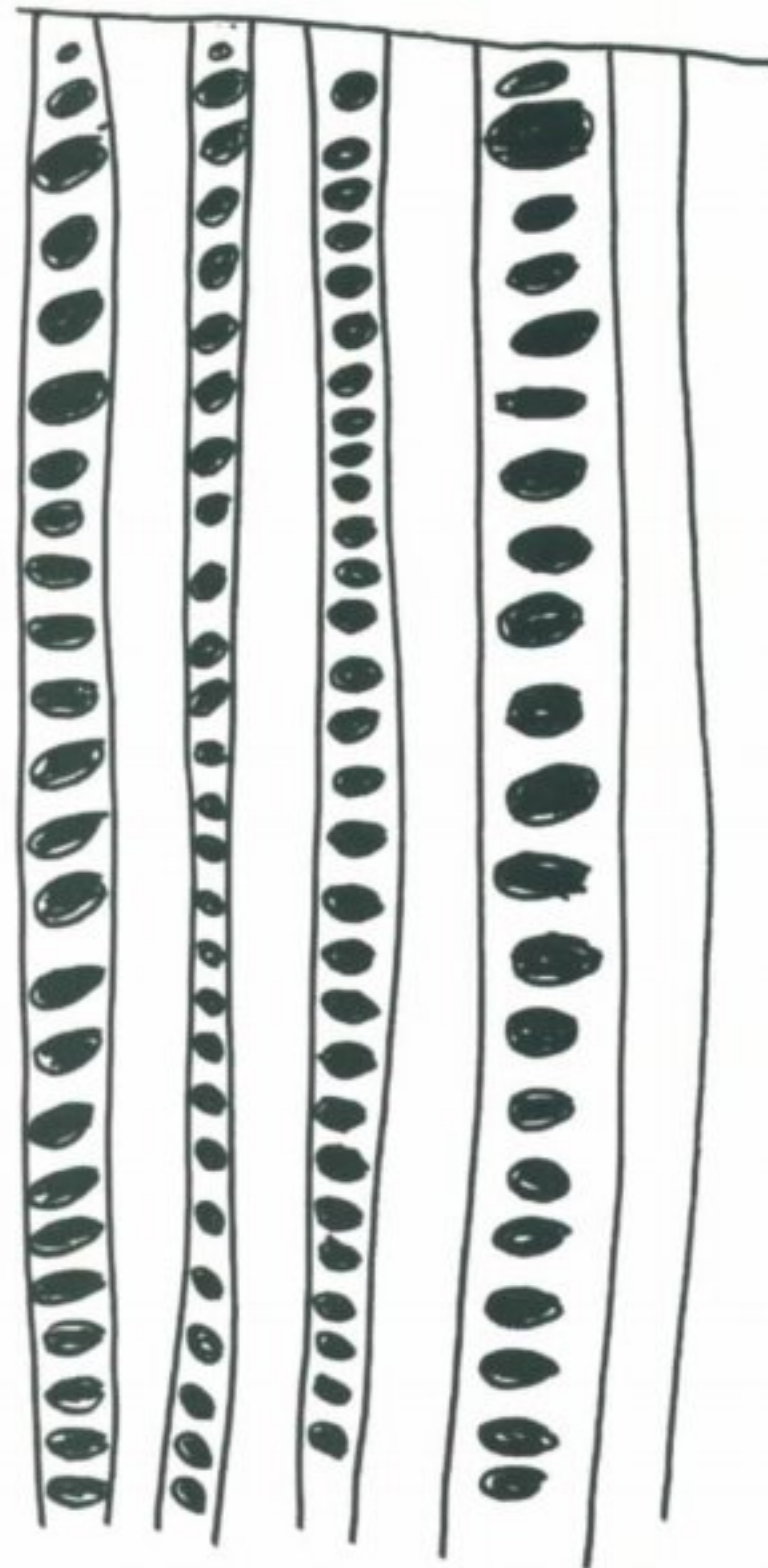
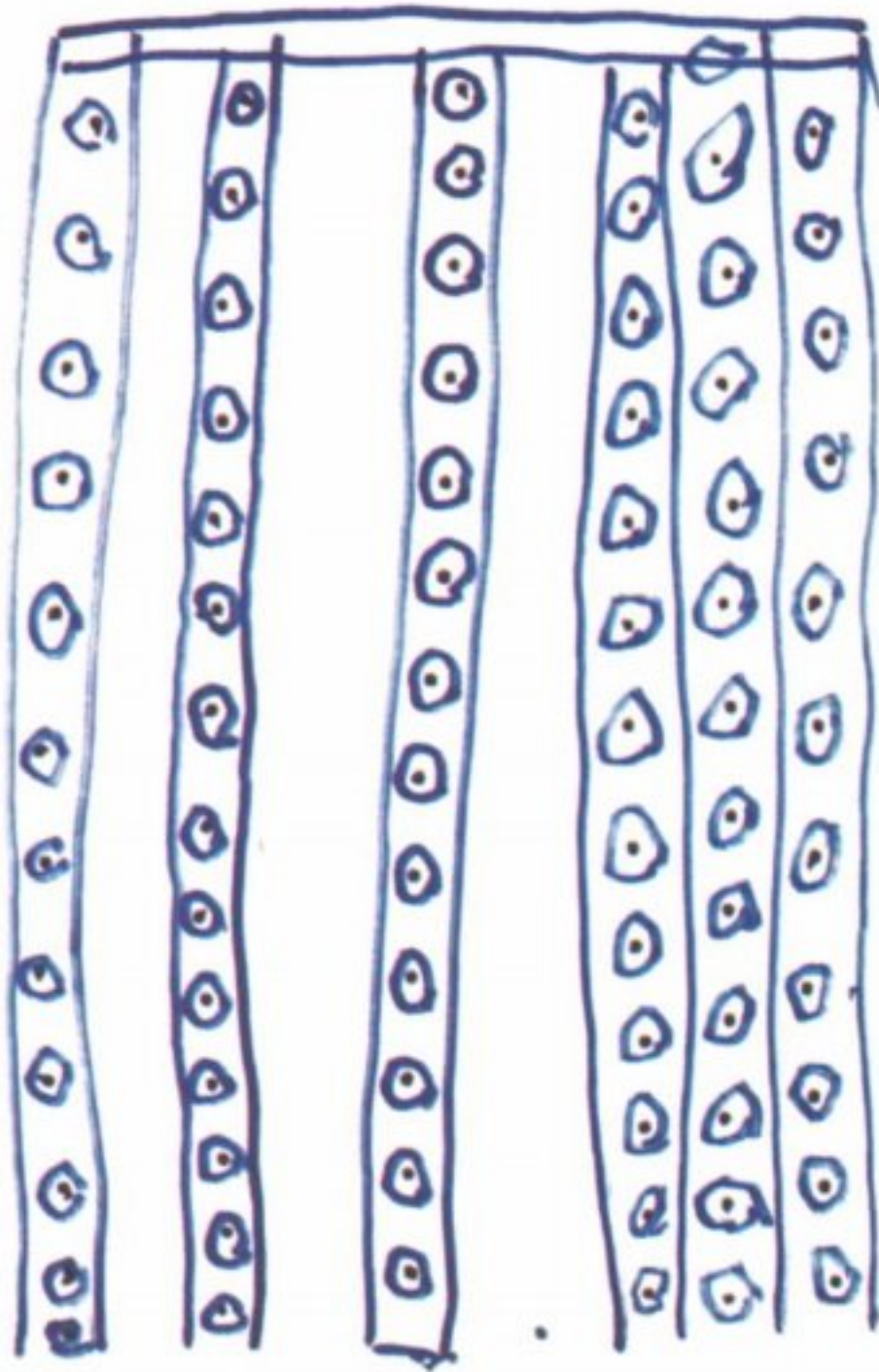


jakare [jacaré]

+



tapi'i ra'yr [filhote de anta]

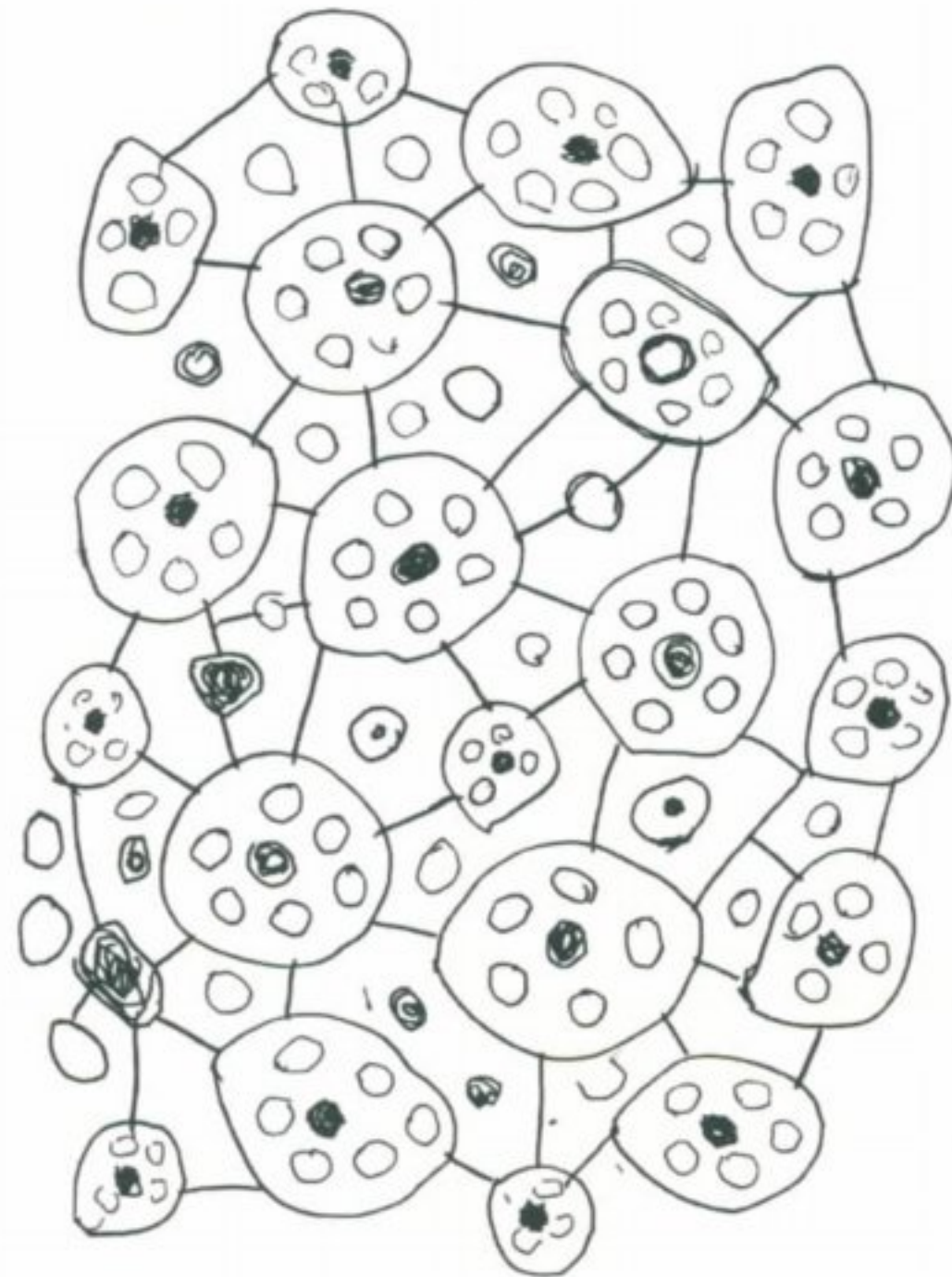


jawara [onça]

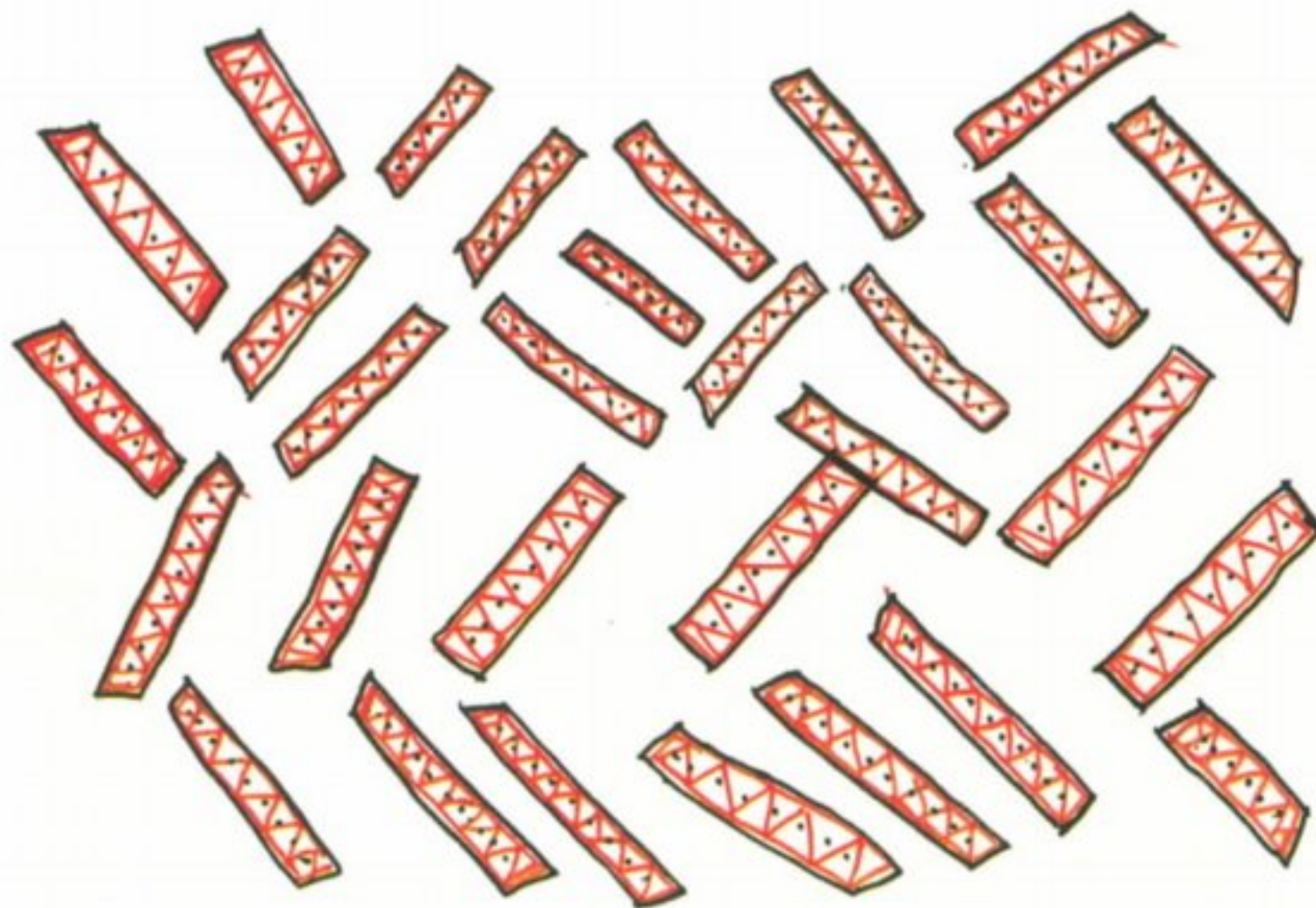
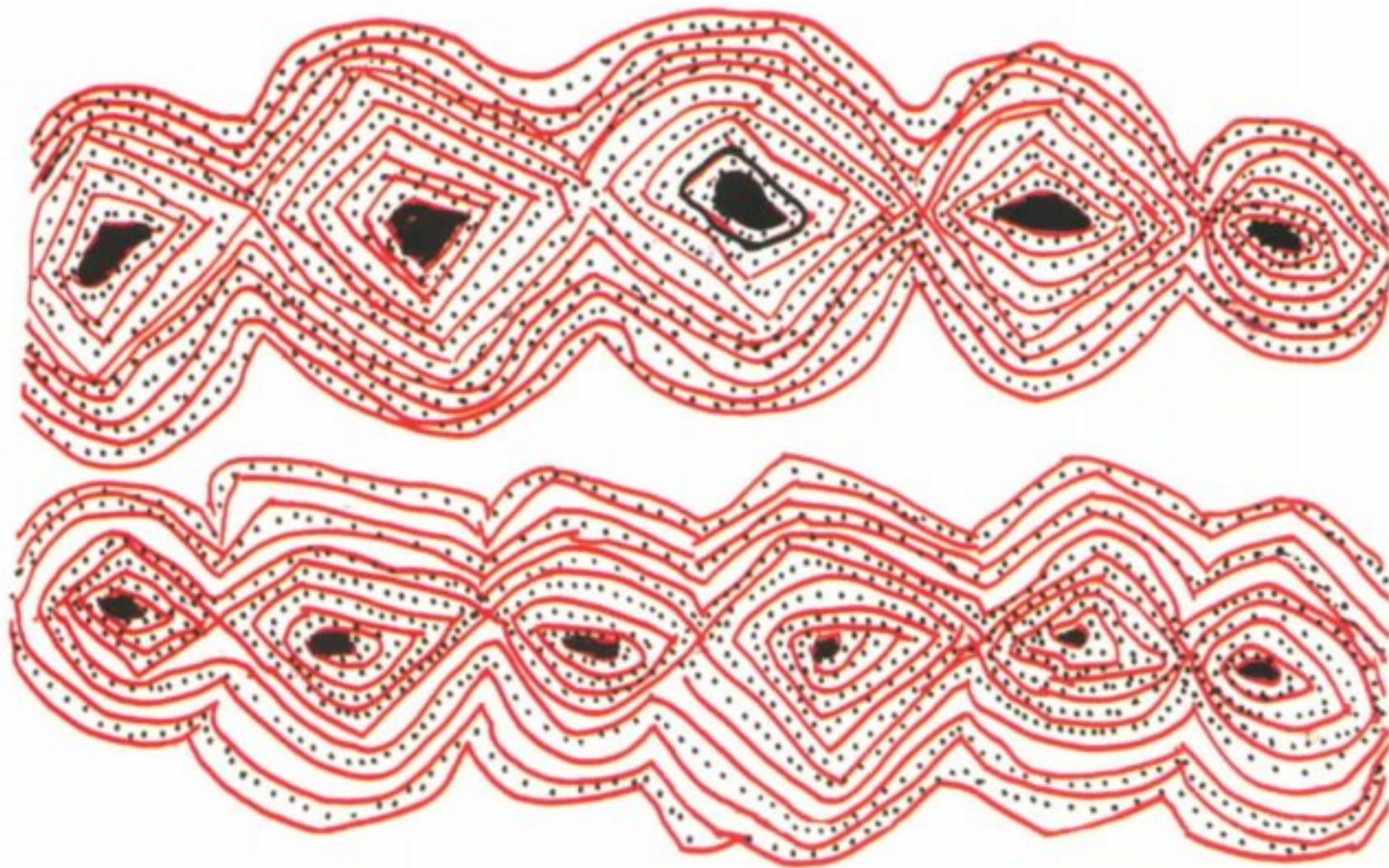
+



Handwritten text in red, likely representing a name or description of the pattern.

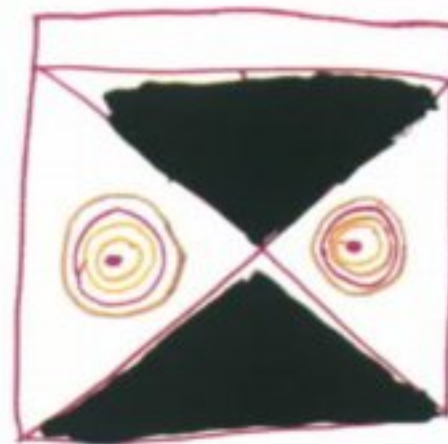
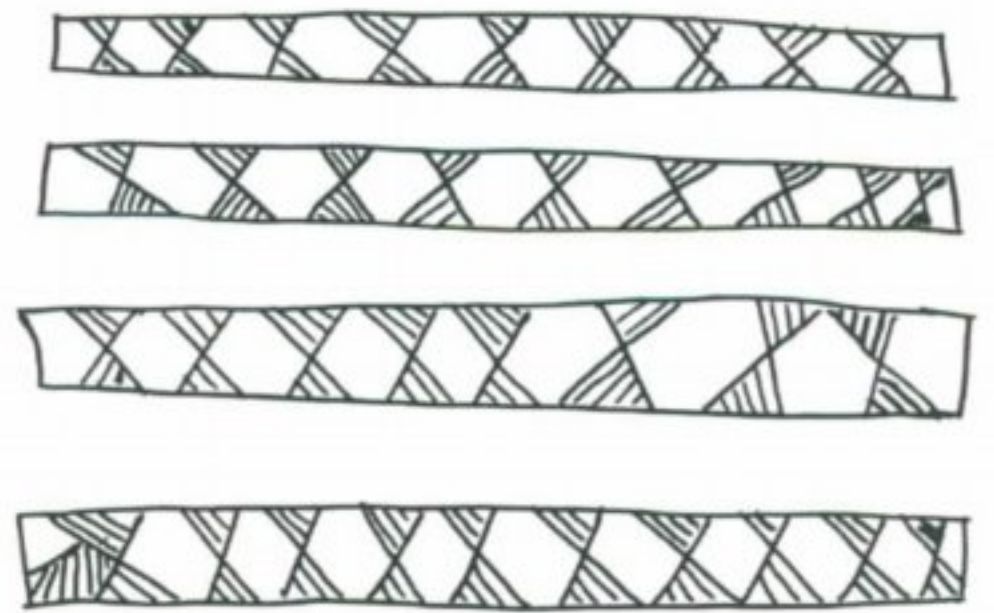
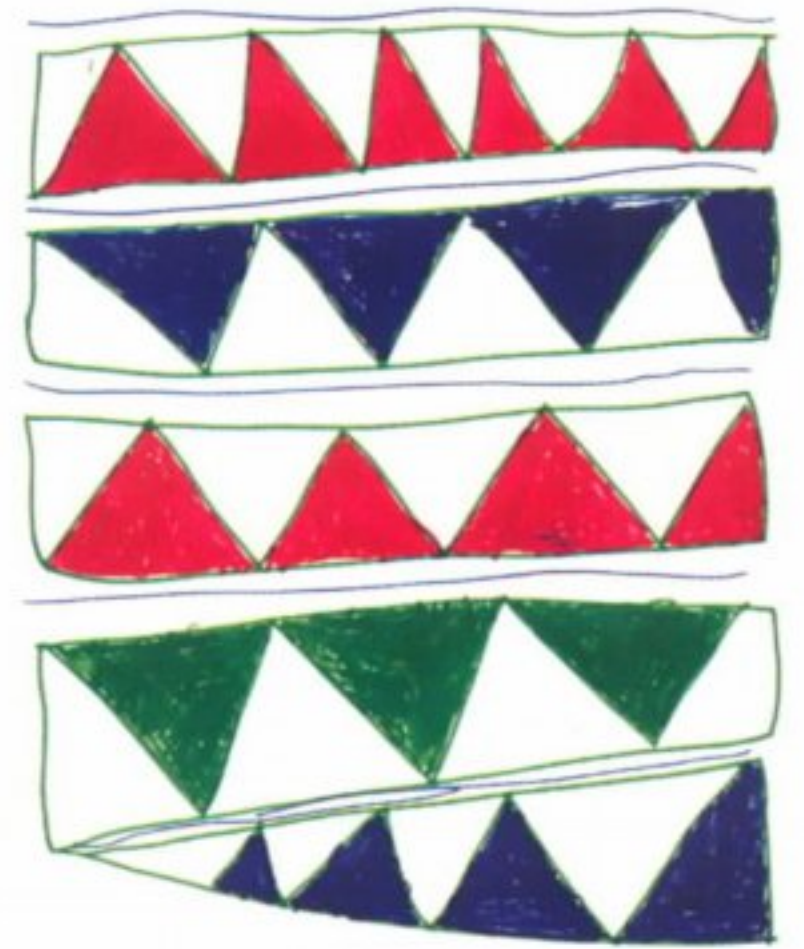
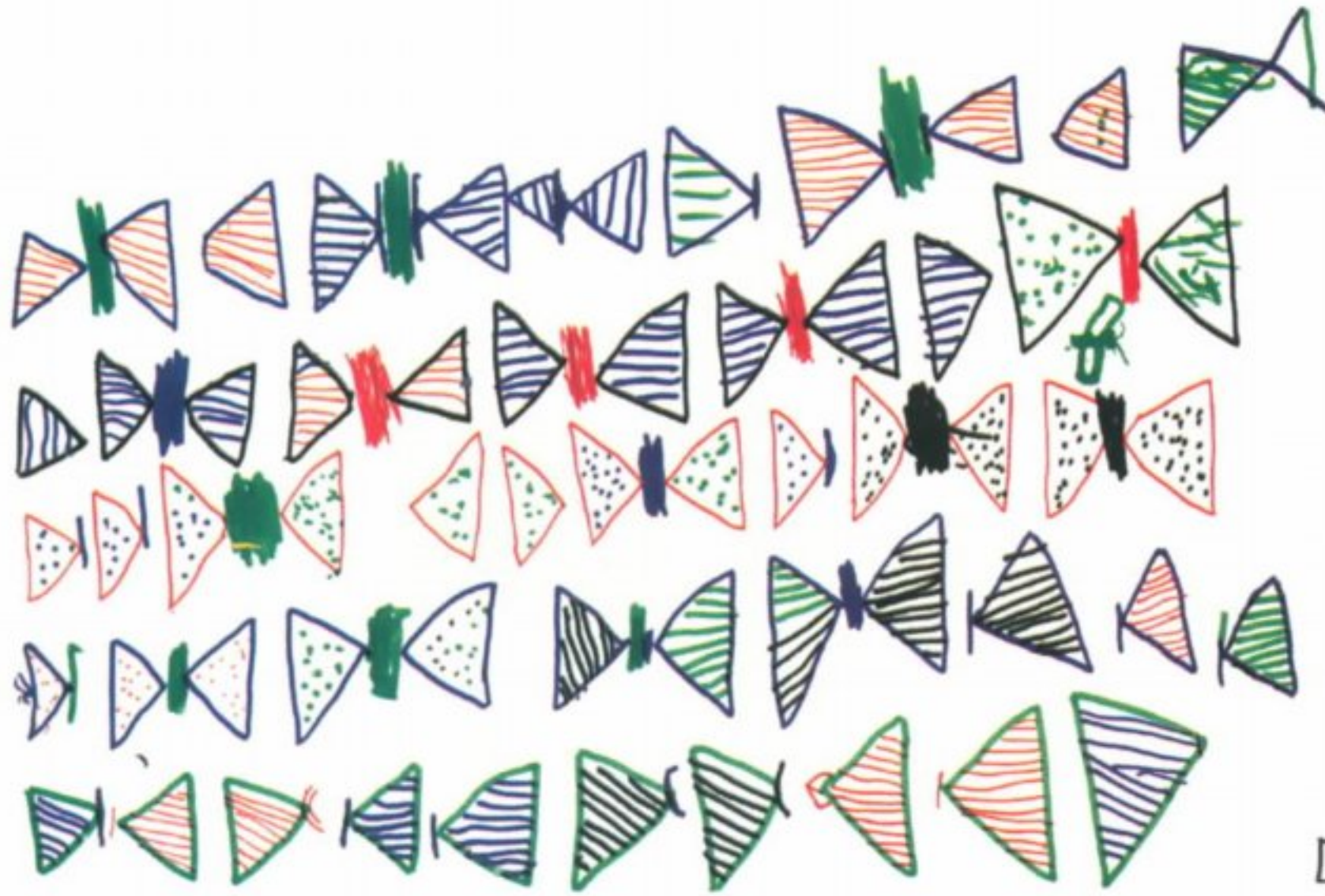


y'o kusiwa [lagarta]



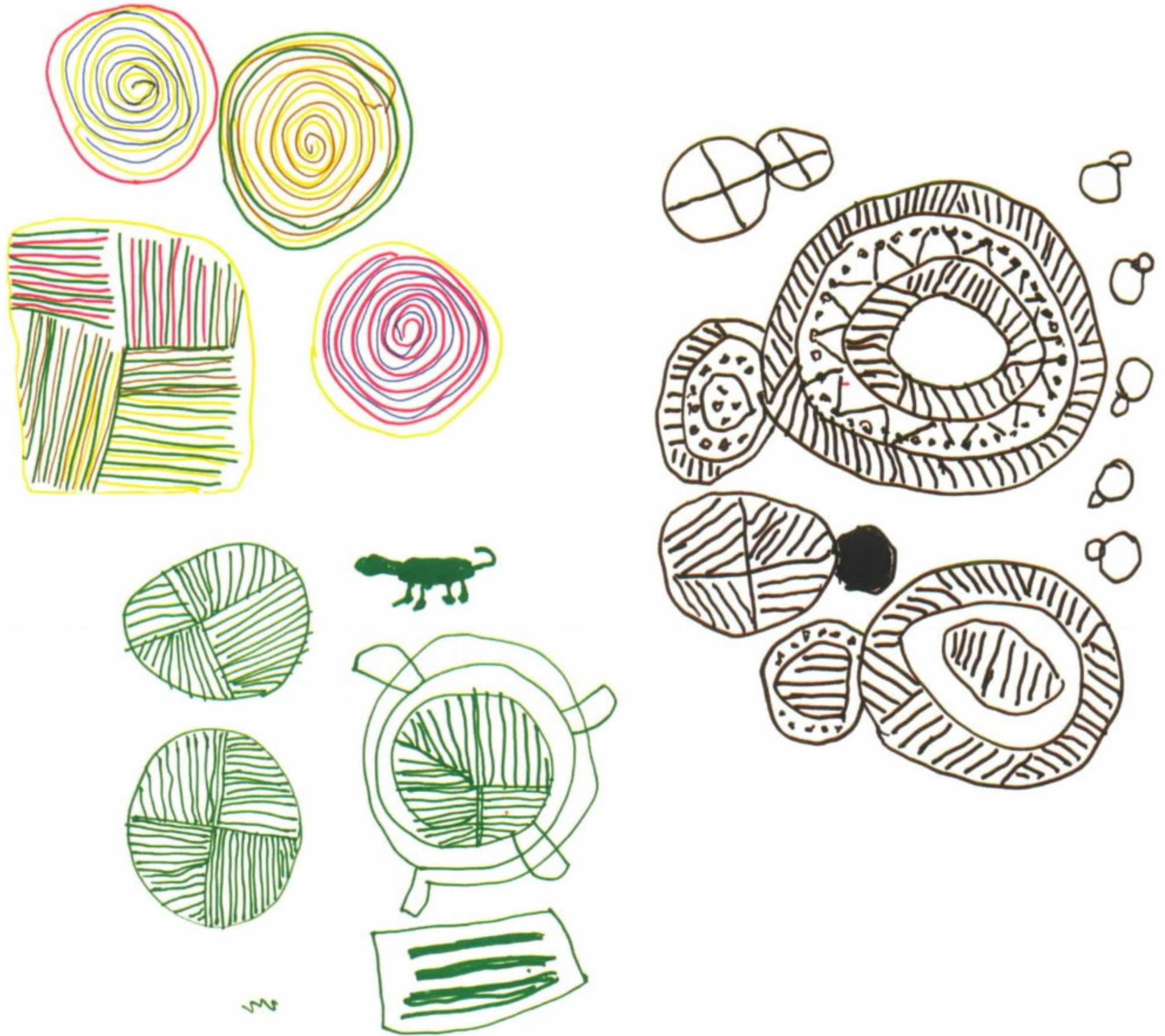
panã [borboleta]

X



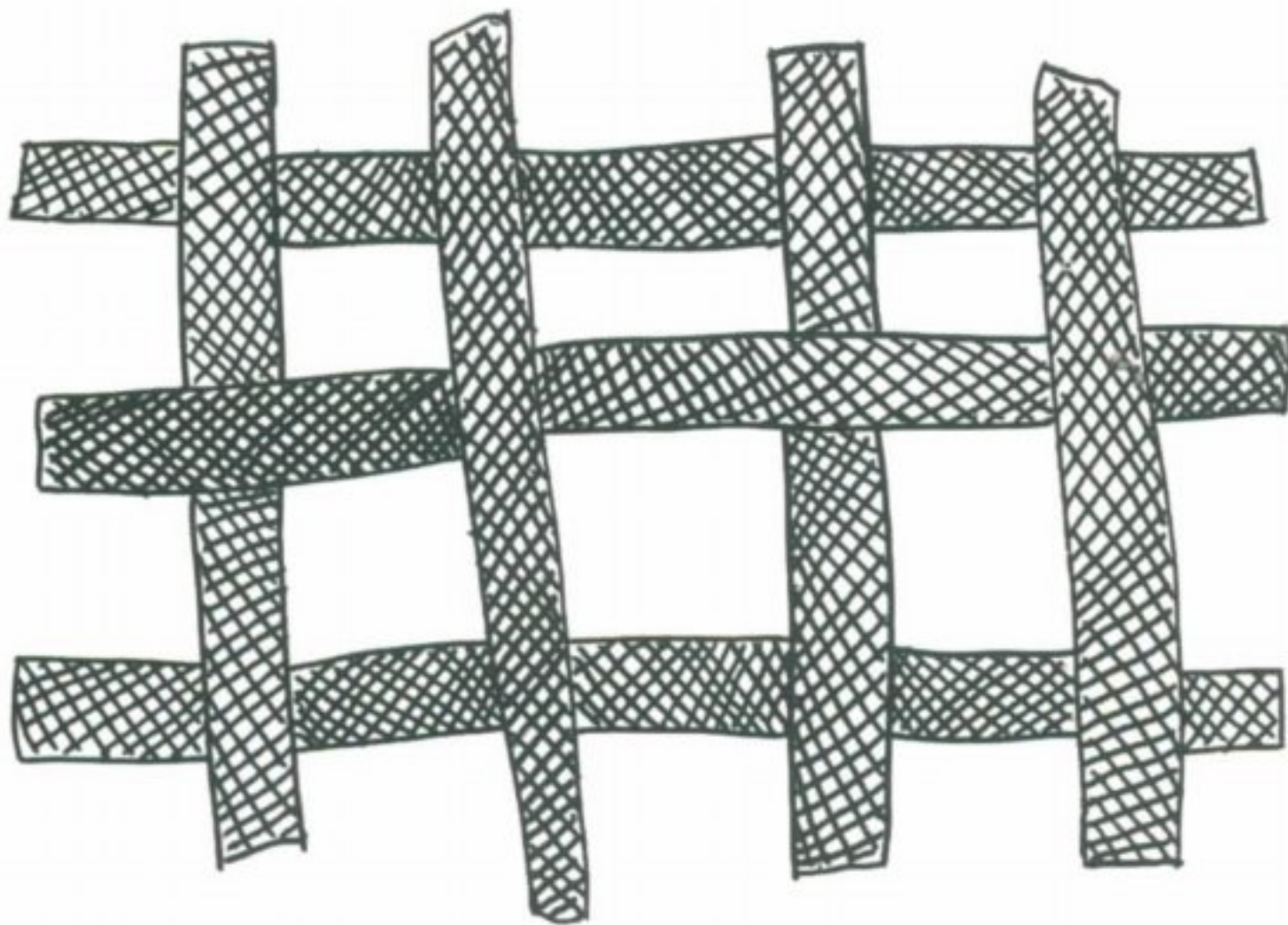
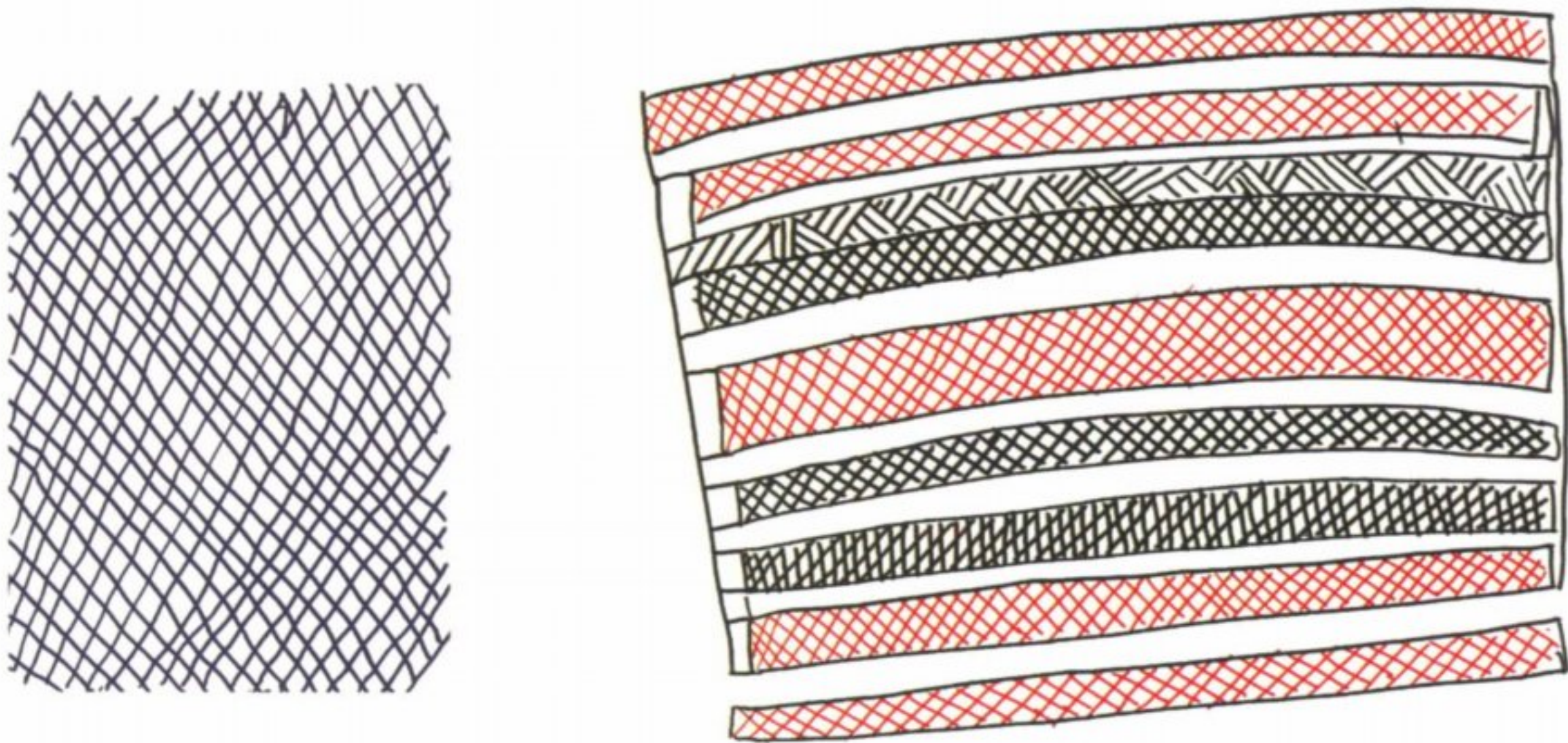
x

meju [beiju]

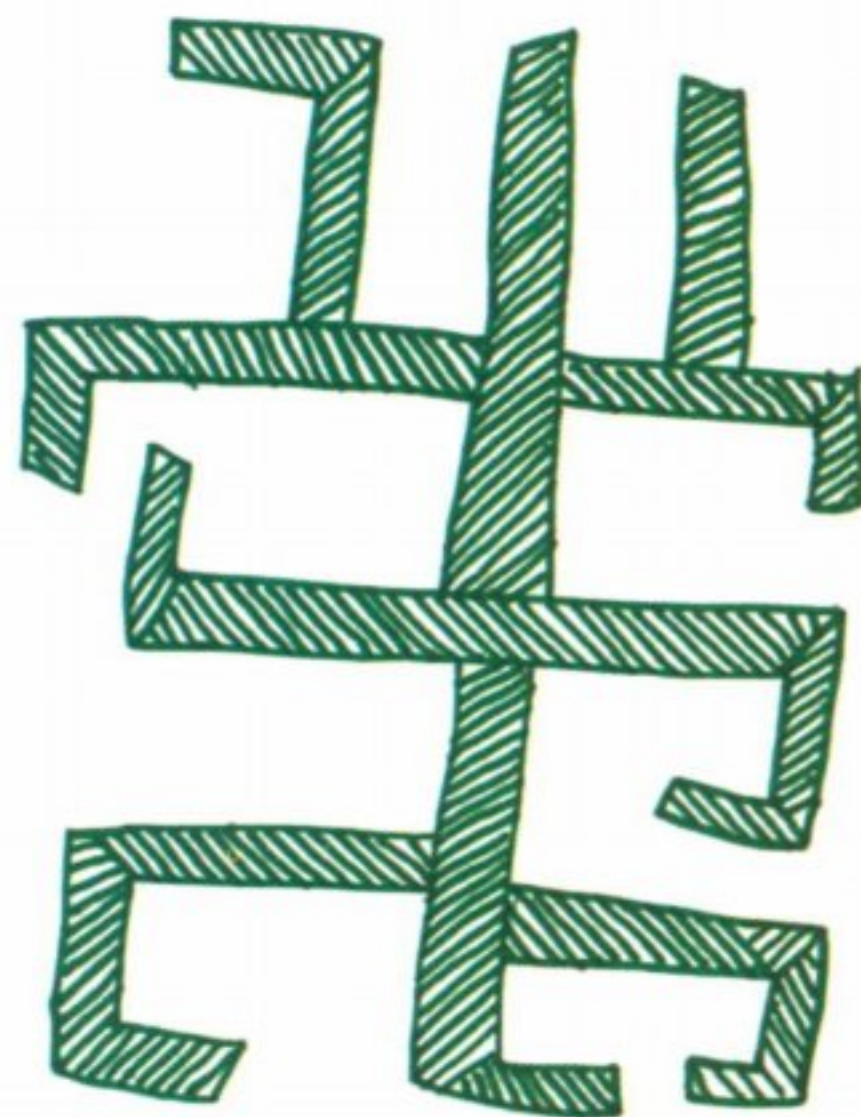


rykyry [lima de ferro]

Y

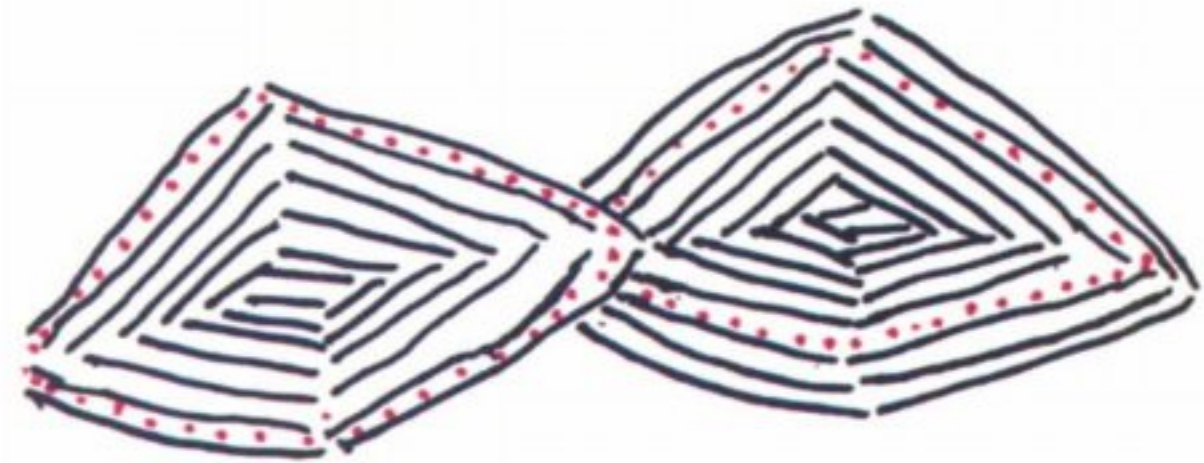
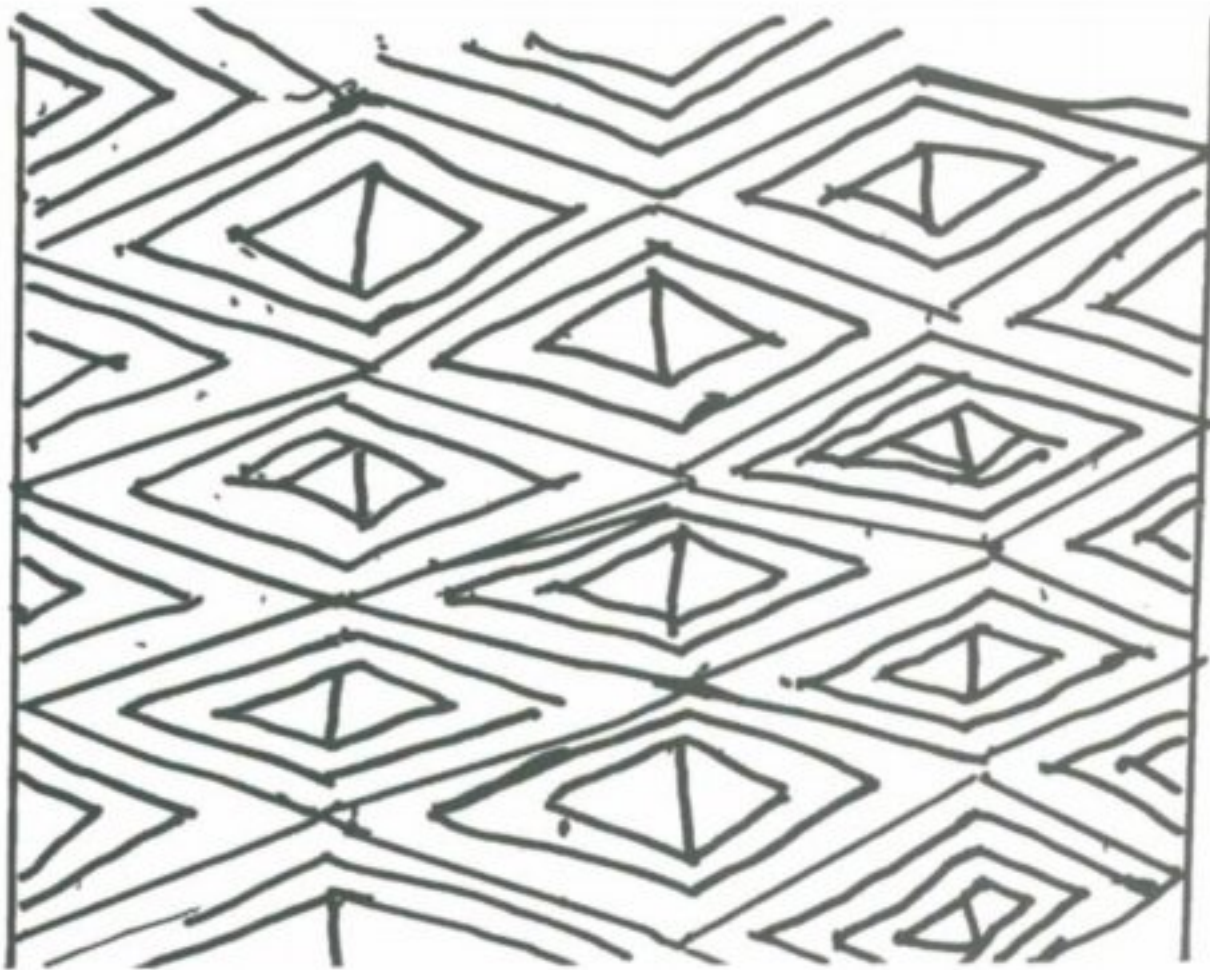
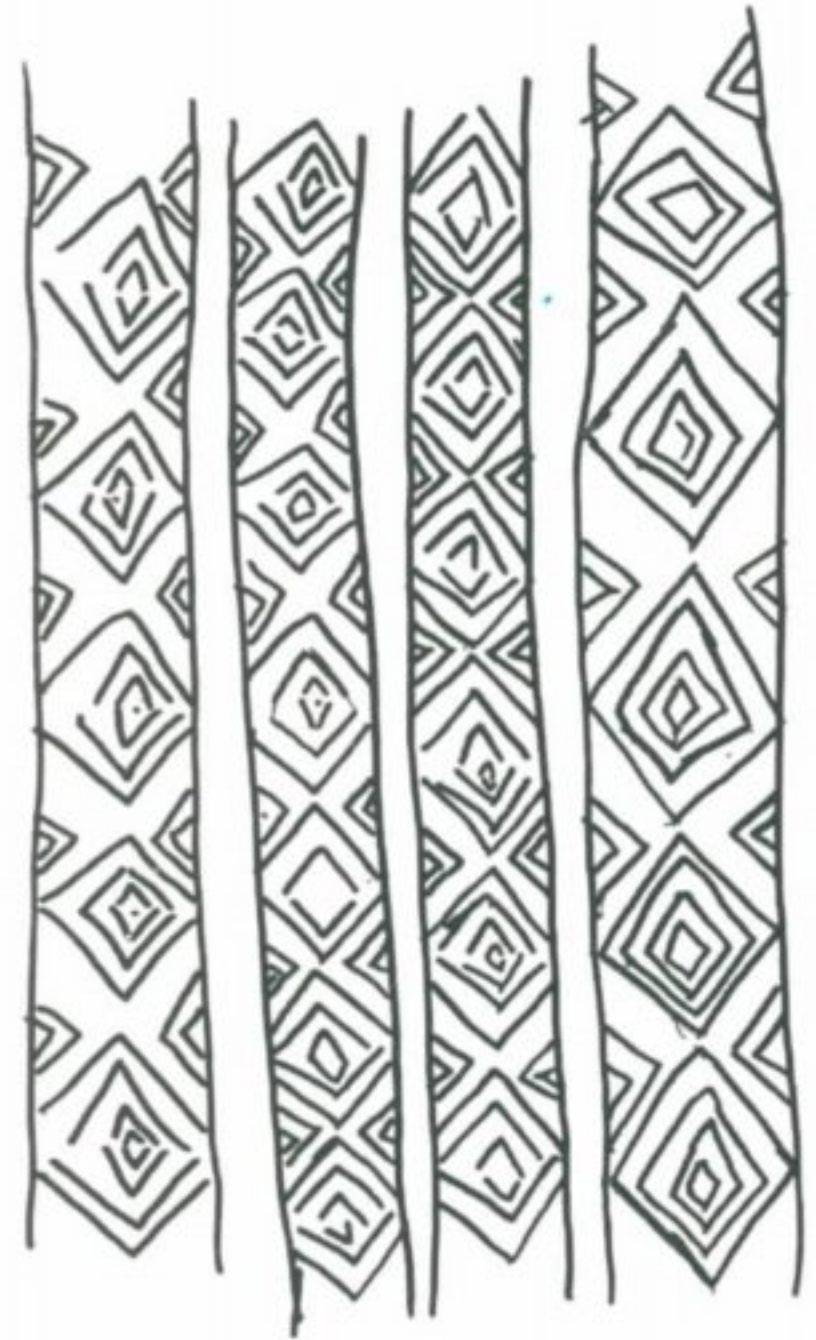
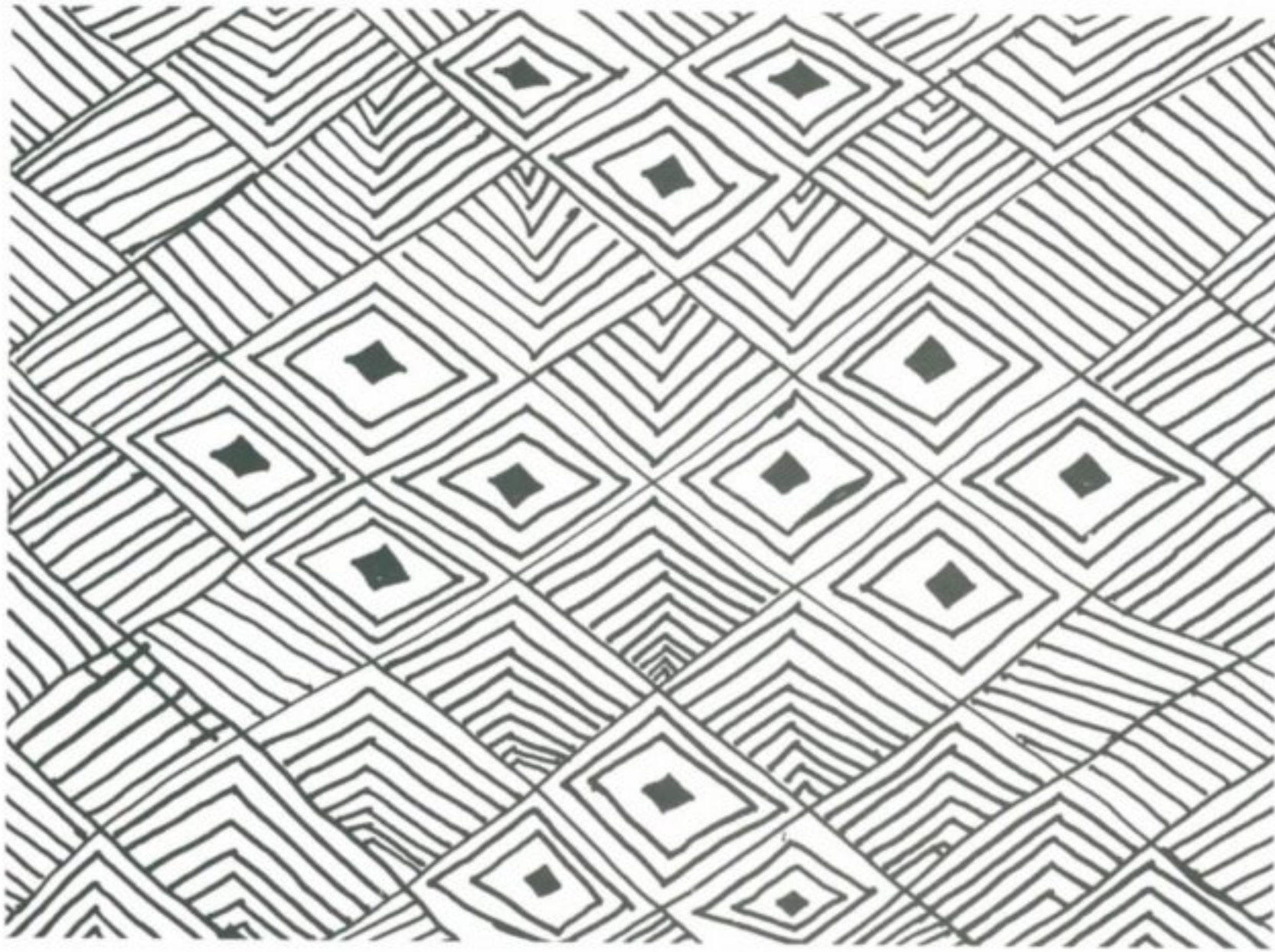


kaparu kusiwa [desenhos para borduna]



urupe aravekwa [ânus da peneira]

x



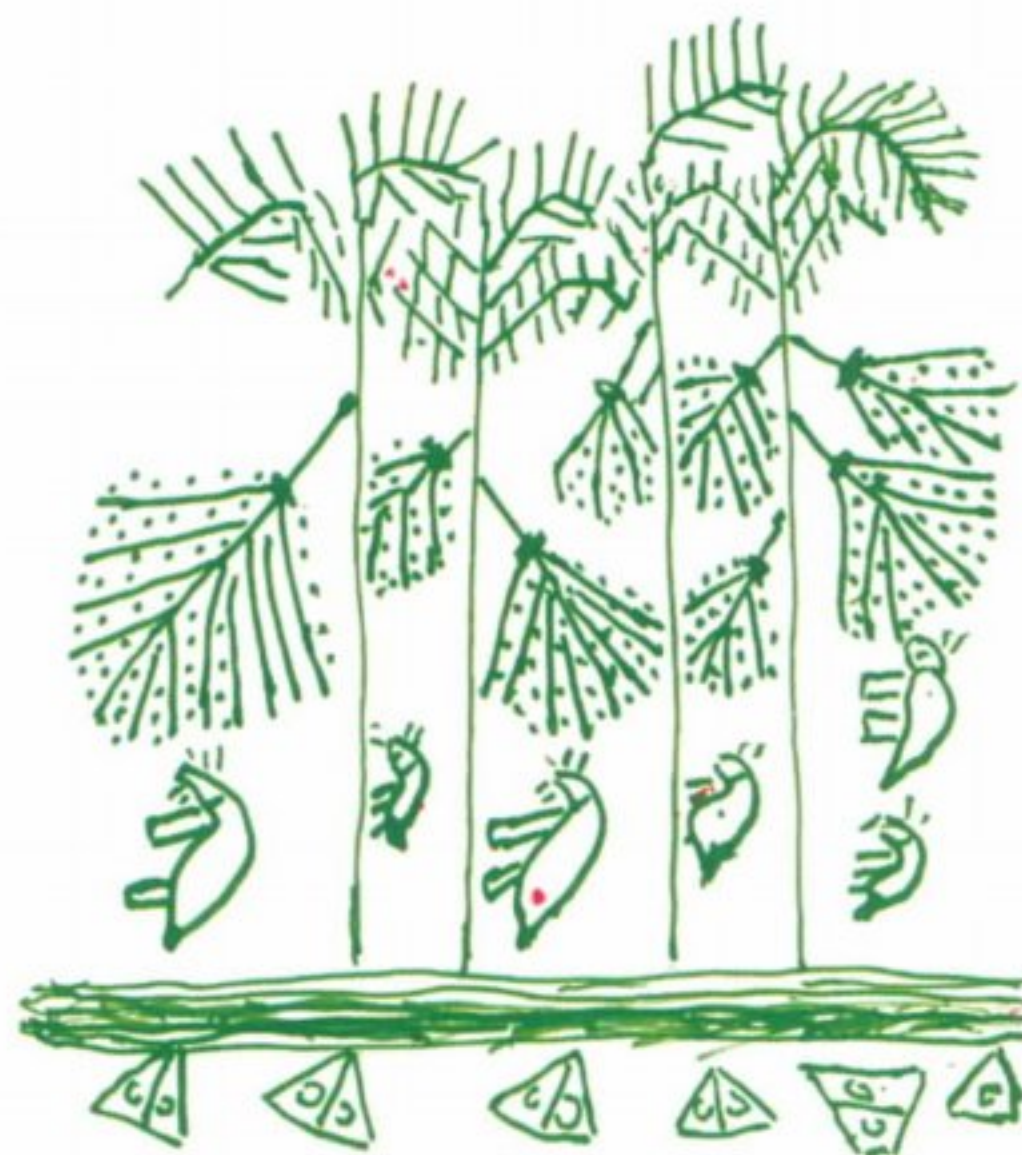
COMPOSIÇÕES

Os desenhos apresentados no catálogo de padrões gráficos foram realizados em folhas de papel, com o mesmo cuidado que se tivessem sido aplicados no corpo. Os Wajãpi julgam da beleza dos *kusiwa* a partir de critérios que valorizam a firmeza do traço - sem respingo nem manchas - e o acabamento - fechar corretamente os ângulos dos padrões. Qualquer que seja o suporte, trata-se sempre de preencher completamente o espaço disponível, o que exige controle na proporção e na composição dos elementos gráficos.

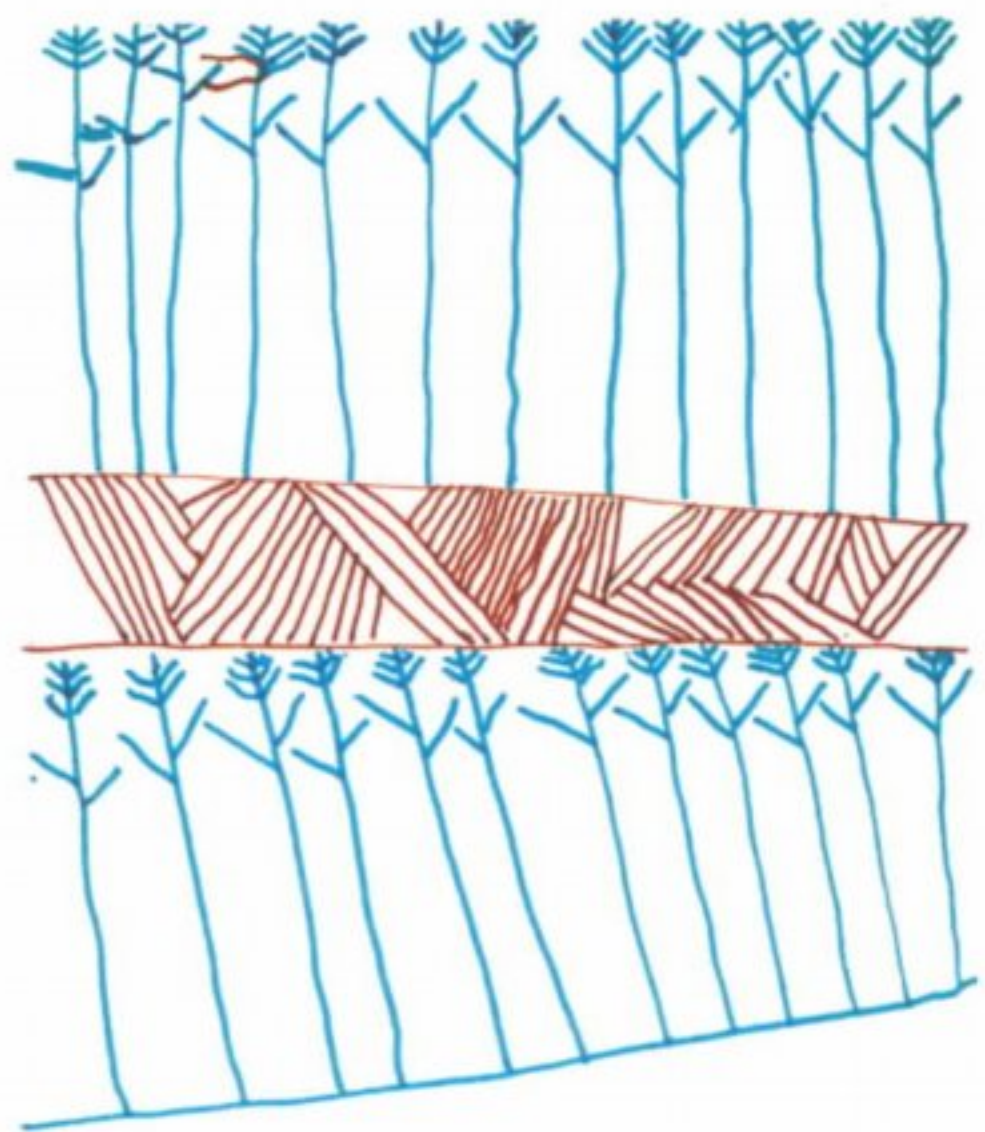
Efetivamente, na decoração do corpo - especialmente das costas e das pernas - e nos desenhos espontâneos sobre papel, os padrões *kusiwa* não são reproduzidos isoladamente, mas associados entre si para formar composições complexas. É praticamente impossível encontrar duas pessoas com o mesmo conjunto de padrões pintados em seus corpos. Nos desenhos feitos em novos suportes, essas composições nunca se repetem. Folhas de papel brancas ou

coloridas, canetas e tintas diversificadas ampliaram as possibilidades de desdobramento e de combinação de padrões gráficos, valorizando tanto o conhecimento do repertório como a expressão individual.

As obras apresentadas nas próximas páginas evidenciam o encanto com que os Wajãpi se apropriaram do recurso à cor, que viabiliza a imbricação ou a repetição de padrões básicos, obtendo-se resultados que a sobreposição preto/vermelho da pintura do corpo não permitiria.



Se as formas de reprodução do grafismo wajãpi se adaptaram a novos suportes e novas técnicas, os conteúdos transmitidos através desta tradição gráfica também estão incorporando novos temas ou objetos para a representação, como a bandeira nacional, algumas letras do alfabeto, rios com peixes, etc... No entanto, as composições continuam marcadas pela associação de elementos básicos e pela abstração característica da linguagem gráfica dos Wajãpi. Quando indagados a respeito dos desenhos, os autores podem até enumerar os



Roça de milho
Matã Wajãpi / 1983

padrões utilizados na composição, mas nunca atribuem um significado ao conjunto, dizendo se tratar sempre, e apenas, de *kusiwa*.

Esta arte decorativa, que potencializa o prazer estético da decomposição e recomposição de elementos de um repertório, é completamente diferente das representações figurativas que os Wajãpi também realizam hoje e que eles denominam *-a'ãga*, "imagens". Esse termo, também utilizado para as fotografias, indica que algo da pessoa ou do objeto representado - seu princípio vital - se fazem presentes no desenho. Trazer a alma de seres representados em desenhos não era parte da tradição ou do interesse dos Wajãpi e muitos adultos ainda desprezam esse estilo de representação. Os que se interessaram em experimentar a figuração, influenciados pelas crianças e jovens que frequentam a escola, realizaram desenhos em que o estilo gráfico *kusiwa* está muito presente.







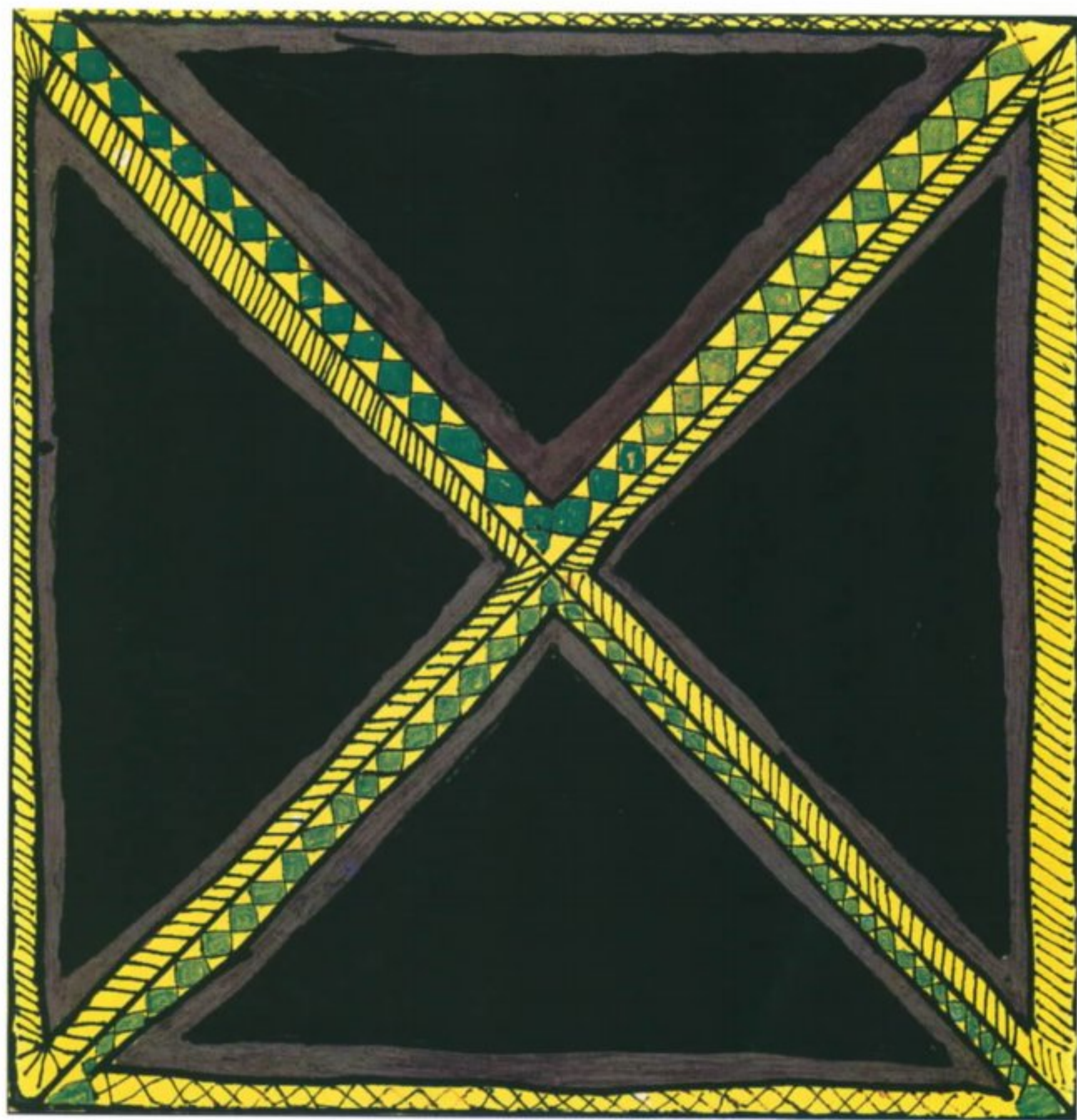


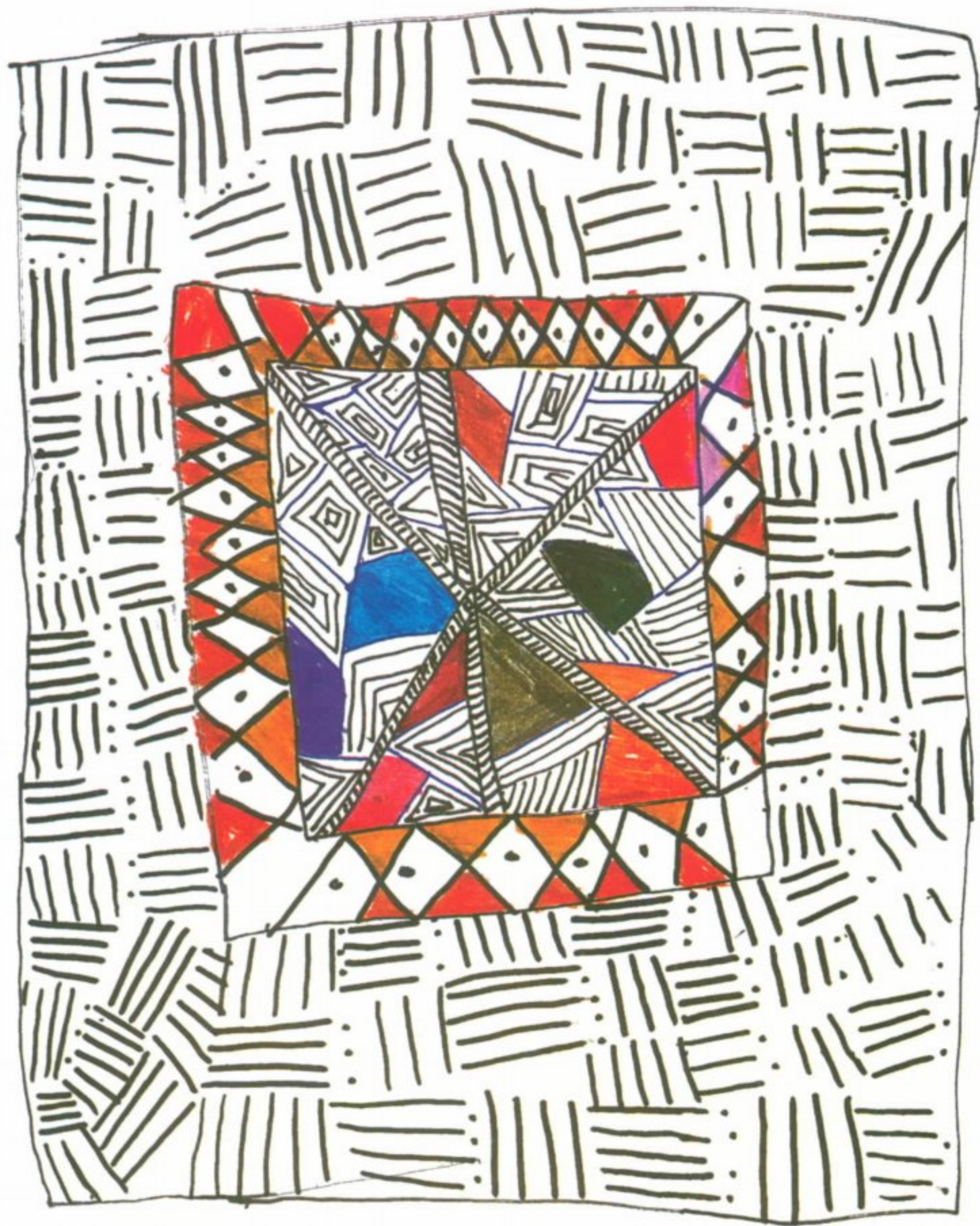


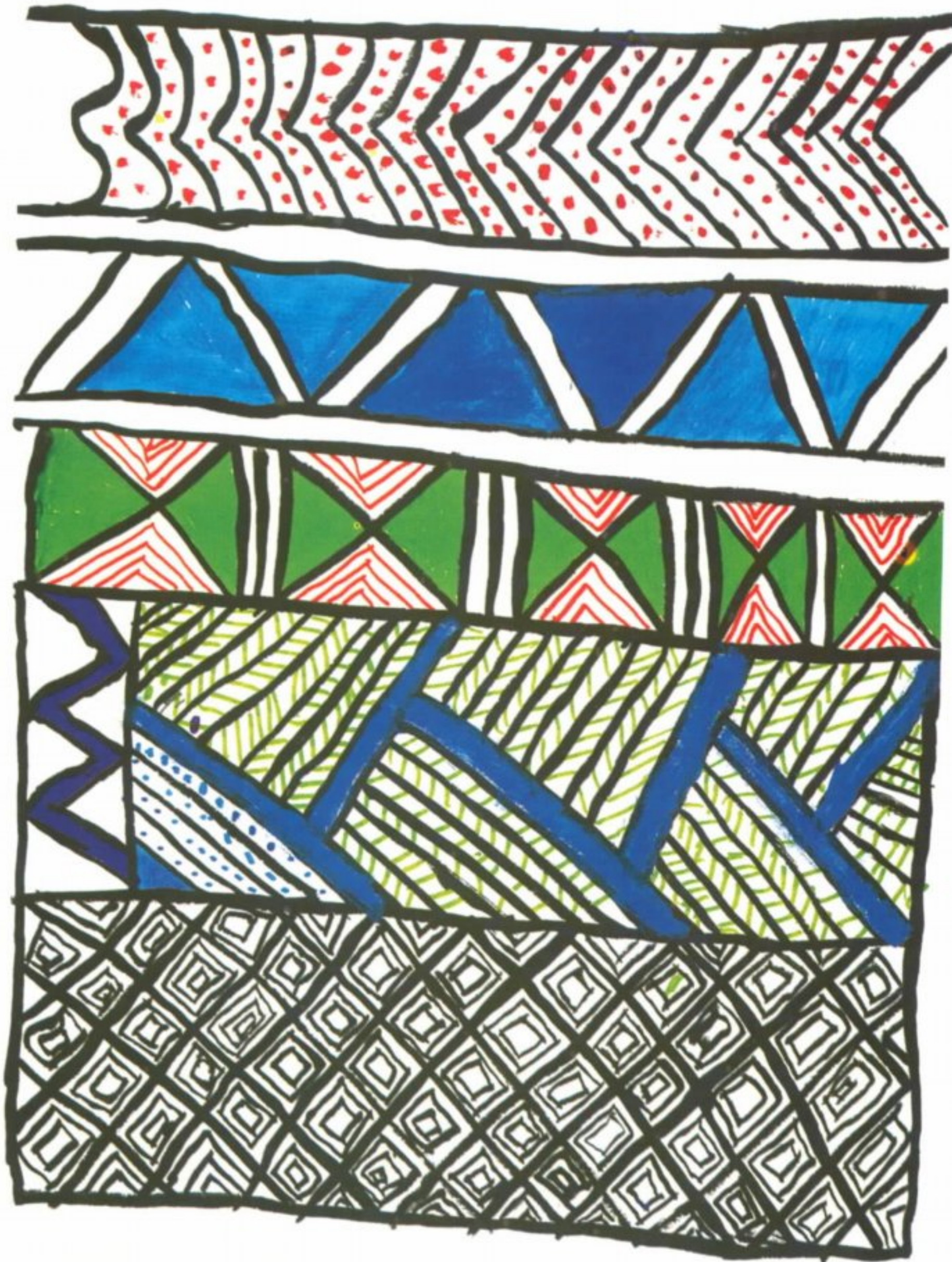


Makarato Wajápi

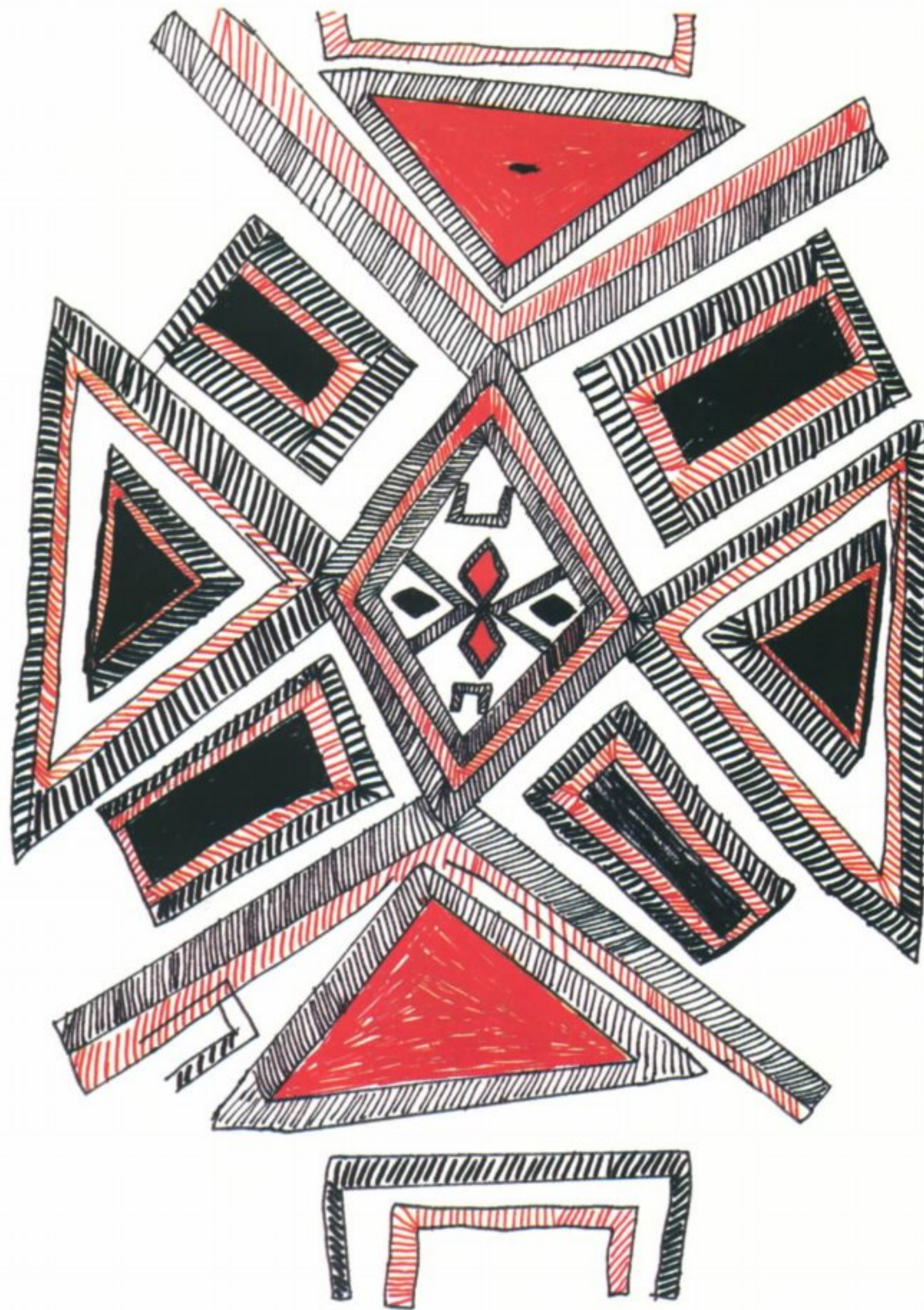


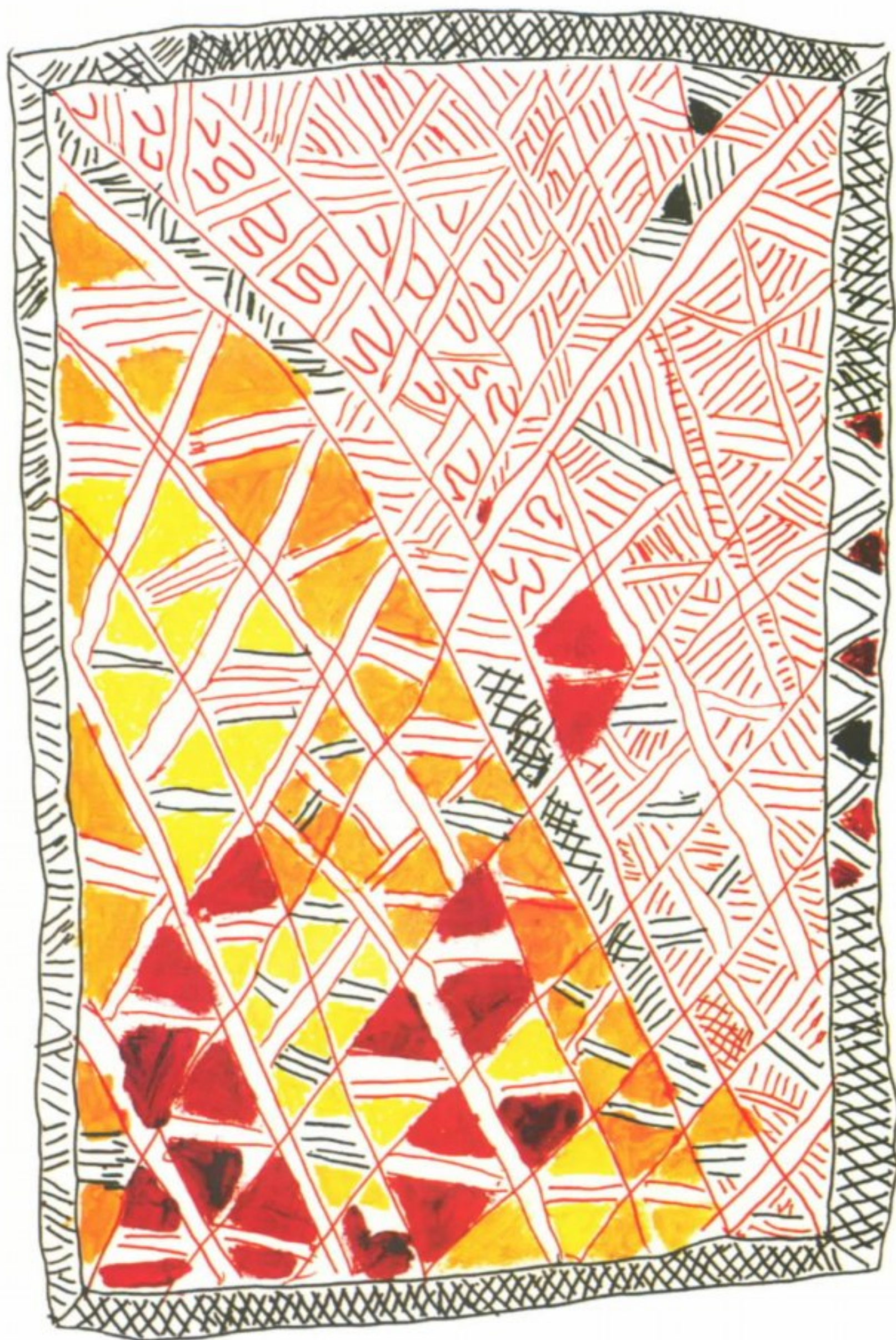






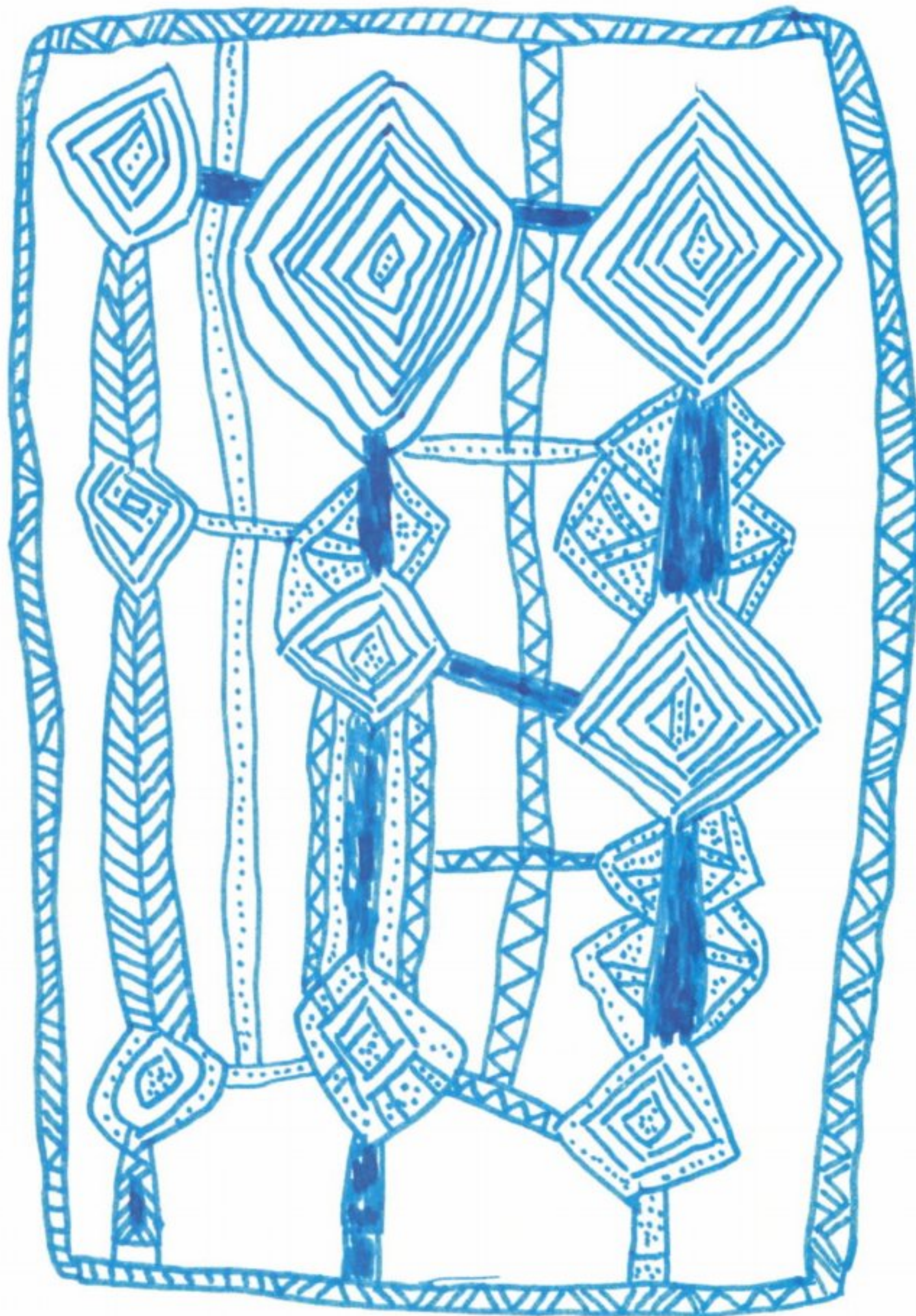


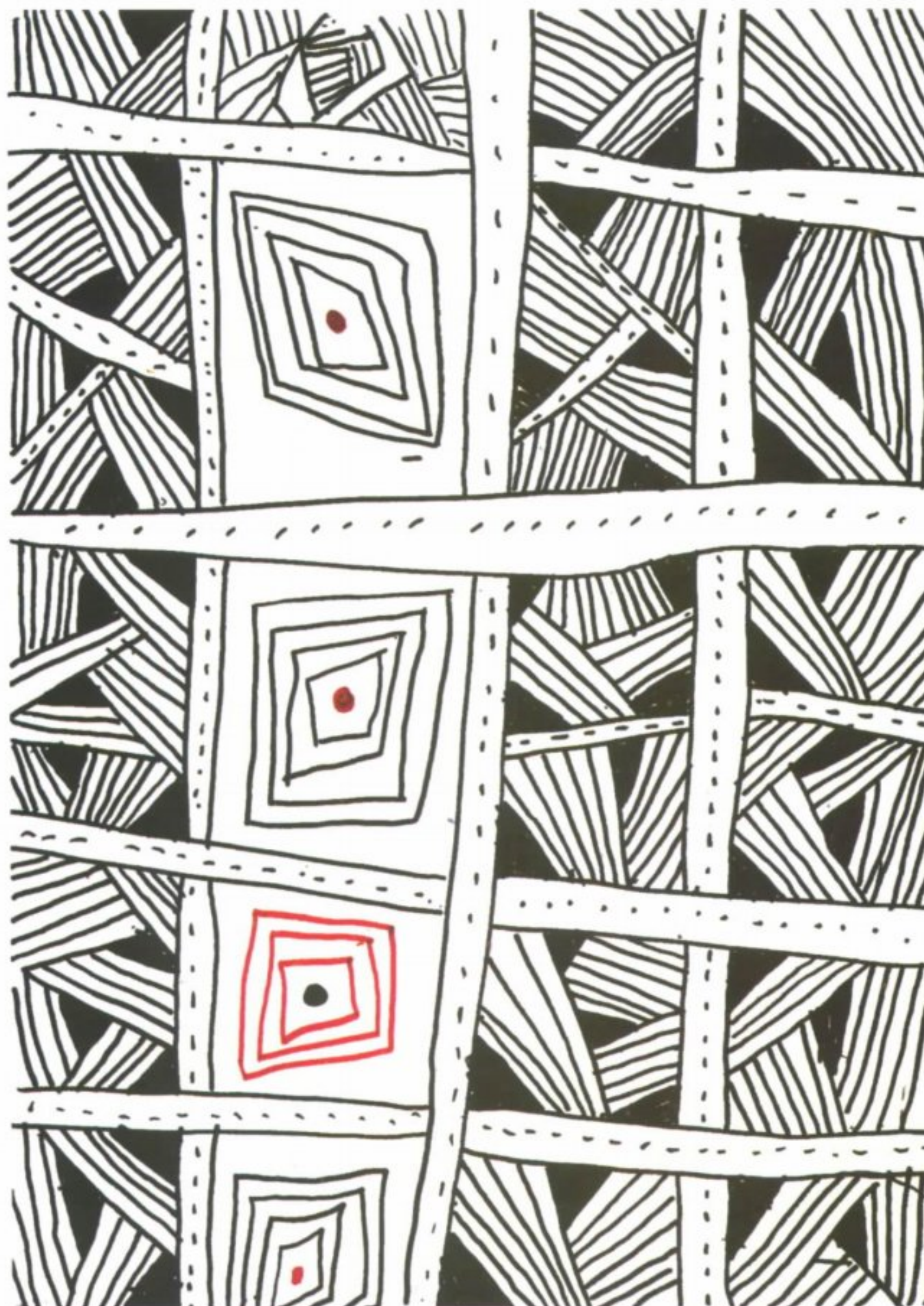


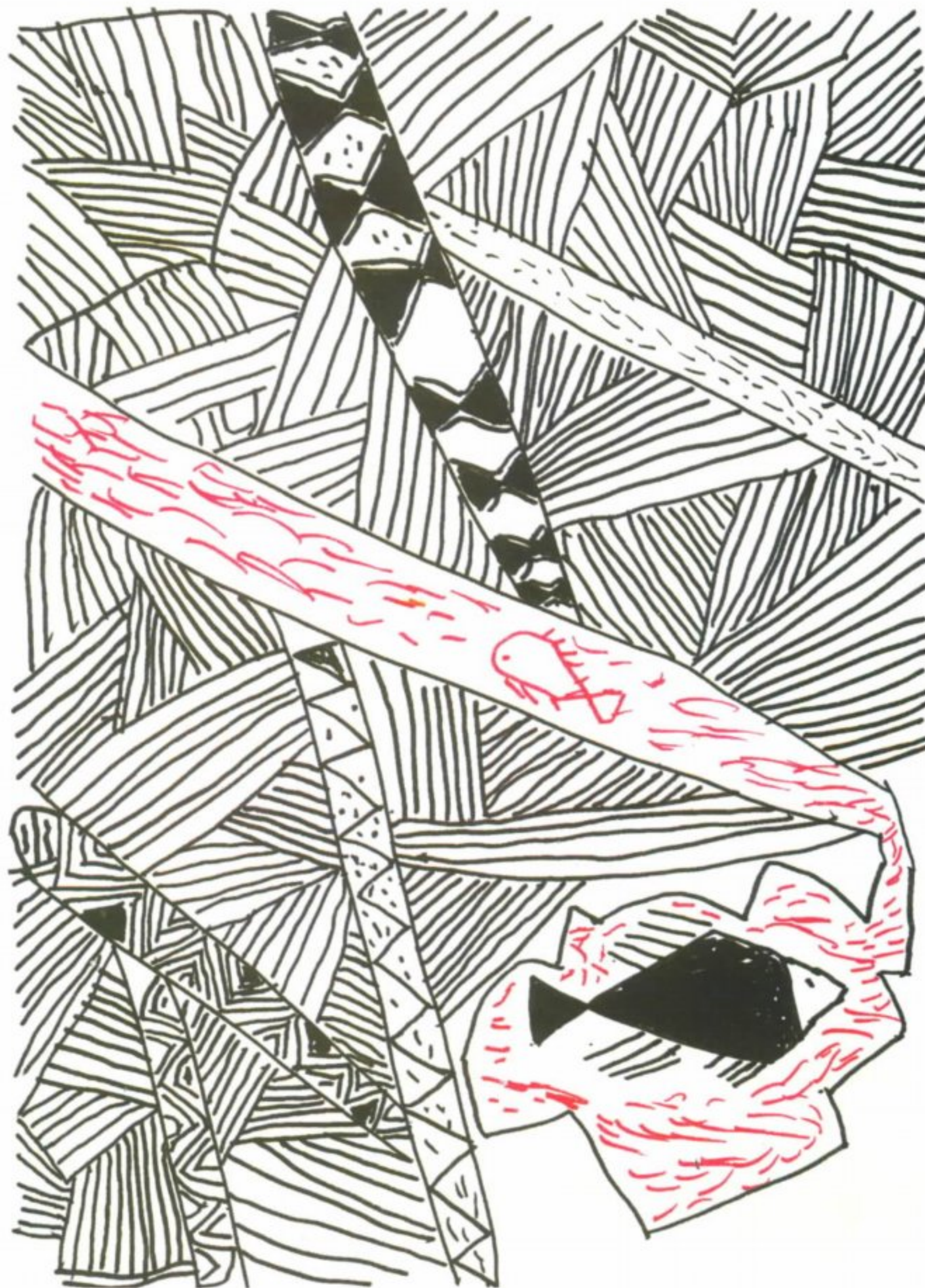












MITOS

Diz a tradição oral dos Wajãpi que a origem das cores e dos padrões gráficos remonta aos tempos primevos, quando surgiram os ancestrais da humanidade atual. No início, não existiam nem cores, nem formas distintas entre os habitantes do mundo: todos eram iguais entre si, sem diferenças marcadas em seus corpos, em suas línguas ou em seus conhecimentos e práticas de vida. Como dizem os Wajãpi, naquele tempo do começo, “todos eram como a gente”.

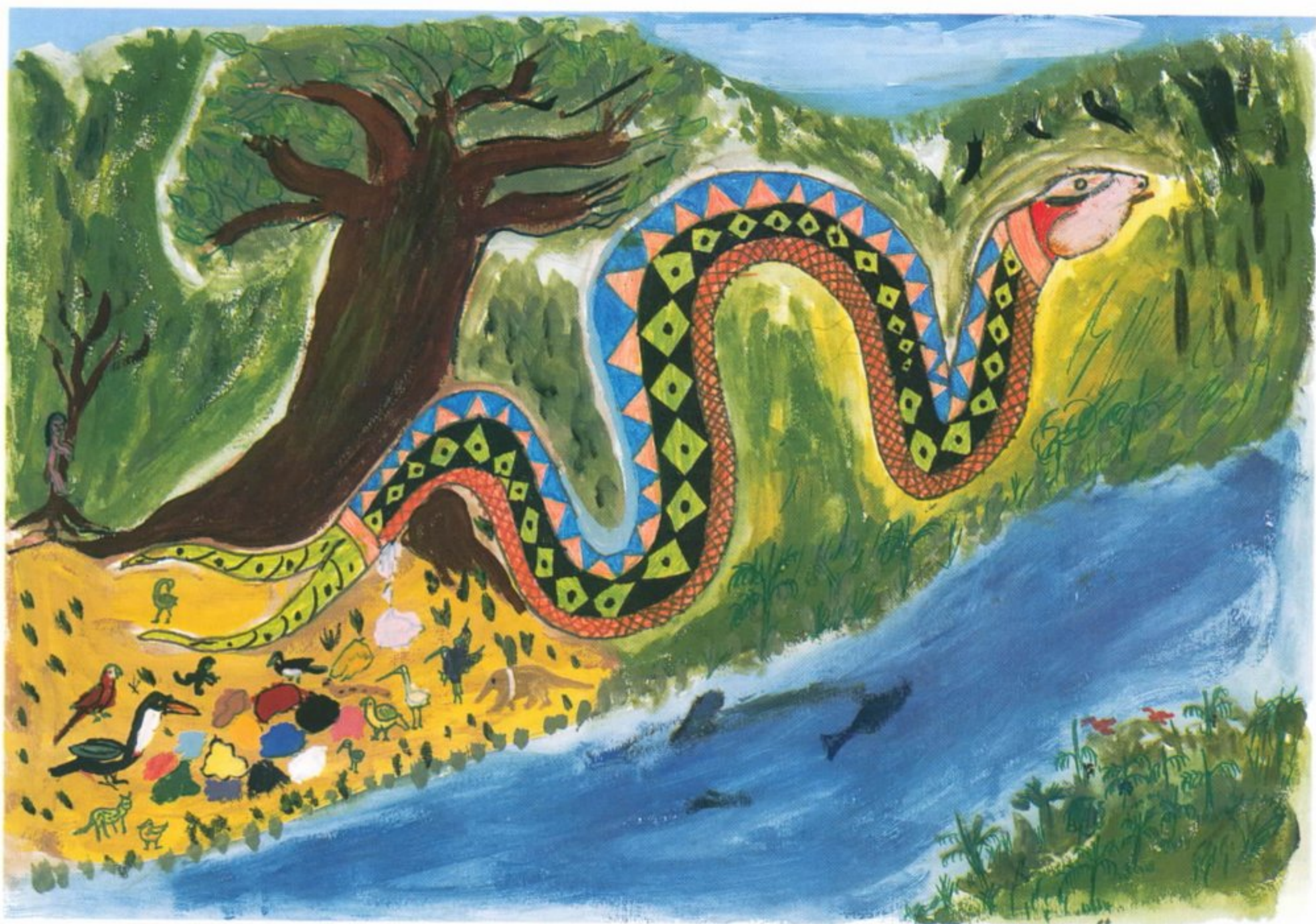
Para organizar a vida em sociedade, o herói cultural *Janejar* promoveu a separação entre homens e animais, destinando a cada um seu espaço diferenciado. Tal especiação ocorreu por ocasião de uma grande festa em que todos, futuros homens e futuros animais, exibiam seus cantos e suas danças. A aparência era a mesma para todos, mas não os repertórios musicais, nem os conhecimentos.

Foi assim que uma parte dos primeiros seres, que estavam dançando à beira do primeiro rio, caíram n'água e se trans-

formaram em peixes. Desde então, eles servem de alimento para os humanos. Mas no fundo das águas, peixes e cobras aquáticas continuam vivendo e festejando como gente. Somente os pajés acessam sem perigo esse domínio, vendo esses seres como eles realmente são: “como a gente”.

No centro da pequena terra originária, havia um grande lajedo de pedra. Nele, vivia um ser poderoso e muito temido, que os humanos mataram. Ao morrer, transformou-se numa imensa anaconda - ou *moju*, na língua wajãpi. Os primeiros homens abriram seu cadáver e extraíram seus excrementos, que eram todos coloridos.





Organizaram uma festa e convidaram seus hóspedes a se pintar com as cores deixadas pela cobra. Enfeitados, os convidados dançaram e executaram seus repertórios de cantos. Quando terminaram, foram embora, voando. Eles são os pássaros que hoje nos aparecem com suas plumagens diferenciadas. Ao se distanciarem dos humanos que ficaram na terra, eles pousaram numa imensa árvore sumameira, de onde se espalharam por todas as direções, levando consigo as águas que correm nos rios e igarapés em toda a terra.

Os homens, que ficaram no centro da terra, ficaram com as danças que os peixes lhes ensinaram na ocasião daquela festa. Mas seus donos originários continuam dançando também, na época da piracema. Os homens também se apropriaram dos cantos dos pássaros, além de aprender com eles os nomes das cores, que designam as plumagens variadas das aves.

Quando ficaram sozinhos no lajedo de pedra, eles observaram a ossada e a pele da anaconda morta, olharam para as espinhas dos peixes que ela havia comido

e foi assim que eles descobriram os padrões com os quais continuam até hoje a decorar seus corpos e seus artefatos, em composições infinitas.

Existem muitas narrativas, contadas nas aldeias wajãpi, para explicar como se repartiu, entre todos os seres do mundo, o domínio dos espaços que se constituem até hoje como habitat das espécies que povoam as águas, a floresta, as montanhas, os céus e as bordas da terra. Nessa distribuição, a humanidade tem um lugar específico, mas sempre instável. Pois os homens não encontraram pronto seu domínio, tendo que forjá-lo, alterando o ambiente para criar roças, aldeias e caminhos. Para isso também, eles precisaram do apoio dos animais que, de acordo com a tradição, lhes ensinaram diversas técnicas necessárias à vida na floresta, além de lhes transmitirem seus repertórios musicais e de padrões decorativos.



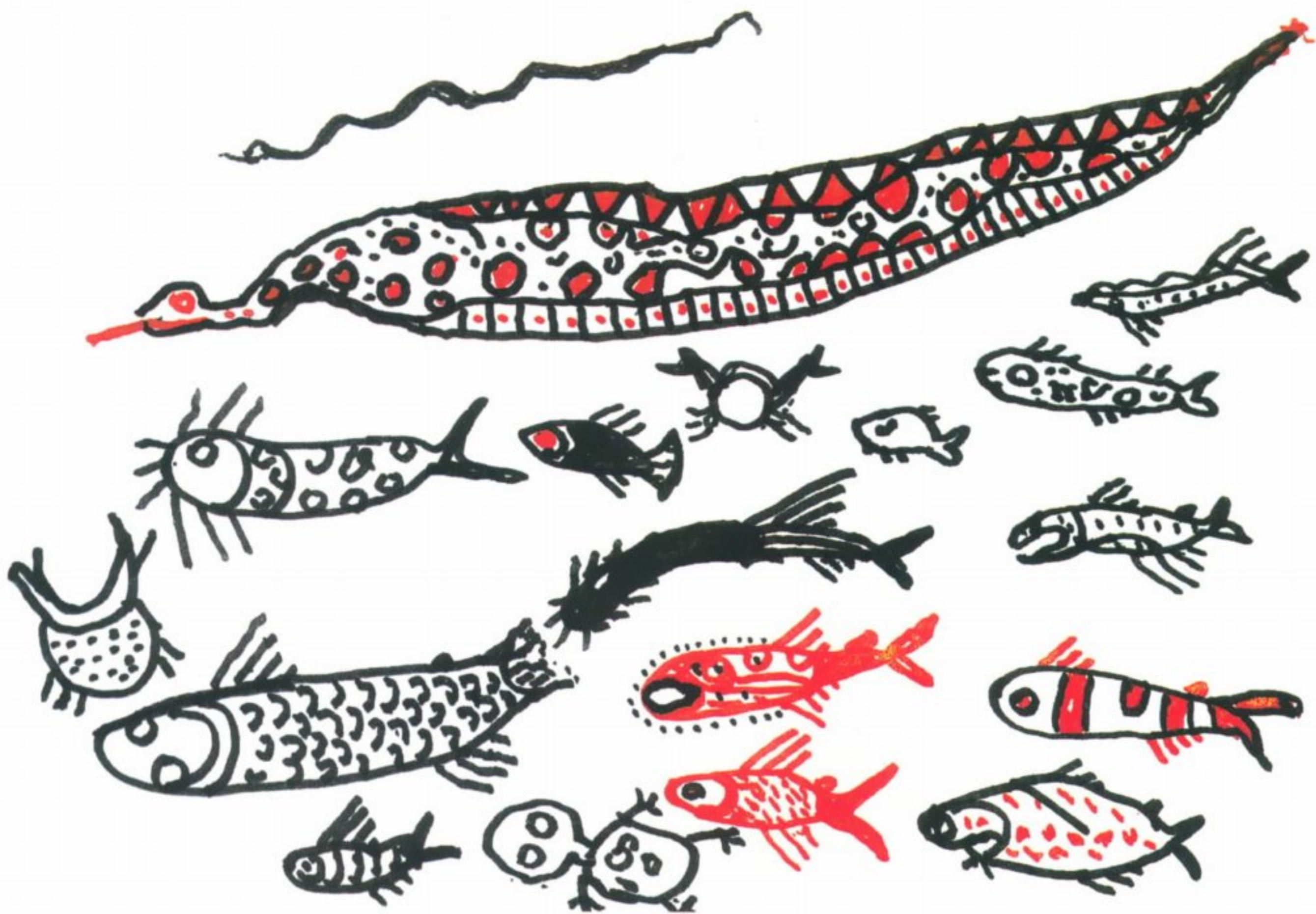


Os que consideramos e vemos hoje como animais possuem almas e continuam se desenvolvendo em acordo com uma vida social semelhante à dos humanos. Também as árvores e a maioria das plantas abrigam almas em corpos de gente, mas desde a especiação promovida por *Janejar* no começo dos tempos apenas os pajés tem acesso à essa realidade.

Janejar significa, literalmente, “nosso dono”, e é quem controlava, no início dos tempos, o destino da humanidade. Tudo e todos, neste mundo, têm seus respectivos donos: homens, plantas, animais e elementos que costumamos considerar “inanimados”, como as pedras. A principal atribuição dos donos de todos esses seres consiste em tomar conta de suas criaturas, cuidando de seu crescimento, seu bem-estar e seu movimento. Na concepção dos Wajãpi, é porque existem mestres específicos, que, todos, podemos nos reproduzir, mantendo a indispensável diferença. A manutenção da diversidade é um pressuposto importante desta cosmologia... Cada porção do universo conhecido é definido

como a moradia de um desses donos e das espécies que ele cria e controla, como se faz com xerimbabos. Mas o criador da humanidade, *Janejar*, deixou de exercer este controle desde que ele foi embora para sua aldeia celeste. Nesta terra, as relações que os humanos mantêm com os donos de animais e de plantas podem se manifestar através de ações de cooperação, na identificação e cura de males e infortúnios, mas podem igualmente resultar em agressão. Pois o dono da caça - ou dos peixes, ou das árvores - irá revidar quando alguém intervir de modo excessivo em seu domínio.

Os humanos não são donos da diversidade existente na terra. Por esta razão, a ruptura no padrão comedido e respeitoso de relações entre esses múltiplos domínios e ambientes, representa uma ameaça para a atual humanidade. Ela será um dia substituída por outra, composta a partir das almas dos mortos, que vivem junto de *Janejar*, nas aldeias celestes, onde todos estão jovens e fartamente decorados com padrões *kusiwa*.



DE KUSIWA À ESCRITA

Como a maior parte das sociedades indígenas da Amazônia, os índios Wajãpi estão hoje envolvidos em programas de alfabetização. Nesse contexto, os jovens vêm procurando traduzir conhecimentos e adaptar novos instrumentos para o seu próprio universo conceitual. Estão particularmente interessados em se apropriar da escrita, considerando o poder que nossa sociedade atribui a essa forma de registro e de transmissão de saber. Para um melhor entendimento dos desafios em jogo na escolarização indígena, é importante difundir os acervos culturais dessas sociedades, em particular, suas variadas formas de linguagem não escrita, entre elas, o sistema gráfico *kusiwa*.

A ampliação de significados atribuídos a esse termo é um desafio para os jovens Wajãpi que freqüentam a escola, considerando as múltiplas transposições conceituais que a expressão carrega e que não estão simetricamente disponíveis quando se passa de uma cultura à outra. O termo se refere ao dente da cotia - *akusi*, utilizado pelos antigos Wajãpi como instrumento para fazer

incisões. *Kusi* era o vocábulo antes exclusivamente utilizado para designar qualquer traço, risco, ou desenho produzido com instrumental variado, em pedras, cerâmica, ou ainda no corpo, para fins decorativos ou terapêuticos. Hoje, *kusiwa* - literalmente, “o caminho do risco” - também se refere à escrita.

Noções complexas como esta não são intraduzíveis, mas quando transpostas ao único espaço da escola, acabam por reduzir a abrangência dos contextos de significação que o termo expressa. O mesmo processo está ocorrendo com o termo *ayvu*, a “palavra”, uma noção carregada de sentidos peculiares e vinculados à transmissão oral de conhecimentos e reflexões sobre o mundo. Esperamos que tanto o grafismo com os padrões discursivos tradicionais dos Wajãpi possam ser melhor apreciados com a leitura deste livro.

OFICINAS DE DESENHO

Os 103 desenhos selecionados para este livro integram um acervo com 450 exemplares, produzidos por membros de diferentes aldeias. Esse acervo é composto de duas coleções, reunidas em épocas e condições muito diferentes. A primeira coleção data de 1983/84, quando os adultos experimentaram pela primeira vez a aplicação de padrões gráficos em folhas de papel. A segunda é o produto das “oficinas de desenho” promovidas pelo Programa Educação do Centro de Trabalho Indigenista / CTI¹, nas aldeias Taitetuwa e Mariry, em 2000.

A primeira oportunidade de transpor os grafismos *kusiwa* no papel foi imediatamente apreciada pelos adultos, que até então não tinham tido a oportunidade de usar canetas e cadernos. As obras circulavam entre as casas de uma aldeia, passando logo a percorrer outras aldeias, promovendo-se, assim, uma intensa crítica sobre a qualidade do grafismo, os elementos do repertório, etc... Ao contrário dos adultos, algumas crianças estavam, na época, aprendendo a escrever e a desenhar na escola, repro-

duzindo figuras sob a orientação e com o traço da professora.

A recente iniciativa de realizar “oficinas e desenho”² partiu da solicitação de alguns chefes de aldeia, preocupados com o desinteresse das crianças e de muitos jovens em aprender a arte gráfica tradicional. Por isso, optou-se por montar as mesas e os painéis da oficina no pátio das aldeias, e não nas escolas. Adultos, crianças vinham participar quando e quantas vezes queriam. Eles não eram dirigidos a ilustrar temas definidos, mas escolhiam livremente. A assessora apenas atendia às solicitações dos que desejassem aprender a manusear nanquim, guache, canetas hidrocor, em papéis brancos ou coloridos. Todos tinham acesso às obras expostas, que eram comentadas diariamente, sendo seus autores incentivados a experimentar novas composições ou registrar elementos menos conhecidos do repertório.

¹ Atividades de formação de jovens e adultos vêm sendo desenvolvidas pelo CTI entre os Wajãpi desde 1991, com apoio da Fundação Mata Virgem da Noruega, do Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da USP e da Coordenação de Escolas Indígenas do MEC. A formação de professores é realizada em parceria com o Núcleo de Educação Indígena do Estado do Amapá.

² Para continuar atendendo à demanda dos mais velhos, outras oficinas foram realizadas em 2000 e 2001, promovendo a discussão e o registro de práticas culturais relacionadas ao conhecimento e ao manejo dos ambientes.



foto Catherine Gallois



foto Catherine Gallois



foto Dominique T. Gallois

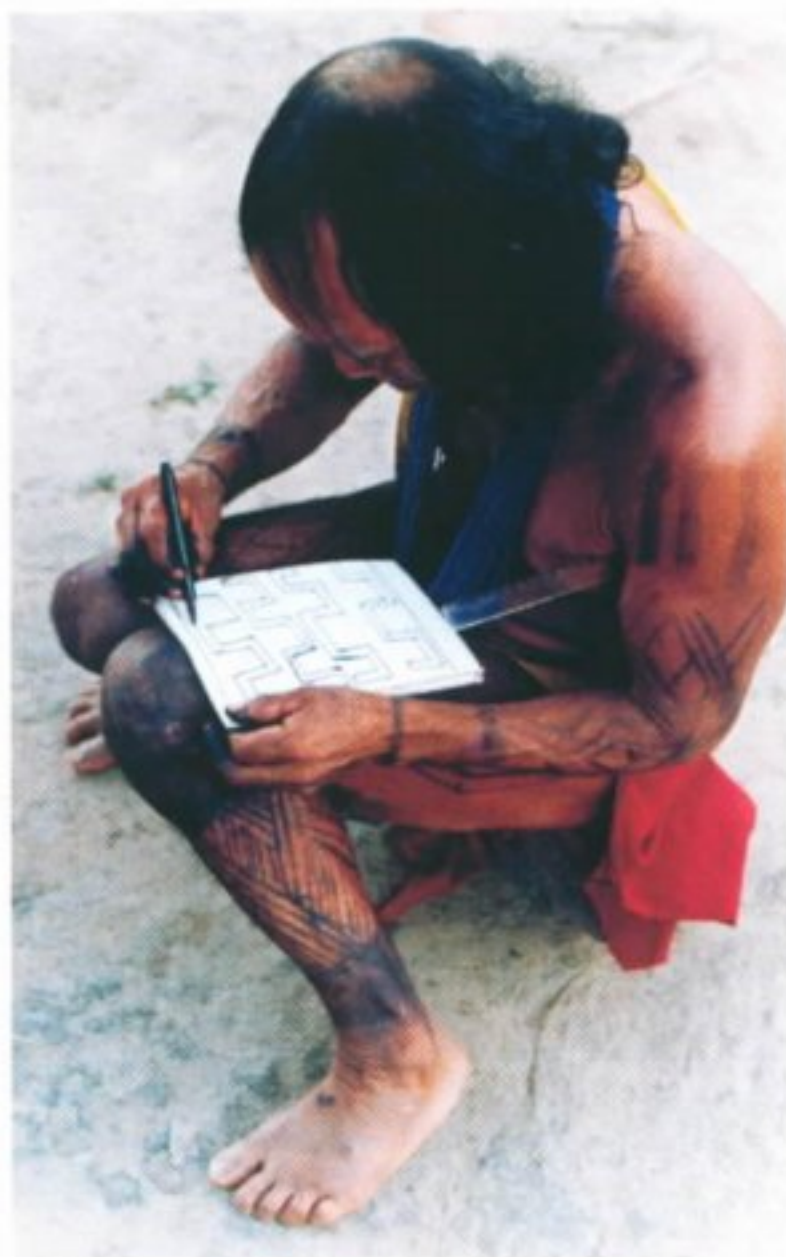


foto Dominique T. Gallois



foto Catherine Gallois



foto Catherine Gallois

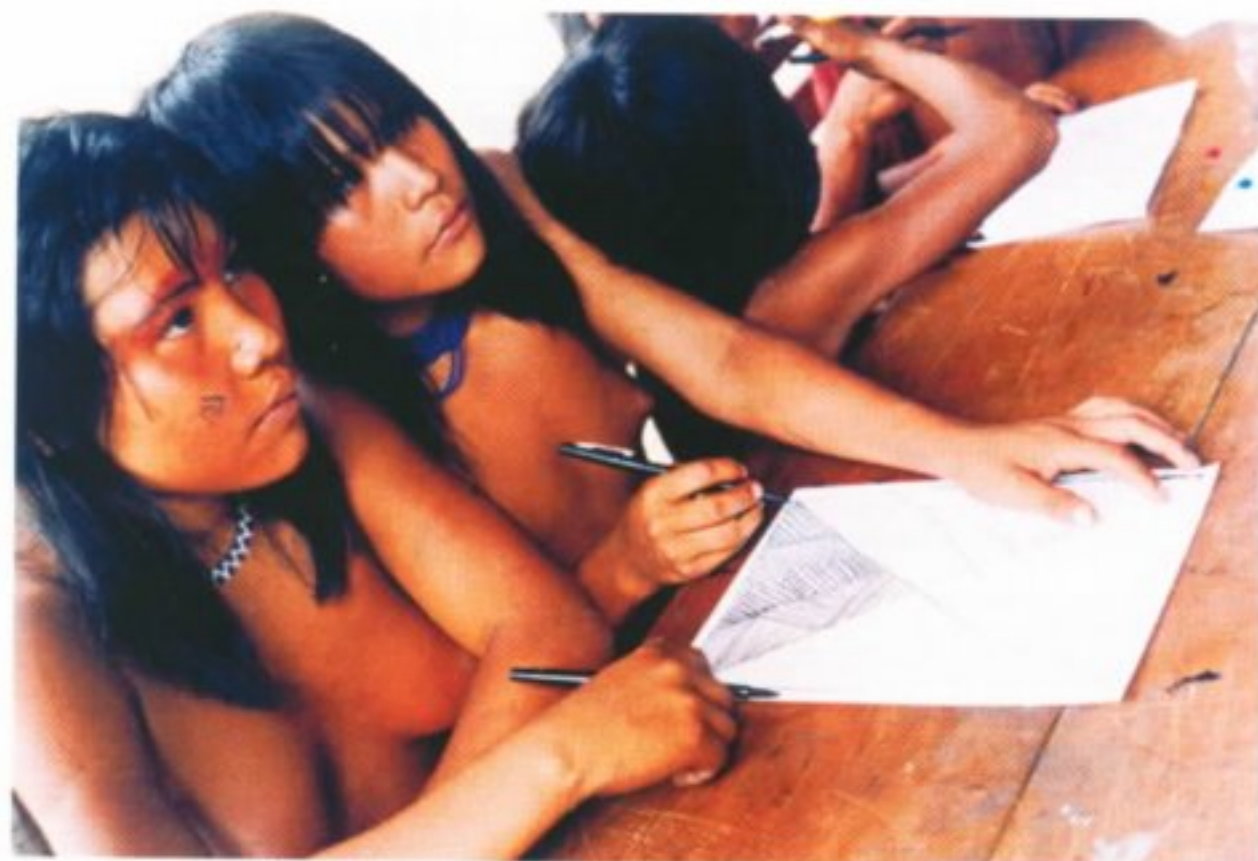


foto Catherine Gallois

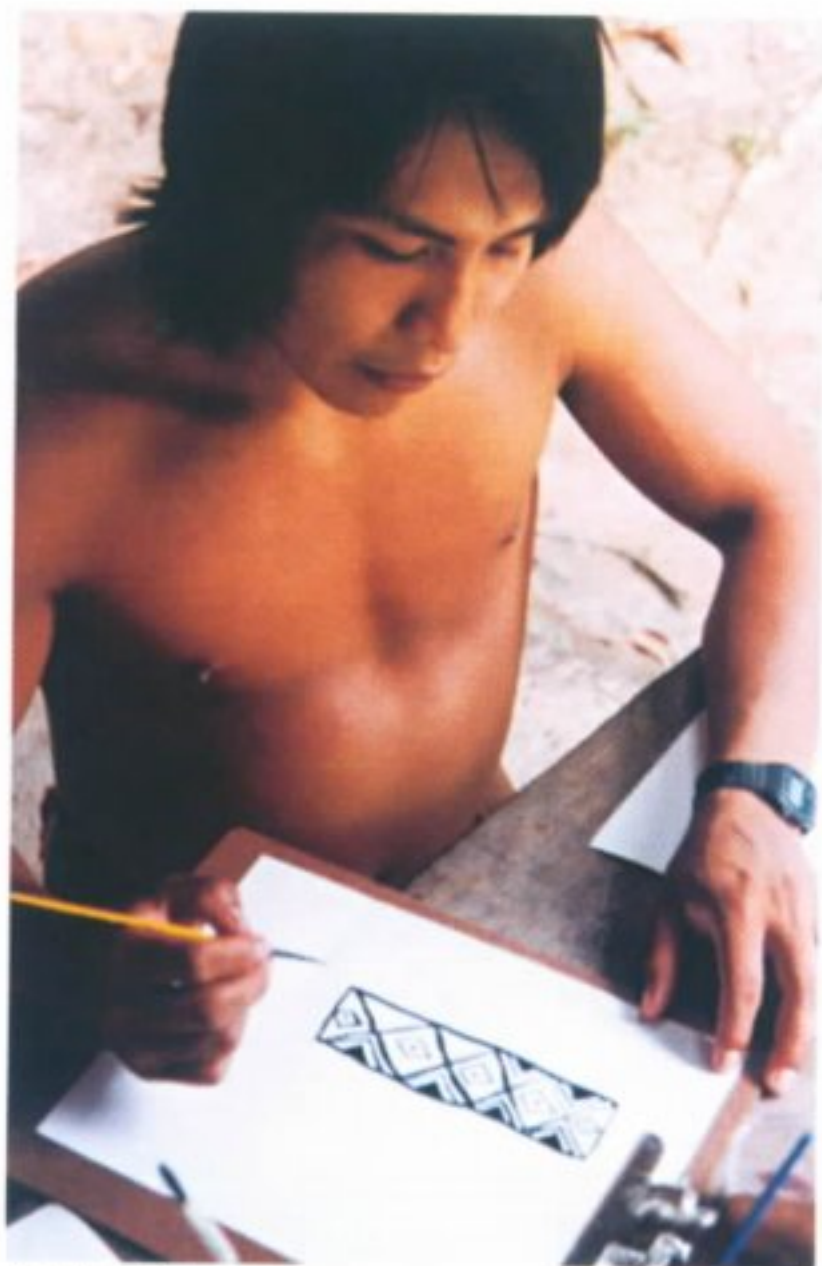


foto Marina Weis

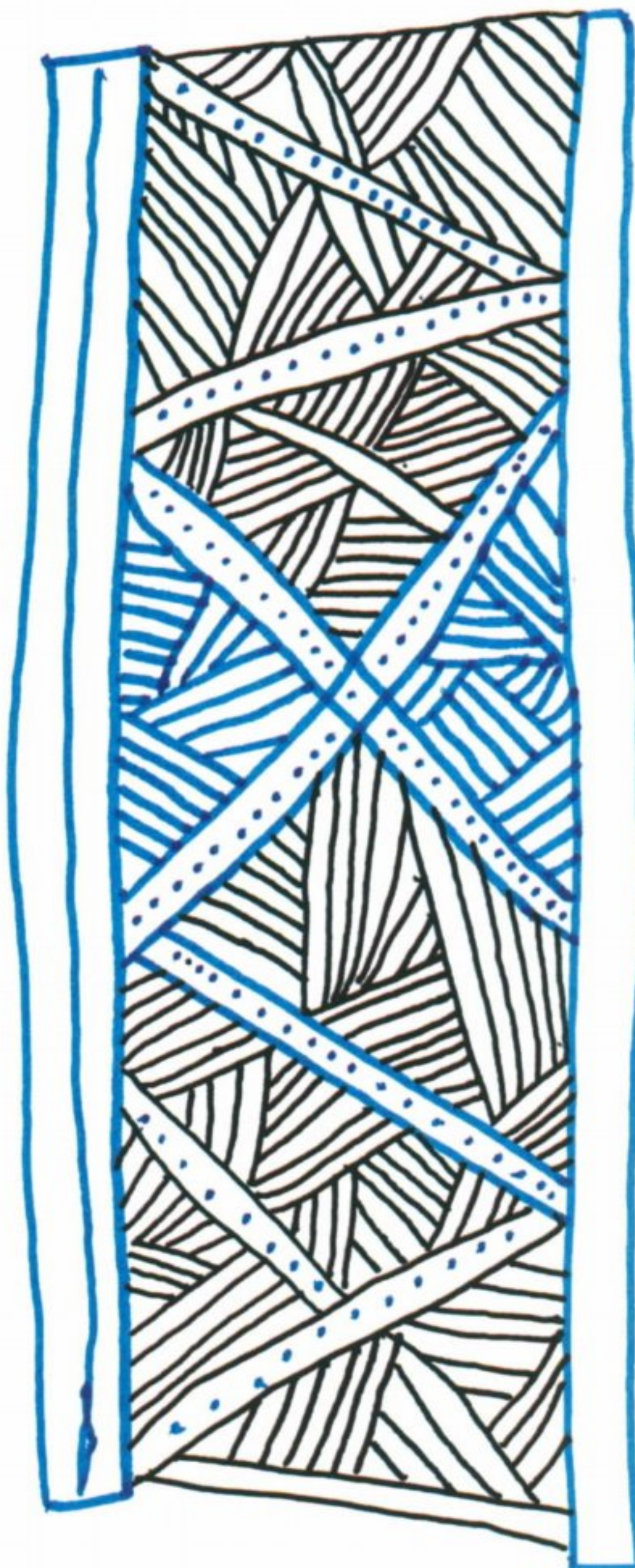


foto Catherine Gallois

PROPRIEDADE INTELECTUAL

Ao levar ao público, através deste livro e da exposição “*Tempo e espaço na Amazônia: os Wajãpi*”, no Museu do Índio, da Funai, Rio de Janeiro, um acervo organizado de padrões e composições que ilustram o sistema gráfico *kusiwa*, os Wajãpi desejam ver reconhecido seu direito de exclusividade para a reprodução e a eventual comercialização de exemplares deste acervo cultural.

Por se tratar de obras elaboradas a partir de um repertório definido de elementos básicos, todos eles identificados por denominações específicas, que incluem também suas variantes, essas composições são reconhecidas como representativas de uma tradição gráfica própria aos Wajãpi. Seus significados estão diretamente relacionados à cosmologia do grupo, encontrando nas narrativas míticas e históricas sua forma de transmissão e o dinamismo próprio à ampliação do repertório. São esses alguns motivos que justificam a exibição deste acervo, que deve ser respeitado como de propriedade intelectual coletiva dos Wajãpi.



CRÉDITOS

Desenhos: Arakura Wajāpi, Arinā Wajāpi, Arikima Wajāpi, Emyra Wajāpi,
Jamy Wajāpi, Januari Wajāpi, Jawari Wajāpi, Jawarua Wajāpi, Karaviju Wajāpi,
Katirina Wajāpi, Kasiripina Wajāpi, Kujuri Wajāpi, Kumai Wajāpi, Kuretari Wajāpi,
Marawa Wajāpi, Matā Wajāpi, Makarato Wajāpi, Marinau Wajāpi, Masiri Wajāpi,
Matupi Wajāpi, Mikiuku Wajāpi, Miwā Wajāpi, Muruti Wajāpi, Namaira Wajāpi,
Nazaré Wajāpi, Nekuia Wajāpi, Parua Wajāpi, Sara Wajāpi, Sawer Wajāpi,
Seni Wajāpi, Siro Wajāpi, Tarakuā'si Wajāpi, Teju Wajāpi, Tue-tue Wajāpi,
Waivisi Wajāpi, Waiwai Wajāpi, Werena Wajāpi, We'i Wajāpi, Winipi'i Wajāpi,
Wynamea Wajāpi, Yrowaite Wajāpi.

Fotos: Catherine Gallois, Dominique Tilkin Gallois, Marina Weis.

p. 4: Paku kā'gwer - Seni Wajāpi /2000

p. 6 e capa: Paku kā'gwer - Miwā Wajāpi /1983

p. 70: Composição - We'i Wajāpi /2000

*Este livro foi composto em Humanist.
O miolo foi impresso em papel couchê
matte 150 g/m² e a capa, em cartão
triplex 300 g/m²,
pela Gráfica Imprinta, com fotolitos
fornecidos pela Engenho & Arte, para
o Museu do Índio, Rio de Janeiro,
em fevereiro de 2002.*

Os índios Wajãpi falam uma língua Tupi-Guarani e vivem no Estado do Amapá, em uma região de florestas e de serras. Sua terra foi demarcada e homologada em 1996. São 550 pessoas, distribuídas entre mais de 40 aldeias.



Para as pinturas corporais, os Wajãpi utilizam sementes de urucum, gordura de macaco, suco de jenipapo verde e resinas perfumadas. Desenham peixes, cobras, pássaros, borboletas e também objetos como, por exemplo, a lima de ferro. As pinturas aplicadas no corpo não são tatuagens nem decalques, nem são marcas étnicas ou símbolos rituais. É sua tradição decorar corpos e objetos por prazer estético e desafio criativo.

É interesse dos Wajãpi divulgar seus desenhos na forma de um livro, com a expectativa de ampliar o diálogo com todos aqueles que reconheçam neste novo formato para a expressão de sua tradição um patrimônio que lhes é próprio e que esperam ver cada vez mais difundido e respeitado.



Centro de Trabalho Indigenista



**Núcleo de História Indígena
e do Indigenismo / NHII-USP**



ISBN 85-85986-03-4

